



Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Dissertação de Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura 2017/2018

A representação dos emigrantes portugueses nos programas sobre emigração na televisão portuguesa

Mestranda

Mara Lúcia Contreiras Alves

Orientador

Professor Doutor Luís Joaquim Rodrigues Bonixe

Outubro 2018

Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Dissertação de Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura 2017/2018

**A representação dos emigrantes portugueses nos
programas sobre emigração na televisão portuguesa**

Mestrando

Mara Lúcia Contreiras Alves

Orientador

Professor Doutor Luís Joaquim Rodrigues Bonixe

Outubro 2018

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Gabriel que ainda está dentro da barriga.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu filho por me ter proporcionado uma gravidez tão tranquila que me permitiu realizar esta dissertação em tempo *record*, desde o início da gravidez e praticamente até ao fim.

Ao meu marido: sem ele desenvolver este trabalho não teria sido possível! Quero agradecer pelo apoio, carinho e compreensão.

À minha irmã Élia por ter sido uma das primeiras impulsionadoras deste projeto.

Ao meu professor e orientador pela motivação, pela paciência e disponibilidade. Sem a sua persistência e sabedoria não ter sido possível. Obrigada!

**JÚRIS DE AVALIAÇÃO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
EM JORNALISMO, COMUNICAÇÃO E CULTURA**

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI:

PRESIDENTE: Prof. Doutor Abílio José Maroto Amiguiinho

ARGUENTE: Prof^a. Doutora Teresa Costa Alves

ORIENTADOR: Prof. Doutor Joaquim Luís Rodrigues Bonixe

RESUMO

Esta é a era da informação, onde tudo está ligado numa ininterrupta rede virtual. A evolução da tecnologia deu lugar a uma nova sociedade, vivemos ferozmente despertos sob novos significados, novas formas de interação e com acesso ilimitado à informação, simples e instantânea, atributos que acompanham a sociedade contemporânea. Nesta massificação de informação, que nos chega à palma da mão, os *media* continuam a desempenhar um importante papel enquanto construtores da realidade e promotores de proximidade.

Deste modo, o nosso estudo enquadra-se na investigação dos *media* televisivos e tem como objetivo primordial a análise de conteúdo de programas de televisão dedicados à emigração presentes em órgãos de comunicação nacionais, nomeadamente, o canal generalista da RTP e a RTP Internacional.

O nosso principal objetivo é analisar de que forma é que a emigração portuguesa é retratada nesses meios, nomeadamente, ao nível da narrativa e discurso.

Palavras-Chave: Emigração portuguesa; RTP; RTP Internacional; Entretenimento; Identidade portuguesa

ABSTRACT

This is the information era, where everything is connected in an uninterrupted virtual network. The evolution of technology gave way to a new society. We live fiercely awake under new meanings, new forms of interaction and with unlimited access to information, simple and immediate, traits that accompany this contemporary society. In this mass of information reaching us at the palm of our hands, mass media continue to play an important role as builders of reality and promoters of proximity.

Thus, our study is part of the investigation on television media, and its main objective is the analysis of content of television programs dedicated to emigration present in Portuguese national media, namely RTP main channel and RTP International.

Our main objective is to analyze how Portuguese emigration is portrayed in these media, namely at the level of narrative and discourse.

Keywords: Portuguese emigration; RTP; RTP International; Business Center; Portuguese identity

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	8
1. SOBRE A PORTUGALIDADE E SER PORTUGUÊS	11
1.1 Ser português	12
1.2 Portugalidade	23
2. AS TEORIAS DOS <i>MEDIA</i> E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE	32
2.1 A teoria estruturalista e a teoria interacionista	37
3. OS <i>MEDIA</i> ENQUANTO PROMOTORES DA PROXIMIDADE	44
3.1 A construção da identidade na sociedade em rede	44
3.2 A proximidade como estratégia nos <i>media</i>	54
4. OS <i>MEDIA</i> PORTUGUESES E A EMIGRAÇÃO	61
5. METODOLOGIAS	65
5.1 Análise de conteúdo como técnica de investigação em ciências sociais	65
5.2 Aspetos gerais	71
5.3 Objetivos do estudo	71
5.4 Caracterização do estudo e <i>corpus</i> de análise	72
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	76
6.1 Descrição geral dos programas analisados	76
6.2 Análise quantitativa e qualitativa comparativa	81
6.3 Análise geral da caracterização dos programas	82
6.4 Análise geral da caracterização dos entrevistados	86
6.5 Análise qualitativa da narrativa e discurso geral	91
7. CONCLUSÕES	106
BIBLIOGRAFIA	114
ANEXOS	

Programa “Hora dos Portugueses” RTP Internacional

Anexo I - Registo Trimestral do ano de 2016	2
Anexo II- Registo Trimestral do ano de 2017	3
Anexo III - Registo Trimestral do ano de 2018	4
Anexo IV- Caracterização Geral do ano de 2016	5
Anexo V - Caracterização Geral do ano de 2017	6
Anexo VI - Caracterização Geral do ano de 2018	7
Anexo VII- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2016	8

Anexo VIII- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2017	10
Anexo IX- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2018	12
Anexo X- Narrativa e Discurso Geral (todos os anos)	13

Programa “Notícias do Meu País” RTP

Anexo XI - Registo Trimestral dos anos 2016 e 2017	14
Anexo XII- Registo Trimestral do ano de 2018	15
Anexo XIII - Caracterização Geral dos anos de 2016,2017,2018	18
Anexo XIV - Narrativa e Discurso trimestral dos anos de 2016 e 2017	19
Anexo XV- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2018	20
Anexo XVI- Narrativa e Discurso Geral (todos os anos)	21

Programa “Portugueses Pelo Mundo” RTP

Anexo XVII - Registo Trimestral do ano de 2016	22
Anexo XVIII - Registo Trimestral do ano de 2017	23
Anexo XIX - Registo Trimestral do ano de 2018	24
Anexo XX - Caracterização Geral do ano de 2016	25
Anexo XXI - Caracterização Geral do ano de 2017	26
Anexo XXII – Caracterização Geral do ano de 2018	27
Anexo XXIII- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2016	28
Anexo XXIV- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2017	29
Anexo XXV- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2018	31
Anexo XXVI- Narrativa e Discurso geral (todos os anos)	32

Dados gerais

Anexo XXVII - Caracterização Geral dos Programas	33
Anexo XXVIII- Caracterização Geral dos Entrevistados	34

INTRODUÇÃO

Esta é a era da informação, onde tudo está ligado numa ininterrupta rede virtual, a evolução tecnológica deu lugar a uma nova sociedade, onde vivemos ferozmente despertos, sob novos significados, novas formas de interação e com acesso ilimitado à informação. O novo paradigma tecnológico fornece a base material para uma nova construção social. Viver significa estar *on line*, aliás essa é condição *sine qua non* para a inclusão neste novo padrão. Como diz Castells:

“A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação da nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos propriamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social”. (Castells, 1999: 497)

A partilha de valores, cultura e símbolos são características inerentes aos indivíduos de uma sociedade. Pertencer a um país, faz de nós cidadãos dessa nação e membros de uma identidade coletiva à qual não podemos fugir. Partilhamos a mesma língua, tradições e um território pelo qual nutrimos um sentimento de pertença. Ser português é ser histórica e culturalmente marcado por características distintas. Em 1915, Teixeira de Pascoaes escrevia que “o português como indivíduo herda as qualidades de família, herda as da sua raça, porque o homem não cabe dentro dos seus limites individuais. O português participa também da herança étnica histórica ou tradicional adquirindo assim uma segunda vida que, por mais vasta, abrange e domina a sua existência de indivíduo” (Pascoaes, 1978:19). E, se há mais de 500 anos os nossos navegadores foram desbravadores de mares, hoje o sentido de aventura e partir à descoberta mantêm-se no sangue português. O Observatório da Emigração indica-nos, no relatório anual de 2017, que Portugal continua a ser, em termos acumulados, o país da União Europeia com mais emigrantes em proporção da população residente. A emigração é, de resto, um dos fenómenos mais relevantes em Portugal e, entre novas e velhas emigrações, a identidade coletiva ganha ainda mais importância para quem vive noutro país. Estudar de que forma é que essa identidade se manifesta na emigração e de que modo é reproduzida pelos meios televisivos é uma das primazias deste estudo. Para levarmos essa tarefa avante, propomo-nos a analisar programas de televisão dedicados à emigração e, assim, descodificar através das suas temáticas, narrativas e discursos que representação é feita dos emigrantes portugueses nesses programas. A televisão é um meio de grande impacto; além das suas características primárias de formar, informar o entreter, o ato de ver televisão ao longo dos anos contribui para a construção de uma realidade, com o poder de estimular uma multiplicidade de símbolos, através dos quais, os indivíduos se

identificam, enquanto parte de um todo. A televisão “tanto pela informação como pela distração que nos proporciona, constituindo assim a principal janela aberta sobre um mundo diferente do da vida de todos os dias” (Wolton, 1994:46). Com as novas tecnologias, a comunicação torna-se instantânea e tem a capacidade de destruir distâncias, “estamos hoje perante uma sociedade “em direto”, em que a televisão é ao mesmo tempo uma janela para o mundo e o meio de reafirmar a identidade nacional de cada um de nós, fornecendo um sentimento de pertença nacional” (Brandão, 2002:12). A sociedade não pode ser desagregada do papel exercido pelos *media*, é exacerbada a influência que os meios de comunicação têm nas nossas vidas, são eles que escolhem o quê e quando vemos e, conseqüentemente, o que pensamos acerca do mundo. Esta é a fundamentação teórica que sustenta a nossa investigação, atentando no contributo que os *media* oferecem para a construção da realidade e por efeito para a estruturação da sociedade, aprofundar o seu estudo é de extrema importância para a atualidade.

É esta tarefa de análise e reflexão sobre os meios televisivos, que nos propomos concretizar, buscando complementar a investigação já existente, mas também, enriquecer o estudo das Ciências da Comunicação. Deste modo, a nossa investigação enquadra-se no meio televisivo e tem como objetivo primordial a análise de conteúdo de programas de televisão, dedicados à emigração, presentes em órgãos de comunicação nacionais, nomeadamente, o canal generalista da RTP1 e a RTP Internacional. De acordo com vários autores que citaremos, a identidade nacional é um fator determinante e legitimante para as televisões generalistas, nomeadamente e, em especial, para a televisão pública e, por isso, esta análise recairá sob a estação pública de televisão portuguesa.

“Quanto mais a televisão for generalista, em sintonia com os múltiplos componentes da sociedade, melhor desempenhará o seu papel no âmbito da comunicação nacional, de tanta importância (...) A televisão é o principal espelho da sociedade; para a coesão social, é fundamental para que os componentes sociais e culturais da sociedade se possam encontrar e rever no principal meio de comunicação social”. (Wolton, 2000:61)

Neste sentido, considerámos pertinente conhecer e compreender de que modo é que o canal público de televisão aborda e apresenta a emigração. A nível empírico, socorremo-nos de técnicas de análise qualitativa e quantitativa que vão ao encontro dos nossos objetivos metodológicos e que permitirão não só compreender os dados recolhidos como retirar conclusões e, assim, responder à nossa questão de partida: Que representação é feita dos emigrantes portugueses nos programas sobre emigração emitidos na televisão portuguesa? A nível teórico, o nosso estudo centra-se em quatro capítulos: O primeiro - “Portugalidade e ser português” - é uma tentativa de definição do “ser português”, para isso valemo-nos de

vários autores, cuja obra ou parte dela, foi dedicada a esta temática. De Camões, passando por Fernando Pessoa, Pascoaes (1978), Monteiro (1944), Antunes (2011), Mattoso (2015), Lourenço (1992), Sousa (2014 e 2017) e Dias (1986), são alguns dos teóricos que nos ajudaram a nortear a nossa investigação. Conscientes de que os *media* constroem a realidade, era imperativo fundamentarmos este tema que serve de base para o entendimento do papel desenvolvido pelos *media* na nossa sociedade - “As Teorias dos Media e a construção social da realidade” - é o título do segundo capítulo, onde faremos uma incursão por aquelas que são consideradas as teorias que defendem as notícias como construtoras da realidade (teoria interacionista e estruturalista). Neste sentido, existem variadíssimos autores dedicados a este tópico, Traquina (1999) e (2007), Wolf (2002), Schudson (2003), Saperas (1993) Hall, S. *et al.* (1993) são alguns dos autores que nos auxiliaram na teorização deste tema. No terceiro capítulo, intitulado - “Os Media enquanto promotores de proximidade” - analisaremos dois pontos fulcrais para este estudo, a proximidade e a identidade como estratégias comunicacionais. Exercendo uma função fundamental na construção social da realidade, os *media* assumem também um papel na formação da identidade coletiva. Assim, pretendemos analisar o papel dos meios de comunicação social, enquanto dispositivos promotores de identidade e proximidade. Para a argumentação deste capítulo valeram-nos autores como: Alves (2007), Bonixe (2014, 2015, 2017), Camponez (2012), Castells, (2005 e 1999), Ciampa, (1977) Garcia (2017), Giddens, (2002), Gil (2009). Lourenço (1988). Moura (2010). Santos (2008) e Sousa (2017). No quarto capítulo - “Os *media* portugueses e a emigração” - é um breve retrato dos conteúdos que existem sobre a temática da emigração. No que toca à fase empírica, analisaremos três programas de televisão da estação pública portuguesa, os programas: “Hora dos Portugueses” da RTP Internacional, “Portugueses Pelo Mundo” e “Notícias do meu País” da RTP 1. Numa primeira análise, as temáticas, os países, o número de entrevistados, a idade, os anos e razões de emigração, são alguns dos aspetos a ter em conta. Posteriormente, a partir das entrevistas e reportagens, apresentadas nesses programas, procurámos identificar no discurso e narrativa referências identitárias portuguesas. A nossa investigação assentou numa caracterização individual de cada programa, mas também numa análise comparativa, procurando identificar, quer aspetos comuns quer distintos, entre os programas. É inegável a importância que os *media* têm para a sociedade; nesse sentido, consideramos que a nossa investigação poderá dar um importante contributo para um maior conhecimento e compreensão dos meios de comunicação social, enquanto construtores da realidade social, dentro do campo da emigração, um tema cuja contemporaneidade é incontestável, não só por fazer parte da nossa história, mas também como um fenómeno a nível europeu.

1. SOBRE A PORTUGALIDADE E SER PORTUGUÊS

Considerando os objetivos do estudo, que de modo breve enunciámos na Introdução, julgamos relevante começar por tentar entender o que significa ser português. Nesse sentido, no I capítulo resgatámos algumas contribuições teóricas em torno do conceito de "portugalidade". Ao encontro do objetivo do presente estudo, debruçamo-nos, também, sobre o significado da palavra 'portugalidade'.

A palavra 'portugalidade' é pouco frequente no vocabulário do dia-a-dia, não sendo, no entanto, um termo completamente estranho aos nossos ouvidos e, com certeza, alguns de nós já ouviram, ou já leram a dita palavra em algum lugar. Talvez, nunca tenhamos pensado acerca do seu significado, até porque, pela sua composição e sonoridade interpretamo-la, como sendo, algo relacionado com Portugal. Em género de comparação, os britânicos são *british*¹ (relativo aos habitantes da Grã-Bretanha e Reino Unido) e os australianos são *aussie*² (relativo aos habitantes da Austrália) estas são expressões que dominam o léxico popular e referem-se a um sentimento de pertença a um determinado país. Contudo, 'portugalidade' não se assume, apenas, como uma simples palavra que podemos encontrar em qualquer dicionário, até porque ela não surge em nenhum Dicionário da Língua Portuguesa (Sousa, 2017). Esse pormenor serve como um legítimo impulso para uma exploração mais alargada, em torno de uma palavra portuguesa, cuja complexidade da sua definição começa no simples ato de pesquisar pelo seu significado. Descartado o dicionário, partimos para uma pesquisa *on line* e, ao colocarmos no *browser* o termo 'portugalidade' surgem de imediato dois dicionários com a prometida definição, ainda que, com descrições semelhantes. A primeira entrada refere 'portugalidade' como sendo uma "qualidade própria do que é português; específico da cultura ou da história de Portugal; sentimento de amor ou de grande afeição por Portugal" (Priberam, 2018)³. Na "Infopédia", 'portugalidade' é a "qualidade do que ou de quem é português; conjunto de traços considerados distintivos da cultura e história de Portugal; sentimento de afinidade ou de amor por Portugal". (Infopédia, 2018)⁴. Agregado a isto, o senso comum dá mais força ao conteúdo destas definições. Como portugueses que somos, cada um de nós terá, indubitavelmente, uma noção daquilo que considera imperativo para se ser um verdadeiro português, como por exemplo: torcer pela seleção portuguesa de futebol, ter orgulho na tradição, cultura e gastronomia portuguesas. Afinal, o sangue corre-nos pelas veias, conhecemos as nossas raízes e as características que nos descrevem como povo, o assunto parece estar arrumado: 'portugalidade' significa ser português. Ainda assim, definir

¹ Entrada do dicionário da palavra *British*. Disponível em: oxforddictionaries.com/pt/british [Acedido a 21 de Março de 2018].

² Entrada do dicionário da palavra *Aussie*. Disponível em: oxforddictionaries.com/pt/aussie [Acedido a 9 de Março de 2018].

³ Definição da palavra Portugalidade. Disponível em: [priberam/portugalidade](http://priberam.pt/dlpo/portugalidade) [Acedido a 21 de Março de 2018].

⁴ Definição da palavra Portugalidade. Disponível em: [infopedia/portugalidade](http://infopedia.pt/pt/portugalidade) [Acedido a 21 de Março de 2018].

'portugalidade' desta forma tão elementar, denota alguma ambiguidade, sobretudo, por envolver uma particularidade intrínseca no seu conteúdo que merece ser analisada. Isto é, se 'portugalidade' significa o mesmo do que ser português, então qual a definição exata daquilo que se entende por ser português? Estas dúvidas lançam-nos para o objetivo deste capítulo, descobrir o que é a 'portugalidade' e o que significa ser português.

1.1 SER PORTUGUÊS

*“Em princípio, todo o português que sabe ler e escrever se acha apto para tudo, e o que é mais espantoso é que ninguém se espante com isso”.
(Eduardo Lourenço)*

Para deslindarmos esta questão, consideraremos em primeiro lugar uma interpretação oficial, ou seja, o que é ser português para o Estado, para isso baseamo-nos na “Lei da Nacionalidade” (princípio que rege e determina quem é português, lei n.º 37/81, de 03 de Outubro)⁵. Portanto, a Assembleia da República decreta que são considerados “portugueses de origem” quem cumprir os seguintes requisitos: nascer em Portugal; ser filho de pais portugueses; filhos de estrangeiros nascidos em Portugal e nascidos no território português que não possuam outra nacionalidade, a isto agrega-se, os estrangeiros com cidadania portuguesa, situação prevista pelo decreto “Aquisição da Nacionalidade” (artigo nº6)⁶. Assim, são considerados cidadãos portugueses estrangeiros que cumpram os seguintes requisitos.

“Os estrangeiros maiores ou emancipados à face da lei portuguesa, que residam legalmente no território português, há pelo menos seis anos, desde que conheçam suficientemente a língua portuguesa, não tenham sido condenados, com trânsito em julgado da sentença, pela prática de crime punível com pena de prisão de máximo igual ou superior a três anos, segundo a lei portuguesa e não constituam perigo ou ameaça para a segurança ou a defesa nacional, pelo seu envolvimento em atividades relacionadas com a prática do terrorismo, nos termos da respetiva lei.” (Artigo nº 6, Lei n.º 37/81, de 03 de Outubro)⁷

Para irmos mais além no entendimento deste ponto, socorremo-nos de José Mattoso que no prefácio do livro “Identidade Portuguesa”, mencionava que a nacionalidade não depende só da existência de um Estado “(...) verifica-se, do ponto de vista social, que a nacionalidade não depende só da existência de um Estado, com os seus órgãos, leis e território”. (Mattoso,

⁵ A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea a) do artigo 167.º e do n.º 2 do artigo 169.º da Constituição, o seguinte: Lei da Nacionalidade (Lei n.º 37/81, de 03 de Outubro). Disponível em: [Procuradoria Distrital de Lisboa](#). [Acedido a 04 de Abril de 2018.]

⁶ Lei da Nacionalidade (Lei n.º 37/81, de 03 de Outubro) Secção III Aquisição da nacionalidade por naturalização. Disponível em: [Procuradoria Distrital de Lisboa](#). [Acedido a 04 de Abril de 2018.]

⁷ Idem.

2015: XXVI). A cultura, a tradição e a língua são fatores identificativos de qualquer país e quem é cidadão desse território entende, intrinsecamente, essas características essenciais na construção de uma nação, o que implica também “um vínculo mental que associa entre si os seus cidadãos, o qual, apesar de não se poder definir como objeto concreto, se pode reconhecer sob a forma de manifestações infinitamente variadas, muitas delas expressas em termos metafóricos, simbólicos ou míticos” (Mattoso, 2015: XXVI). O conceito de identidade não é algo que possa ser definido individualmente é, acima de tudo, um entendimento comum:

“Estas manifestações fazem pressupor uma identidade coletiva, a «Nação portuguesa», sem que se possa defini-la objetivamente. Usamos este conceito para poder falar de um ser coletivo autónomo, mas indefinível, ao qual atribuímos existência e identidade”. (Mattoso, 2015: XXVI)

Deste ponto de vista, a existência de uma identidade comum, não acarreta qualquer peso na definição do que é ser português à luz da lei portuguesa, que resume o ser português a um documento num Registo Civil, traduzido num cartão de cidadão.

“O bilhete de identidade de um indivíduo pode registar o sexo, a cor dos cabelos, a estatura, o nome dos pais, a data do nascimento, etc., mas nenhum destes elementos revela, só por si, a sua identidade, muito menos a sua personalidade. Não é possível descobrir o segredo que faz com que alguém seja ele próprio. Somos todos diferentes uns dos outros (...)”. (Mattoso, 2015: XXVI)

Ultrapassada a interpretação legal, interessa-nos entender o que significa ser português além daquilo que dita um decreto. Queremos saber as ideias e os conceitos de quem estudou a fundo este tema. Iniciamos este processo por uma pesquisa na internet, ao Google perguntamos: “o que é ser português”, “ser português” e, rapidamente, somos redirecionados para dezenas de páginas que nos tentam dar a melhor definição: *blogs*, artigos de opinião, jornais, todos têm alguma coisa a dizer. Este é um universo labiríntico. Mas antes de mergulharmos na definição propriamente dita, incumbe-nos fazer uma menção ao dia em que celebramos o país. Assinalado desde 1977, o “Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas” é também o dia em que nos habituámos a assistir a variadíssimas cerimónias marcadas por discursos políticos; altas figuras de estado e das diversas instituições estatais são presenças assíduas. Com esta data pretende-se mostrar o quanto Portugal é um país nobre e quantos motivos temos para nos sentirmos cidadãos orgulhosos. Celebrado no país, mas também fora dele, o “Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas” ganha uma maior expressão junto da comunidade emigrante que assinala o dia com diversas manifestações culturais, a fim de homenagear a pátria. A essas comemorações, juntam-se, como é costume, embaixadores, entidades consulares e a representar o Estado,

o Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas que, habitualmente, marca presença numa comunidade e aí, cumpre o seu dever: enaltecer Portugal através de um discurso dotado de orgulho e esperança. Digamos que é quase como um exercício de fortalecimento de laços que o Estado faz questão em desempenhar, ou seja, apesar de longe, os emigrantes deverão manter-se orgulhosos da pátria. Este pressuposto, em que acreditamos, pode ser identificado no discurso de José Luís Carneiro, secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, aquando do 10 de junho de 2017, cujo título foi “O Orgulho de ser português”:

“Neste 10 de Junho de 2017 (...) celebra-se também uma época de otimismo que envolve o país e reforça o orgulho de todos os que vibram com o sucesso de Portugal. A vitória da seleção de futebol no Euro 2016, a eleição de António Guterres para secretário-geral das Nações Unidas, a vitória de Salvador Sobral no Festival da Eurovisão, (...), são apenas alguns dos exemplos mais recentes do início de ciclo virtuoso que o país está a viver.”
(José Luís Carneiro, 2017).⁸

Referir o dia de Portugal é também falar de Luís Vaz de Camões, aliás foi a data da sua morte, em 10 de Junho de 1580, que viria a ditar que neste dia se celebrasse a nação. Camões é considerado o grande poeta de Portugal e é aquele que, talvez, tenha sido o primeiro a esboçar um retrato dos portugueses. Nos “Lusíadas”, o poeta idolatrou a coragem e a destreza povo português, naquela que foi a sua grande epopeia, os “Descobrimentos”. O I canto dos Lusíadas é exemplo disso mesmo:

“As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram”
(Camões, in “Lusíadas”)

Esta pesquisa poderia seguir por vários sentidos, visto que definir a identidade de um país tem muitas nuances que escapam ao senso comum. É certo que sabemos, em traços gerais, aquilo que nos identifica como portugueses. Porém, chegar a uma definição fidedigna é um caminho enigmático. Poderíamos, por exemplo, estudar o significado do sebastianismo ou enumerar os marcos significativos da História de Portugal e, autores como Oliveira Martins, Jaime Cortesão e António Sérgio seriam referências incontornáveis. Todavia, são diversos os autores portugueses que dedicaram algumas das suas obras e vidas a tentar definir o modo

⁸ Discurso de José Luís Carneiro, Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das celebrações do Dia de Portugal, em 2017. Disponível em: [Portal das Comunidades](#). [Acedido a 5 de Abril de 2018].

de ser português. Sendo uma temática bastante vasta e estudada, ao longo do espaço e do tempo nas diversas áreas, história, sociologia, antropologia e até psíquica, revelou-se necessário tomar opções. Não podemos assegurar que são as mais corretas, uma vez que, todas as leituras e pesquisas se manifestaram relevantes neste estudo. Ainda assim, temos consciência do quanto é utópico lograr uma definição categórica. Por todas estas vicissitudes, considerámos referenciar aqueles, contemporâneos ou não, cujo pensamento prevaleça atual e, assim, procurar definir o modo português de ser e de estar no mundo.

A “Mensagem” de Fernando Pessoa de 1934, é numa perspetiva geral repleta de personificações sobre o notável passado de Portugal. De uma forma honrosa, o poeta tenta exprimir a grandeza de outrora, em contraponto, com o declínio vivido na época em que escreveu a obra. Pessoa acreditava que com as nobres características reconhecidas aos portugueses, o país poderia tornar-se novamente grandioso. Uma boa dose de misticismo e uma visão nacionalista são características inerentes aos 44 poemas que compõem a “Mensagem” e que enaltecem a obra deixada por Camões.

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.
E a orla branca foi de ilha em continente, clareou, correndo, até ao fim
do mundo, E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.
Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!”
(Pessoa, poema “Infante” in “Mensagem”)

Repare-se que há uma visão espiritual latente ao longo do poema, sugerindo que Deus criou os portugueses e lhes deu a missão de desbravar mares, e que, apesar de terem cumprido, em parte, a sua missão, pela conquista de tantos territórios, conquanto, ainda falta que Portugal se cumpra: “Senhor, falta cumprir-se Portugal!”. Importa fazer uma breve referência a um outro autor que, em 1915, defendia a necessidade de preservar a identidade nacional, através do encontro de Portugal com a suas próprias raízes. Estamos a falar de Teixeira de Pascoaes e da sua obra “A Arte de Ser Português” que à semelhança de Pessoa, também, acreditava que com as características de um passado glorioso seria possível reerguer o país.

“O fim desta arte é a renascença de Portugal,
tentada pela reintegração dos portugueses no
carácter que por tradição e herança lhes pertence,
para que eles ganhem uma nova atividade moral e
social, subordinada a um objetivo comum superior.
Em duas palavras: colocar a nossa Pátria
ressurgida em frente ao seu Destino. As
Descobertas foram o início da sua obra. Desde

então até hoje tem dormido. Desperta, saberá concluí-la... ou, melhor, continuá-la, porque o definitivo não existe.” (Pascoaes, 1978:18)

Não obstante, para Pascoaes, isso só seria viável, se a sua obra fosse adotada pelos estabelecimentos escolares, a fim de preservar e promover a disciplina do amor à pátria Portuguesa.

“Ser português é também uma arte, e uma arte de grande alcance nacional, e, por isso, bem digna de cultura. O mestre que a ensinar aos seus alunos, trabalhará como se fora um escultor, modelando as almas juvenis para lhes imprimir os traços fisionómicos da Raça lusíada. São eles que a destacam e lhe dão personalidade própria, a qual se projeta em lembrança no passado, e em esperança e desejo no futuro. E, em si, realiza, deste modo, aquela unidade da morte e da vida, do espírito e da matéria, que caracteriza o Ser”. (Pascoaes, 1978:17)

Em género de apontamento, na edição mais recente de “Arte de Ser Português” (1998), Miguel Esteves Cardoso, a quem coube escrever o prefácio, revelou alguma discordância com Pascoaes, considerado que a obra de 1915 foi uma mera invenção do autor:

“Quando Pascoaes inventou Portugal não se deu conta do que tinha feito: pensou que se tinha limitado a descobri-lo. Quando imaginou os Portugueses, entregando-lhes as palavras e as visões que só a ele pertenciam, enganou-se. Os Portugueses de Pascoaes nem sequer existiam. Pascoaes nunca percebeu que era tudo invenção dele. Escreveu um livro, a “Arte de Ser Português”, recusando a responsabilidade da criação, na ânsia de ser apenas um espectador. Pascoaes não queria ser mais um poeta. (...). Queria ser o escritor através do qual escrevia Portugal (...)”⁹(Miguel E. Cardoso)

Em 1944, surgia o livro de Domingos Monteiro, intitulado “Paisagem Social Portuguesa”, de apenas 83 páginas, nesta obra proibida pela censura, os portugueses são descritos como tristes: “dir-se-ia que o português procura o negro não para vestir o corpo, mas um estado de alma, tão persistentemente e sombrio como a aceitação de um destino sem ambições e sem esperanças” (Monteiro,1944:11). Os portugueses são fatalistas, conformados e resignados perante o rumo dos acontecimentos da vida. O autor explica ainda que o português ter-se-ia uniformizado “pela força dos hábitos comuns, pela exigência cruel das mesmas necessidades, pelas sílabas da mesma língua, pela prática da mesma religião” (Monteiro,1944:11). Para o

⁹ Sinopse do livro “A Arte de Ser Português”. Disponível em [Almedina](#). [Acedida em 28 de Março de 2018].

autor, não existe 'uma raça portuguesa', uma vez, que defende que "o português é fruto de todas as raças invasoras da Europa." (Monteiro, 1944:13) Embora destaque as "prometedoras virtualidades do povo português, que são imensas", nomeadamente a "boa vontade", a "persistência inabalável" e a "coragem sofredora", que permitiriam acalentar a esperança de um dia "dominar a fatalidade económica e geográfica com que se debate há séculos" (Monteiro, 1944:83). Concluído, para este autor, os portugueses são um povo:

“Detentor de uma história grandiosa e de uma real identidade interior e que, mesmo nos momentos mais adversos, conseguiu ultrapassar os obstáculos que se lhe foram deparando. O povo português deveria revelar perseverança, coragem e, acima de tudo, empreender a união de todos os cidadãos, a fim de honrarem a grandeza nacional”. (Lemos, 1999:151).

Como já foi aqui dito, interessa-nos captar, caso exista, um carácter nacional que, ao longo dos séculos, se tenha revelado nas mais diversas circunstâncias e que ainda prevaleça na natureza do povo português. O filósofo Jorge Dias, dotado de uma visão contemporânea, traçou, de uma forma prática e realista, os elementos fundamentais para delinear o carácter nacional português, conquanto, uma tarefa difícil.

“Estabelecer os elementos fundamentais duma cultura representa o fim máximo a que a etnologia (antropologia cultural) se propõe; é, digamos, a cúpula dum edifício que ainda está nos alicerces. A vastidão e a complexidade do assunto não permitiram sequer que nestes escassos meses se pudesse traçar uma visão panorâmica da cultura portuguesa com a solidez científica indispensável. Pode dizer-se que tal tema é a tarefa de toda a vida daqueles que se lhe dediquem.” (Dias, 1986:3-4)

Assim, na perspetiva de Dias (1986:25-54) as características do carácter nacional são as seguintes: A) Expansividade: O português é expansivo e dinâmico, a nossa história é a prova disso, ou não fossemos nós navegadores e foi esse espírito que permitiu a descoberta, a conquista e a colonização de diversos territórios. B) Adaptabilidade, ativista e “desenrascado”: O português tem uma forte capacidade de adaptação, seja a ideias, situações ou pessoas. Mais uma vez, referindo os Descobrimientos, estes são um bom exemplo dessa faceta que permitiu a descoberta de novos territórios. Além disso, somos conhecidos por ter sempre solução para tudo, ou seja, existe uma competência de nos “desenrascarmos” perante as diversas situações. C) Sentimento poético, contemplativo, saudade e o ‘obstinatismo’: somos poéticos e contemplativos, facto verificável na obra literária de vários poetas, por exemplo, nas obras de Pessoa, Camões, Garrett ou Cesário Verde. Também a nível musical, o fado ou os cantares tradicionais das diversas regiões, remetem para esse sentimento poético,

contemplativo e obstinado. A saudade, um aspeto tão português, é umas vezes aliada a memórias passadas, outras vezes, uma saudade daquilo que não se viveu - temos uma certa tendência para alimentarmos glórias passadas. D) Gosto pela ostentação: gostamos de fazer castelos no ar, somos persuasivos no que toca a projetar coisas, mas não significa que as realizemos: “mais vale parecer do que ser”. E) Crença na sorte: vivemos de uma crença movida pela esperança, ou seja, acreditamos que as diversas situações quotidianas possam solucionar-se milagrosamente. O que pode ser considerado uma força do povo português, contudo, se aliado à irracionalidade e superstição, pode revelar-se uma fraqueza. Outro aspeto é também a crença na sorte: «fulano tem sorte» e «eu não tenho sorte nenhuma» de certo modo, subtraindo as qualidades dos outros para justificar a própria incompetência. F) Afetividade, humanidade e tendência a opor-se àquilo que não tenha carácter humano: somos dotados de um forte sentimento humano, no geral, somos afetivos, amorosos e bondosos. E normalmente solidários. Está no sangue português a tendência a opor-se contra as regras e leis. Um exemplo que ilustra este ponto é o costume que temos, quando estamos a conduzir, fazer sinais de luzes, a fim de avisar os outros condutores da presença da polícia. A polícia é considerada um inimigo porque representa a lei. G) Pouco exuberante e medo do ridículo: não somos tão exuberantes como os espanhóis ou italianos, somos mais inibidos e dotados do sentimento do ridículo e medo da opinião dos outros, já que a ironia e a crítica trocista é algo comum em Portugal, logo há um receio de se ser vítima dessa apreciação.

Além da coragem, tristeza e fatalismo mencionados nos parágrafos anteriores, será curioso confrontar estas características com a perspetiva de Eduardo Lourenço, na obra “O Labirinto da Saudade”, publicada no rescaldo do pós 25 de Abril, o autor revela o modo contraditório de ser português e de como nos imaginamos desde a origem da nacionalidade. Lourenço, propõe-se a «repensar a sério e a fundo uma realidade tão difícil de aprender como a portuguesa». (Lourenço, 1992 :13) E tenciona, ainda, recuperar o valor de imagens que, ao longo dos séculos, nós portugueses temos forjado acerca de nós mesmos. Ao seu estilo cartesiano, Lourenço que, ainda hoje, diz não ter certezas de nada, dedicou a sua vida a escrever e a pensar sobre Portugal no seu todo, descortinando o país nas suas diversas áreas, política, social, cultural, filosófica e histórica e é uma referência no que toca a definir Portugal e os portugueses. A sua visão assenta sobretudo na “interpretação do simbolismo das imagens veiculadas pela literatura, constitui um domínio emblemático da sua reflexão sobre o modo de ser português e o destino pátrio” (Piedade, 2011:342). Em “Labirinto da Saudade”, o autor manifesta um “discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado” em especial aquelas que, por terem sido concebidas por notáveis artistas, historiadores, romancistas ou poetas, se impuseram e consolidaram na nossa «consciência comum». (Lourenço, 1992:12). Se, por um lado, Jorge Dias, apontava como uma das características portuguesas o medo do ridículo, já Lourenço vai por outro caminho e diz que

os portugueses têm falta de autocritica, o que, para o autor, parece ter origem numa inata apatia, cúmplice de uma consciência comum, relativamente, à nossa própria existência. Essa falta de consciência em relação à realidade é bem ilustrada pelo autor no título de um dos capítulos, deste livro, “Somos um povo de pobres com mentalidade de ricos” (Lourenço, 1992:129). Embora curto, este é um incisivo retrato feito pelo ensaísta, que tem por base vários aspetos fundamentais e negativos do comportamento português. Continuando, neste caminho labiríntico, escreve Lourenço.

"A consciência da nossa fragilidade histórica projeta os seus fantasmas simultaneamente para o passado e para o futuro. Já noutra ocasião, a propósito do Frei Luís de Sousa o tentámos mostrar, o drama de Garrett é fundamentalmente a teatralização de Portugal como povo que só já tem de ser imaginário (ou mesmo fantástico) realidade indecisa, incerta do seu perfil e lugar na história, objeto de saudades impotentes ou pressentimentos trágicos (...)" (Lourenço, 1992: 82-83)

Ora esta afirmação refere quatro aspetos apontados ao carácter português: vivemos de ilusões, sonhos e somos fatalistas e saudosistas, a acrescentar a estas características, o autor avança ainda com outra, a de que vivemos acima das nossas posses:

“Tivemos sempre uma vértebra supranumerária, vivemos sempre acima das nossas posses, mas sem problemas de identidade nacional propriamente ditos. A nossa questão é a da nossa imagem enquanto produto e reflexo da nossa existência e projeto históricos ao longo dos séculos e em particular na época moderna em que essa existência foi submetida a duras e temíveis privações” (Lourenço,1992:11)

Para o autor, os portugueses não conseguem ter uma ideia lúcida de si próprios e, por conseguinte, credível, acerca da forma de estar no mundo. Uma ideia, contudo, aceite devido à nossa história, como sendo a melhor do mundo, com características tão fantásticas, como aquelas, sobre as quais a história de Portugal se desenrola. Fernando Pessoa, neste ponto e, ao contrário da “Mensagem”, onde se focou nos atributos heroicos dos portugueses que atravessaram mares, noutras obras como em “O Banqueiro Anarquista e Outras Prosas” ou “Análise da vida Mental Portuguesa”, revelou a sua visão mais crítica e sagaz, também apanágio da sua escrita, apontando ao povo português falta de atitude, inércia e comodismo, indo ao encontro de Eduardo Lourenço. O “Labirinto da Saudade” é, de resto, entendido como uma manifestação ao tema da identidade portuguesa. São nove textos ensaísticos apresentados na obra e em todos eles há um encadeamento sobre a problematização das

questões da identidade¹⁰. O título escolhido por Eduardo Lourenço não foi, no entanto, inédito, já que, em 1950, Octávio Paz, autor mexicano, publicara “El Laberinto de la Soledad”, ou seja, “O Labirinto da Solidão”. Lourenço decidiu-se, digamos assim, por um labirinto mais português: a saudade. Repare-se, que esse tema tão português não foi abordado por Teixeira de Pascoaes em “A Arte de Ser Português” que já analisámos.

Contemporânea do “Labirinto da Saudade”, em 1979, surge a obra de Manuel Antunes, “Repensar Portugal”, que merece indiscutível destaque. Note-se que “Repensar Portugal” é também o título de um dos capítulos do livro de Eduardo Lourenço, em que este invoca a necessidade de se repensar Portugal, renunciando à «descentragem permanente dos portugueses da sua própria realidade» (Lourenço, 1992:72). Voltando a Manuel Antunes, um autor cujo pensamento é manifestamente paradigmático, escreve na nota de abertura da sua obra que são “ensaios escritos ao longo dos últimos cinco anos e subordinados a temas que se prendem com o passado, o presente e o futuro do nosso país.” (Antunes, 2011:26) Para este autor, repensar Portugal é “um exercício necessário nos momentos de crise e de incerteza” (Antunes, 2011:12), pois são nesses momentos que antecedem ou precedem às revoluções que “um país busca a sua própria identidade” (Antunes, 2011:13). O que fazia sentido, numa altura em que se vivia o pós 25 de Abril. Antunes traça aquilo que de melhor tem revelado a originalidade do ser português, comparando-o com os outros povos:

“Um país paradoxal, o país exceção, o país das surpresas, o país que desafia o estranho e o desconhecido, um país que sendo por natureza periférico no seu continente aspira a ser centro, um país incompreendido pelos outros e por si próprio, por isso, de certo modo, um país atormentado pela sua própria incompreensão e insatisfação, um país caseiro, que gosta de intimidade, mas que aspira à universalidade” (Antunes, 2011:13)

Mais uma vez e, em comum a todos os autores que aqui já falámos, a referência aos “Descobrimientos” é inevitável para a definição de um povo considerado surpreendente pela sua epopeia. Antunes, refere ainda que Portugal é “excepcional”, porque, tendo em conta a “sua pequenez, conseguiu «salgar obra» tão grande como a nação brasileira, a difusão e a afirmação de uma língua ao patamar das mais faladas no mundo.” (Antunes, 2011:13). O contexto político e socioeconómico em que este livro foi escrito e publicado, a Revolução dos Cravos, é apontado como um dos acontecimentos excepcionais que para o autor “constituiu, no quadro da Europa e do mundo do seu tempo, uma nova exceção que merece ser assinalada. Mas ainda mais surpreendente foi o carácter, em grande medida pacífico, do

¹⁰O primeiro dos ensaios “Psicanálise Mítica do Destino Português” é um dos mais referenciados academicamente, publicado na Revista Raiz & Utopia, no mesmo ano de publicação da obra, 1978. Informação disponível em <http://www.cnc.pt>. [Acedido a 03 de Abril de 2018].

processo revolucionário promovido pelas Forças Armadas(...).” (Antunes, 2011:39). O autor aponta também a originalidade e o desânimo como características portuguesas:

“Nos grandes momentos da sua história é capaz de uma invulgar originalidade e de agir com a marca da exceção, capaz de suscitar a admiração dos outros povos, é um povo que nos longos anos da normalidade histórica, acaba por esmorecer, por viver uma existência morna e deixar-se possuir por uma espécie de adormecimento que o faz perder a vanguarda e cair no olvido da história universal”. (Antunes, 2011:14)

“Repensar Portugal” foi, também, uma oportunidade para este autor traçar o perfil psicológico do povo português, como tantos outros o tentaram fazer, como foi o caso de Oliveira Martins ou António Sérgio. Para Antunes, o povo português é:

“Povo místico, mas pouco metafísico, povo lírico, mas pouco gregário, povo ativo, mas pouco organizado, povo empírico, mas pouco pragmático, povo de surpresas, mas que suporta mal as continuidades, principalmente quando duras, povo tradicional, mas extraordinariamente poroso às influências alheias, povo convivente, mas facilmente segregável por artes de quem o conduz (...)”. (Antunes, 2011:15)

Fazendo eco à expressão de Pessoa “é a hora de se passar à ação”, Antunes adverte que “a hora lírica deveria passar. Importa agora que esta seja sucedida pela ação, no entanto, uma ação temperada pela reflexão ponderosa, partindo de uma visão realista “do país que temos, do país que somos” (Antunes, 2011:15). Para passar à ação, o autor considera que o povo português tem de esquecer a propaganda do Estado Novo; sem esse fator não é possível haver uma mudança de paradigma de identidade do país. Para que isso se cumpra, o autor considera que é necessário:

“Criar uma mentalidade imune a certos mitos que têm traumatizado a história portuguesa: o messianismo secularizador que se tem apresentado como substituto fácil da fé na transcendência e em que esta não possa cobrir com o seu manto protetor um mundo de superstição ou de interesses bem mesquinhos”. (Antunes,2011:17)

E, à luz daquilo que Lourenço defende, Antunes também considerou que os portugueses precisam de olhar para o passado “esta sociedade portuguesa, para se renovar, precisa de deixar de olhar saudosa para o passado, de maneira que o saber, o saber-fazer e o saber-viver se conjuguem no modo do presente a abrir para o futuro.” (Antunes, 2011:17) Voltando, a Lourenço, este dispõe de uma visão que se centra na imagem, pouco clara, que os

portugueses fazem de si próprios. E, ao contrário, do que acontece com outros povos, em que a questão de identidade é definida a nível, político, territorial e cultural, são esses fatores que dão origem à descrição de uma nação. No caso de Portugal, a definição do povo é uma coisa mais sentimental, do que objeto de uma séria reflexão. A “ausência de auto crítica”, como diz o autor, aliada a uma postura de divagação e desinteresse, dá origem à generalização de um “penoso e já antigo sentimento que no séc. XIX foi quase o lugar-comum dos seus homens mais ilustres, de que estamos ausentes da nossa própria realidade” (Lourenço, 1992:64). Mas, o que significa estarmos ausentes da própria realidade? Para Lourenço, a nossa identidade como povo encontra-se ‘dispersa’ daquilo que é crucial, e a razão para isso acontecer é o facto de nos encontramos presos ao glorioso passado de outrora. Lourenço, aponta ainda a existência de uma “hiperidentidade”:

“Problema de identidade, se por isso se entende questão acerca do nosso estatuto nacional, ou preocupação com o sentido e teor da aderência profunda com que nos sentimos e sabemos portugueses, gente inscrita num certo espaço físico e cultural, mas de hiperidentidade, de quase mórbida fixação na contemplação e no gozo da diferença que nos caracteriza ou nós imaginamos tal no contexto dos outros povos, nações e culturas”. (Lourenço, 1984:10, *apud* Piedade, 2011:348)

Por outras palavras, temos uma fixação utópica que advém de uma imagem gloriosa, desenhada pela história e, isso tem sido aquilo que tem dado significado ao que somos enquanto povo, é esse fator que incentiva a uma existência mais fictícia do que real, o que deturpa a nossa realidade atual.

“O perigo não é o de perder a identidade, é o de confundir a particularidade dela com a universalidade, o de não ser capaz, senão à superfície, de se abrir e dialogar com o outro, o de nos imaginarmos narcisicamente o centro do mundo, criando assim uma espécie de universal de referências autistas, onde naufraga o nosso sentimento da realidade e da complexidade do mundo”.(Piedade, 2011:348).

Em suma, somos um povo marcado por consecutivos episódios (o da fundação da nacionalidade, o da dominação castelhana, no séc. XVII e o do Ultimatum inglês). Como forma de compensação dessas humilhações sofridas e de um género de sentimento nacional de impotência, criámos imagens idílicas deste país à beira-mar plantado. Essas imagens alimentam e justificam o saudosismo típico do povo português. A análise de sucessivos acontecimentos e situações, leva Lourenço a considerar uma espécie de inconsciência coletiva, além da constatação de que “somos um povo de pobres com mentalidade de ricos” (Lourenço 1999:129). O autor, atenta ainda que, os portugueses também se definem por uma

certa versatilidade, associada, a uma maledicência que tem a capacidade de transformar as coisas graves e sérias em anedotário, o que pode ser justificado pelo peso de uma vida miserável que durou séculos:

“Não desmente esta análise o reflexo pícaro por excelência de uma «maledicência» quotidiana de café sobre nós mesmos (...) no hábito de uma vida pícara que durou séculos e que uma aristocracia indolente e ignara pôde entreter à custa de longínquos Brasis e Áfricas. Mas o anedotário quotidiano tem também uma face positiva na medida em que traduz mesmo sob a forma suspeita que é sempre a sua - como forma de ócio imerecido e fácil fuga diante do real.” (Lourenço, 1999:48).

E, seguindo o pensamento de Lourenço, encerramos com uma outra ideia do autor. Nós portugueses temos uma imagem dupla de nós mesmos, a de degradação e, ao mesmo tempo, a de exaltação, pois parece ser frequente, entre nós, sermos os melhores do mundo e, simultaneamente, dizemos mal do que somos, subestimando-nos e degradando-nos.

1.2 PORTUGALIDADE

*“O caminho da portugalidade, enquanto bandeira da ‘Nação’, nunca foi percorrido, já que nunca existiu.”
(José Mattoso)*

Fatalista, saudosista, bondoso, aventureiro, corajoso, sonhador, crente na sorte, inconsciente, perseverante, dinâmico, adaptável, contemplativo, poético, desenrascado, original, místico, tradicional, estas são algumas das características do carácter português apontadas pelos autores (Lourenço, 1999), (Dias, 1986), (Pascoaes, 1978), (Antunes, 2011), (Domingues, 1944), (Mattoso, 2015). Porém, ainda nos falta chegar ao entendimento da ‘portugalidade’. Já havíamos referido que a palavra é de definição complexa e existem dúvidas que continuam por dissipar.

“Nenhum dicionário de referência da língua portuguesa tem disponível a palavra “Portugalidade”. O sinónimo pode ser encontrado, no entanto, no Dicionário da “Porto Editora”, numa edição mais acessível e habitualmente usada nas escolas portuguesas, onde se pode ler: “qualidade do que é português” (...). Embora se não possa dizer taxativamente que se trata de um neologismo, já que existem referências ao termo e inúmeras perspectivas de descodificação, assumindo-se quase sempre o princípio de que, se existe Portugal, existirá uma portugalidade, o que deixa

“muitas dúvidas e não corresponde à realidade (...).”
(Sousa, 2014a:11-12)

Não deixa de ser curioso verificar o facto de nenhum dos autores analisados referir ‘portugalidade’ para caracterizar o povo português. Esta constatação só vem confirmar que estamos perante uma temática enigmática que envolve uma palavra, um país e um povo. Embora não existam certezas até que ponto Portugal está envolvido com este tópico:

“Terá o povo português o sentimento entranhado de uma pretensa *portugalidade*? Ou será que o epíteto decorre de uma criação das hierarquias para incutir um sentimento chauvinista e nostálgico, emergindo de um mito em que se confunde o conceito de patriotismo com o de nacionalismo?”
(Sousa, 2014a:3)

A palavra ‘portugalidade’ também faz parte do léxico em torno da emigração, e aqui ganha contornos muito próprios. Neste universo, englobam-se sentimentos como, o amor à pátria, o orgulho e, claro está, a saudade. Tudo isto são conceitos associados aos emigrantes que partiram e vivem “inquietamente” com a distância e ausência do país que os viu nascer. É verificável o uso de ‘portugalidade’ em discursos políticos quando há referência às comunidades emigrantes. Posto isto, se ‘portugalidade’, mais de que uma palavra, é um modo de sentir Portugal que envolve todos estes sentimentos de pertença, como se explica que os lusodescendentes ou mesmo os estrangeiros nutram amor por Portugal? E, no caso, particular, dos estrangeiros, que se fazem portugueses, à luz lei da nacionalidade, será que mesmo não sendo nascidos em território português, sentem esta ‘portugalidade’?

“Será a ‘portugalidade’ (...) passível de ser “sentida, desejada e praticada” mesmo por cidadãos não-portugueses, “como o fazem os povos oriundos ou descendentes da lusitanidade, onde quer que estejam vivendo (...) onde todos os dias se ouve e se fala a língua portuguesa” (Gomes cit. em Botelho, 2008: S/P, *apud* Sousa, 2014a:13.)

Se considerarmos ‘portugalidade’ como conceito comum a um povo e território, entramos aqui num outro campo: a questão do domínio da língua. Segundo, Vítor Sousa (2014a:12) “não é só a língua que acelera essa massa cuja forma, pelos vistos, não se pode definir e que se denomina de portugalidade, e que assenta aparentemente num processo de aculturação patente numa aproximação idiossincrática entre povos.” Por sua vez, Miguel Esteves Cardoso diz que esta ideia levará a outra, a de que existem “verdadeiros portugueses” e só esses poderão entender e sentir o que é no fundo a ‘portugalidade’. A ser assim, não estaremos a afunilar um conceito, cuja abrangência ultrapassa a língua e o limite geográfico de Portugal?

(...) O que nos leva à ideia idiota da existência de “verdadeiros portugueses” que Miguel Esteves

Cardoso sintetiza da seguinte forma: (...) se calhar os verdadeiros Portugueses são Brasileiros. Se calhar, Portugal é o fermento, as províncias africanas foram o chocolate e, à mistura com a farinha holandesa, o grande bolo é o Brasil!” (Cardoso, 2001: 224 *apud* Sousa, 2014a:13).

Aberto este leque de perspetivas em torno de 'portugalidade', sugerimos descer, ainda mais fundo, até à origem. A definição de 'portugalidade' não é nova, a palavra é antiga e, ao longo do tempo e da história, o conceito teve variações no que toca à sua essência. Para já, aprez-nos dizer que a palavra já vem do século passado:

“A cunhagem da palavra 'portugalidade' ocorreu entre as décadas de 50 e 60 do século XX, sendo um produto do Estado Novo. Trata-se de um processo que foi sublinhado após a revogação, em 1951, do Ato Colonial, em que as colónias passaram a denominar-se províncias ultramarinas e em que foi disseminado o slogan “Portugal do Minho a Timor” destinado a combater os movimentos independentistas que lá emergiam, defendendo a pertença desses territórios a Portugal.” (Sousa, 2017)

Contudo, em 1947, há registo do uso do conceito 'portugalidade' pela primeira vez. O seu autor Alfredo Pimenta, com a publicação “Em defesa da Portugalidade”:

“Esta foi, de resto, a primeira vez que um autor se debruçou de forma específica sobre a portugalidade, discorrendo sobre o seu significado e tipificando o conceito. Ideologicamente alinhado a Salazar e defensor da 'tradição', Pimenta evidencia um discurso que o próprio denomina de anti-parlamentar, anti-partidário e anticomunista, auto-intitulando-se como doutrinador de 'portugalidade'.” (Sousa, 2017:288)

Do final dos anos 40, saltamos para 1969, ano em que segundo Sousa, foi publicada uma outra obra que oferece uma nova definição de 'portugalidade'. O “Ideário de Portugalidade” de António Ferronha, apresenta um novo conceito, a 'luso tropicalidade'. Esta obra é uma espécie de manual ideológico do Estado Novo sobre a temática da 'portugalidade' até chegar ao conceito de 'luso-tropicalidade'. O autor define por diversas vezes a palavra 'portugalidade' e associa- a ao Império. Em termos históricos, importa dizer que este livro foi publicado na época da guerra colonial que tinha começado em Angola (1961) e Portugal já era membro da ONU (1955). (Sousa, 2017).

“Todo o discurso produzido na obra orienta a 'portugalidade' para as então províncias ultramarinas, especificamente para Angola, onde António Ferronha era formador de formadores

nativos, exatamente sobre a temática da 'portugalidade', transmitindo-lhes as noções básicas desse ideário, para que estes as endossassem, depois, aos seus futuros alunos angolanos, mas reportando as suas raízes a Portugal, à 'metrópole', na tentativa de não deixar esmorecer o sentimento de alegada pertença(...) (Sousa, 2017: 293).

Por esta altura, o futuro das províncias ultramarinas a nível político-administrativo estava em perspetiva e a 'portugalidade' era invocada como uma força que daria unidade a Portugal, face a uma eventual desagregação. Para o autor da luso-tropicalidade, a 'portugalidade' era, sobretudo, um ideal no que tocava à convivência luso-tropical, onde todos os homens seriam iguais dentro do mesmo território pátrio. (Sousa, 2017:93). A origem da palavra 'portugalidade' assume uma nova perspetiva, através da investigação académica de Vítor Sousa que vem corroborar a origem da palavra como produto do Estado Novo. Segundo Sousa, a dita palavra só começa a ser usada em 1951. Para chegar a esta conclusão, o autor analisou o conteúdo dos discursos dos deputados da Assembleia Nacional e descobriu que foi a partir de Abril de 1951 que a palavra foi utilizada pela primeira vez nas intervenções parlamentares. Nesse contexto, a palavra era usada como sinónimo de Portugal, remetendo para a frase "Portugal do Minho a Timor". O autor concluiu, ainda que, a palavra 'portugalidade' era pronunciada como eco da governação.

"Toda essa estratégia ia no sentido de combater os movimentos independentistas que emergiam nas antigas colónias, defendendo a pertença desses territórios a Portugal, por via do seu 'destino histórico'. Esse facto seria sublinhado no discurso político da 'portugalidade', com a assunção de Portugal como um país uno e indivisível, sustentado pela ideia "Portugal do Minho a Timor". A 'portugalidade' assentou, assim, num imaginário colonial centrado em Portugal, colocado num patamar superior relativamente às suas então colónias." (Sousa, 2017:294).

A palavra 'portugalidade' é a versão moderna do *slogan* "Portugal do Minho a Timor", desenvolvido, como já vimos, no seguimento da extinção do "Ato Colonial", em que o Governo defendia Portugal como um todo. A partir daí, desenvolveu-se uma oratória com o objetivo de perpetuar um mito que apoiasse a ideia de que não existiam motivos para movimentos independentistas se desenvolverem, nos territórios portugueses de África e da Ásia. (Sousa,2017:299). O 25 de Abril veio trazer um novo rumo a Portugal, muitas mudanças ocorreram, bem como um corte com tudo o que estava para trás e relacionado com o Estado Novo. Assim, houve no discurso político um afastamento relativamente a expressões e símbolos utilizados pelo Estado Novo, nomeadamente, no que respeita ao uso da palavra

'portugalidade', continuando a ser utilizada, mas em situações diferentes, como, por exemplo, em homenagens e votos de pesar, em relação às ex-colónias, à emigração, comunidade lusófona e patriotismo. (Sousa, 2017:296-297).

“Na sequência da revolução do 25 de Abril, em resultado do corte ideológico com o regime deposto, e após o hiato na utilização do conceito 'portugalidade' ele vai sendo reintroduzido no dia-a-dia dos portugueses, seja pela classe política (através de alguns discursos, a maioria dos quais com um recorte luso-tropicalista), dos profissionais de marketing ou de *branding* (que o utilizam em publicidades e estudos de mercado em que o foco assenta na ideia “made in Portugal” , ou apelando a eventuais 'particularidades' portuguesas), ou pela via de situações aleatórias, provocando vários equívocos.” (Sousa, 2017:288.)

Quarenta e quatro anos nos separam do Estado Novo e o certo é que a palavra 'portugalidade' tem ganho novas expressões; já não é um vocábulo de âmbito político. A palavra marca presença nas redes sociais, nos *media*, em livros, no cinema. Ainda recentemente, Gonçalo Reis, Presidente do Conselho de Administração da RTP, numa entrevista sobre, aquela que foi a primeira edição do Festival da Eurovisão em Portugal, referia-se à criatividade da equipa técnica do evento, da seguinte forma “(...) o conceito é nosso, este é um produto absolutamente RTP, aliás esse foi o recado que a Eurovisão nos disse “façam a Eurovisão com a vossa cara, com os valores da 'portugalidade' (...)”¹¹ (Gonçalo Reis, 23 de Maio de 2018). Há também, várias tentativas de integrar a palavra no nosso léxico, como um sinónimo de Portugal e daquilo que se entende por ser português, o marketing e a publicidade são, talvez, os grandes responsáveis por esta reintrodução da 'portugalidade' no nosso vocabulário. Marcas como “Acredita Portugal”, “Força Portugal” provam isso mesmo, embora distintas, entre si, mas com o mesmo objetivo, fazer os portugueses acreditar e ter mais fé em Portugal. Ou seja, 'portugalidade' está também a ser utilizada com um novo propósito orientado para a autoestima dos portugueses. O “Estudo de Portugalidade, Hábitos de Consumo e Notoriedade da Marca Portugal Sou Eu”¹², apresentado em 2014, naquele que foi o primeiro fórum do movimento “Portugal Sou Eu” é um bom exemplo de como uma marca pode apostar neste conceito da 'portugalidade'. O estudo apresentou 1301 respostas válidas referentes ao conceito de 'portugalidade' associado a Portugal, “valores como a tradição, a segurança, as relações calorosas, o ser respeitado, a liberdade, e a alguns produtos como o vinho, o azeite, o peixe, o pastel de nata/de Belém e o bacalhau. (Sousa, 2017:308).

¹¹ Entrevista de Gonçalo Reis, administrador da RTP, 12 de Maio de 2018, aquando da realização do Festival da Eurovisão em Portugal. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/>. Min: 32:26/33:04. [Acedido a 15 de Maio de 2018.]

¹² Estudo de Portugalidade, Hábitos de Compra de Produtos com Incorporação Nacional e Notoriedade da Marca “Portugal Sou Eu. Disponível em: Estudo de Portugalidade. [Acedido a 15 de Maio de 2018.]

'Portugalidade' é também associada ao "Mercado da Saudade", ou seja, marcas que comercializam produtos típicos de uma nação, o apelo à memória coletiva, no que toca aos sabores, aos costumes perpetua-se num sentimento de saudade que é o grande impulsionador deste negócio. Existem centenas de lojas *on line* e físicas, sob esta premissa, por todas as comunidades de portugueses por esse mundo. Também, em Portugal existem algumas lojas sobre esta ideia, a de comercializar produtos e marcas que facilmente a nossa memória identifica. Exemplo disso são as lojas "A Vida Portuguesa"¹³ e o "Mercado da Saudade"¹⁴. É interessante o facto de Rafael Oliveira, fundador desta última, referir numa entrevista ao "Dinheiro Vivo", em 2012, a palavra 'portugalidade' como um objetivo a explorar, em detrimento da 'saudade' talvez por ser um sentimento associado aos emigrantes: "O português está muito ligado ao fado, àquela imagem mais negra, mais escura e de maior saudosismo. Embora a loja se chame Mercado da Saudade, não é o conceito de saudade que queremos trabalhar, mas a ideia de portugalidade (...)"¹⁵ ("Mercado da Saudade: A nostalgia pode fugir à tristeza", Dinheiro Vivo, 2012). E, já que voltámos a mencionar a emigração, importa dizer que, neste âmbito, a palavra 'portugalidade' é usada genericamente, não só a nível político, como também em manifestações populares, como associações culturais e eventos, que proclamam a 'portugalidade' nas diversas atividades destinadas a promover Portugal e a manter as tradições. Ainda no âmbito da emigração, também no cinema, a 'portugalidade' ganhou a sua expressão, sendo a mais recente, o filme "Gaiola Dourada", do realizador luso-descendente Rúben Alves, cujo enredo trata de um casal de portugueses emigrados em França, há mais de três décadas, que recebem a notícia de uma herança. Toda a trama é a preparação do seu regresso a Portugal. Essa história veio reforçar o conceito de 'portugalidade' no contexto da emigração, uma idiosincrasia que já resultou numa investigação académica – "O filme "A Gaiola Dourada": Reflexões sobre o regresso em força da emigração portuguesa e a 'portugalidade' de uma gaiola (cada vez menos) dourada". (Sousa, 2014b). Neste estudo, o autor debruça-se sobre o conceito de 'portugalidade' usado no filme, considerando-o um equívoco, a que os meios de comunicação social e o marketing ajudaram.

"Em "A Gaiola Dourada", a ligação ao país assenta numa ideia nebulosa, pintalgada de verde e vermelho, sempre acompanhada pelo cachecol da seleção nacional de futebol portuguesa. Mas, mesmo para aqueles que nasceram em Portugal e estão em França há mais de 40 anos, o 'coração' não prima pela racionalidade, sendo por isso, algo de estranho. E, muito embora balance para umas alegadas raízes, o corpo acorrenta-se ao país de acolhimento. Mesmo que os media e os

¹³ Disponível em: www.avidaportuguesa.com. [Acedido a 8 de Abril de 2018].

¹⁴ Disponível em: www.loja.mercadodasaudade.com.pt/. [Acedido a 8 de Abril de 2018].

¹⁵ Disponível em www.dinheirovivo.pt/fazedores/mercado-da-saudade. Acedido a 7 de Abril de 2018.

responsáveis políticos mais proeminentes do país mostrem uma visão mítica de uma alegada 'portugalidade', com Portugal vestido de Mourinho-Ronaldo-Mariza, a realidade sublinha o Portugal-pobre-e-falido, que não deixa de ser recorrente. (José Eduardo Agualusa (2009, apud Sousa, 2014b:052)

Para Agualusa, o filme "Gaiola Dourada", representa a relação dos portugueses com Portugal, embora, "bastante desvirtuada quando é comparado com a grandeza dos outros países", o que para um estrangeiro, pode ser confundido com desamor. O autor aponta esse detalhe como um "grave equívoco", já que para o povo português, "maldizer a pátria é uma forma superior de patriotismo" (Agualusa, 2009: 73, *apud* Sousa, 2014b:052).

(...) A Gaiola Dourada" pode dizer-se que se trata-se, afinal, de um filme francês, com um olhar francês sobre as minorias e que, mesmo que o realizador afiance que mostra a realidade, evidenciando que, com o tempo, se esbateram os complexos em assumir uma 'portugalidade', interpretada como "uma pertença a Portugal"), isso não passa de um equívoco" (Cordeiro, 2013: 21, *apud* Sousa, 2014b, p.069)

O amor desmedido a Portugal por parte dos emigrantes portugueses, tem sido posto em causa por alguns autores, como é o caso de Eduardo Lourenço, logo impõe-se a pergunta, será que associar a emigração à 'portugalidade' tem sentido? O certo, é que isso tem vindo a ser feito ao longo do tempo.

(...) Recorde-se, a propósito, que o Presidente da República, Cavaco Silva, tem apelado por diversas vezes aos emigrantes para que estes sejam os veículos da 'portugalidade' na diáspora. Mas como podem os emigrantes que, na maior parte dos casos, são obrigados a abandonar o país por falta de condições mínimas de sobrevivência em Portugal ser extensões de uma qualquer 'portugalidade'?" (Lourenço, 2004 [1999]:189, *apud* Sousa, 2014b:041)

Se refletirmos sobre a emigração dos anos 60: esses emigrantes que saíram do país 'a salto' para o desconhecido, principalmente, devido às parcas condições de vida que o país oferecia, que amor teriam à pátria? Obrigados a sair das suas terras para viver num país estrangeiro, será que esses emigrantes sentem este apreço por Portugal? Talvez os seus sentimentos pelo país estejam divididos, entre amor e ódio, sem contar com os que não fazem questão num regresso, tantas vezes romantizado como o retratado na "Gaiola Dourada". E, os novos emigrantes que emigram, sobretudo, por opção - nestes casos, que relação têm com Portugal? Até que ponto podemos medir a 'portugalidade'? Onésimo Teotónio Almeida

além de emigrante é autor do livro “A Obsessão da Portugalidade”, é professor universitário nos EUA e emigrante há 40 anos e há 30 que escreve sobre Portugal. Numa entrevista em 2017, ao jornal “Observador”, dizia manter vivo o interesse em escrever sobre Portugal, mas recusava a ideia de se sentir um emigrante estereotipado, preferindo considerar-se como alguém que alargou fronteiras “continuo a considerar-me português e a sentir vontade de dialogar com os meus patrícios sobre a terra-base que nos coube. Da mesma maneira que continuo a sentir que nunca emigrei, apenas alarguei fronteiras” (“Afim o que é a Portugalidade? (A nova e a outra)” in Jornal Observador, 2017)¹⁶. Já sabemos, então, que a ‘portugalidade’ tem sido absorvida e aproveitada por diversos sectores da sociedade. Contudo, e apesar de existir um aproveitamento comercial do conceito, a nível político a palavra não está totalmente desprezada e a prova disso é que figuras de Estado, como por exemplo, o ex. Presidente da República, Cavaco Silva e o atual, Marcelo Rebelo de Sousa, não se coibiram de usar, em alguns dos seus discursos, a palavra ‘portugalidade’. No caso do anterior Presidente, a palavra foi usada em celebrações do dia de Portugal, mais do que uma vez, como forma de apelo “ao espírito de portugalidade” e associada à diáspora, referindo o Presidente, o orgulho nos portugueses da Diáspora e como verdadeiros embaixadores da portugalidade. Numa outra situação, a palavra solidariedade foi associada a portugalidade: “deram uma emocionante lição de portugalidade solidária ao país”. (Sousa,2017:301-304). No caso, de Marcelo Rebelo de Sousa, atual Presidente da República, utilizou a palavra ‘portugalidade’ no discurso quando assumiu funções e no discurso de pesar pela morte de Mário Soares¹⁷, neste caso, a ‘portugalidade’ foi usada para caracterizar Soares, considerando-o humanista e “um construtor de portugalidade”. (Sousa,2017:301-304). Após estas observações temos várias respostas para a pergunta “O que é a ‘portugalidade’?” Mas, será que chegámos mesmo a uma definição? Será que a marca do Estado Novo ainda está presente? Porque é que ‘portugalidade’ não se assume enquanto conceito e não aparece no dicionário? Será que quando falamos de ‘portugalidade’ nos estamos a referir ao que é português? Será que faz sentido falar de portugalidade nos dias de hoje?

“Será que tem o mesmo sentimento que emergiu da criação da nacionalidade, decorrente da matriz da luta de Afonso Henriques contra a mãe, perseguindo desejos de independência (...) culminando na coroação do primeiro rei do país em nome de Deus? Ou estará a *portugalidade* mais próxima da criação ‘Fátima’, como sustentáculo de um regime beato, impondo o medo e a mordaza a

¹⁶ Onésimo Teotónio Almeida “continuo a considerar-me português e a sentir vontade de dialogar com os meus patrícios sobre a terra-base que nos coube. Da mesma maneira que continuo a sentir que nunca emigrei, apenas alarguei fronteiras. “Afim o que é a Portugalidade? (A nova e a outra). 25 de março, 2017. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/>. [Acedido 02 de março de 2018].

¹⁷ Homenagem ao Presidente Mário Soares, 10 de janeiro, 2016 in Presidência da República. Disponível em: www.presidencia.pt. [Acedido a 20 de Abril de 2018].

quem não pensava pela cartilha oficial? Ou mais ligada ao mundo do pontapé na bola, em que a explosão decorrente de um golo ‘a nosso favor’, de bandeira em punho, reflete um sentimento nacional exacerbado?” (Sousa, 2014a:4)

Numa entrevista dada à RTP, Eduardo Lourenço respondia, da seguinte forma, à pergunta feita pelo jornalista Vítor Gonçalves - “Acha que algumas características específicas nos caracterizam como portugueses?” – E.L - “Não, todos os povos têm diferenças de estatuto segundo o seu estatuto social, cultural é uma malha plural, não há o português, a portugalidade, isso não existe.”¹⁸ Escritores, filósofos, poetas, historiadores, investigadores, todos têm tentado definir ‘portugalidade’. Não há certo ou errado quando se trata de um enigma. A verdade é que a ‘portugalidade’ ganhou novos contornos, da propaganda política a um género de *branding*, aproveitado pelo marketing e publicidade que usa a ‘portugalidade’ como uma bandeira nacional do “espírito português”, a que os meios de comunicação social respondem, uma coisa é certa, a ‘portugalidade’ de hoje não é a mesma para o qual foi criada.

“O termo *portugalidade* é, portanto, equívoco e serve para um sem-número de utilizações, nomeadamente pelo mundo da publicidade, desde o Turismo ao Futebol. E, ainda hoje, como se de um qualquer resquício se tratasse, o seu uso é conotado com o nacionalismo, ficando uma vez mais o patriotismo relegado para um plano secundário.” (Sousa, 2014a:21)

¹⁸ “Grande Entrevista” com Eduardo Lourenço, 10 de junho, 2015, RTP em www.rtp.pt/play/p1718/e197923/grande-entrevista (min 46:59 a 47:30). [Acedido a 8 de Abril de 2018.]

2. AS TEORIAS DOS *MEDIA* E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

“Toda a gente precisa de notícias. Na vida quotidiana, as notícias contam-nos aquilo a que nós não assistimos diretamente, e dão-nos, como observáveis e significativos, happenings que seriam remotos de outra forma”. (Molotch e Lester)

Yon Goicoechea é um político venezuelano que luta contra o poder instituído, organiza manifestações, vai para a rua com o povo, denuncia a realidade que o seu país está a viver, já foi preso e libertado. Em 2016, num dos vídeos publicados nas suas redes sociais, denunciava as filas intermináveis de pessoas às portas do supermercado, desesperadas por comida, e foi assim que esta realidade chegou ao nosso conhecimento. Só mais tarde os *media* em Portugal noticiavam o que estava a acontecer naquele país, onde, atualmente, se estima existirem cerca de 37 mil emigrantes portugueses, um número que, segundo o Observatório da Emigração¹⁹ tem descido nos últimos anos, transformando aquele que era um dos países de eleição da emigração portuguesa, num país atualmente em fuga. Quer queiramos quer não, as notícias têm um peso importante na sociedade e não conseguiríamos viver sem elas. Assim, conhecer os mecanismos que estão por trás deste fenómeno é indispensável para entendermos o mundo em que vivemos. Tomando como exemplo esta nota sobre a Venezuela, temos aqui um primeiro ponto que nos fará pensar como é que na sociedade em rede, umas notícias chegam ao nosso conhecimento e outras não. Porque será que isto acontece? O avanço da tecnologia trouxe-nos formas ilimitadas de aceder à informação, a internet é a porta para essa infinidade, mas, e os *media* tradicionais, que papel têm na sociedade? Como lidam os jornais, as televisões e as rádios com esta desenfreada proliferação de conteúdo? A questão é que, perante a massificação de tanta informação, é impossível aos meios de comunicação responderem a todos os acontecimentos do mundo, mesmo com jornalistas correspondentes, edições digitais e os canais de 24h horas. Por tudo isto, é necessária uma seleção que respeita regras editoriais, comerciais e rotinas profissionais, ou seja, aquilo que nos chega é fruto de uma construção que determina que acontecimentos chegam a ser noticiáveis e ao nosso conhecimento. Compreender as matérias que sustentam a teoria dos *media* enquanto construtores da realidade é o objetivo deste capítulo e, neste sentido, é fundamental fazer uma incursão àquelas que são as teorias da comunicação. Referimo-nos à teoria do espelho, teoria da ação pessoal ou do *gatekeeper*, teoria organizacional, às teorias de ação política e às teorias que colocam em perspetiva as

¹⁹ Relatório Estatístico de 2017 relativo à Emigração Portuguesa. Disponível em www/repositorio.iscte-iul.pt. [Acedido a 1 de Julho de 2018.]

notícias como construção da realidade. São, precisamente estas últimas que nos importam para esta análise, ou seja, as teorias: construtivistas, estruturalista e interacionista. Nos primórdios do jornalismo acreditava-se que as notícias eram um espelho da realidade, atualmente, sabemos que os *media* não são totalmente transparentes. O relato da realidade depende de um “processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas”. (Hall, S. *et al.*, 1993:224). A ideia que a comunicação social espelha a realidade começou a dissolver-se durante o século XIX e XX, a par do desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, e deu lugar à época contemporânea que nos presenteou com estudos que provam a insuficiência desta teoria. Basta, fazermos um breve exercício para percebermos que, relatar factos depende sempre de terceiros seria, humanamente impossível, os profissionais de comunicação estarem em todo o lado e ver com os seus próprios olhos tudo o que acontece no mundo. Deste modo, relatar a realidade depende de testemunhas, ou seja, pessoas que são exequíveis de distorcer o que realmente aconteceu e, isso por si só, já constitui um fator construtivo. Narrar fatos e acontecimentos não é assim tão simples, tal como afirmou, Gaye Tuchman “embora o propósito de fornecer relatos dos acontecimentos julgados significativos e interessantes pareça ser claro, esse objetivo é, como outros fenómenos simples, inextricavelmente complexo” (*apud Traquina, 2007:75*). Nos anos 70, a área do jornalismo conheceu uma das fases mais ricas em termos académicos, nessa mesma época, surge também um novo paradigma: As notícias como construção²⁰ o resultado desses estudos trouxe à luz do dia novas formas de compreender as ideologias e as práticas dos produtores de notícias, ou seja, a ideia que a construção das notícias é resultante da criação de rotinas, “as rotinas de produção englobam a ideologia e são constitutivas dela” (Schlesinger, 1980:3673, *apud Traquina, 2007:98*). Nas palavras de Grossi “(...) podemos afirmar que a construção da realidade social se define (...) como a produção de sentido através da aceção de práticas produtivas e das rotinas que organizam a profissão jornalística. (Grossi, 1985, 378, *apud Saperas, 1993:141*). Ainda, na perspetiva de Grossi a atividade dos media:

“Não deve ser considerada no seio da complexa sociedade contemporânea, como o resultado de uma simples ação seletiva (...), mas sim como uma ação orientada para a construção da realidade social, objetivando-se institucionalmente através das práticas quotidianas de representação do acontecido”. (Saperas, 1993:140)

²⁰ A origem do estudo das notícias como construção social da realidade teve origem nas décadas 1940 e 1950, pela mão de Alfred Schutz, cujas investigações despertaram para a relevância da teoria da comunicação.

A teoria de Schutz aponta a linguagem como um elemento fundamental na construção da realidade social:

“A linguagem e a comunicação desempenham um papel fundamental na construção da realidade social (...) se a realidade quotidiana se nos manifesta como realidade presente num dado momento (...) isso deve-se à possibilidade de se estabelecer uma comunicação continua com a alteridade: a linguagem e aquilo que a constitui formam uma dimensão essencial da realidade quotidiana, pois fundam a interação do si próprio com a alteridade dos demais atores sociais.(...) (Saperas, 1993:139).

A construção da realidade definida por Berger e Luckmann, parte da teoria de Schutz:

“A linguagem usada na vida quotidiana proporciona-me continuamente as objetivações indispensáveis e dispõe a ordem dentro da qual estas adquirem sentido e dentro da qual a vida quotidiana tem significado (...) a linguagem traça as coordenadas da minha vida na sociedade e preenche essa vida de objetos significativos” (Berger e Luckmann, 1979:39 *apud* Saperas, 1993:141).

Nas palavras de Saperas é “na linguagem e na comunicação encontramos o fundamento da socialização. É a partir da aprendizagem da linguagem e do exercício da comunicação que cada individuo é instruído no sentido das coisas e do seu meio.” (Saperas, 1993:141) Posto isto, depreendemos que para além da linguagem, a existência em sociedade assume-se como um fator fundamental para a construção social da realidade:

“Porque ocupamos a mesma sociedade e pertencemos mais ou menos à mesma cultura supõe-se que haja, basicamente, uma única perspectiva dos acontecimentos: a que é fornecida por o que é algumas vezes chamada a cultura, ou (por alguns sociólogos), o sistema central de valores” (...)“O que nos une, como sociedade e cultura - o seu lado consensual - ultrapassa em muito o que nos divide e distingue como grupos ou classes de grupos. Ora, a um nível, a existência de um consenso cultural é uma verdade óbvia, é a base de toda a comunicação social (Wirth, 1948). (Hall, S. *et al.*, 1993:226)

Ainda, a perspectiva de Hall et al.

“As coisas são noticiáveis porque representam a volubilidades, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo (...). Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer

dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os “mapas de significado” que já constituem a base do nosso “traçado”. A identificação social, classificação e contextualização dos acontecimentos noticiosos, em termos destes quadros de referência de fundo constitui o processo fundamental através do qual, os media tornam inteligível a leitores e espetadores o mundo a que fazem referência” (Hall et al. 1978/1993:226, *apud* Traquina, 2007: 97).

Schudson, considera ainda que as notícias são produzidas por “pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos” (Schudson, 1995:14, *apud* Traquina, 2007:97) e, acrescenta “as notícias como forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações que devemos tomar seriamente em consideração”. (idem). Saperas, reforça a ideia do ser humano como ser social:

“A sua ação histórica pode ser identificada com uma progressiva humanização do seu meio natural e com a criação de modelos culturais que lhe permitem instituir a interação como mecanismo quotidiano de relação com os seus semelhantes. Definitivamente, o Homem vive imerso num ambiente social” (Saperas, 1993:139)

Isto quer dizer que, a construção social das notícias acontece porque vivemos numa sociedade que se quer organizada, partilhamos cultura, língua, símbolos com os nossos semelhantes, ou seja, temos acesso aos mesmos “mapas de significado”. Assim sendo, os profissionais de comunicação, neste caso, os jornalistas também pertencem a essa sociedade, logo partilham desses mesmo “mapas de significado” e essa condição é o que permite ter a perceção do que é noticiável para aquela sociedade em que estão inseridos: “Se os jornalistas não dispusessem – mesmo de forma rotineira - de tais mapas culturais do mundo social, não poderiam dar sentido aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é noticiável” (Hall, S. *et al.*, 1993:226). Compreender os *media*, enquanto construtores da realidade, implica conhecer toda a ação em que se movem o que inclui, conhecer as rotinas dos profissionais de comunicação e, nesse sentido, a figura do jornalista não pode ser, de todo, descurada, até porque, “a atividade exercida pela profissão jornalística é aqui entendida como a origem do processo de construção da realidade social”. (Saperas, 1993:142) A partir desta perspetiva, podemos afirmar que a construção da realidade social é determinada pelo jornalista, mais propriamente, através das suas rotinas de trabalho. E, tal como afirmou Grossi:

“As formas de construção da realidade informativa (que no seu resultado final serão identificadas por parte do público com a própria realidade) se definem como resultado de um conjunto de rotinas profissionais e de competências discursivas que se podem realizar de forma distinta segundo o tipo de mediação simbólica: isto é, segundo o tipo de consonância ou de confrontação que a prática profissional estabelece com a realidade quotidiana dos recetores de informação, ou segundo, características sociopolíticas do facto noticiável produzido” (Grossi, 1984:385 *apud* Saperas, 1993:142).

As teorias construtivistas defendem que a construção das notícias exige uma rotina que permita ao jornalista construir as notícias, a tempo e a horas. Esta teoria determina, ainda que, é impossível estabelecer, “uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. (...)”. (Traquina, 2007: 95). Defende que a linguagem imparcial é impossível e que “os media noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos (...)”. (idem)

Por sua vez, Schudson defende que “as notícias não são ficcionais, mas sim convencionais”. (Schudson, 1982/1993:280, *apud* Traquina, 2007:95). Gaye Tuchman realça que: “dizer que uma notícia é uma estória não é de modo algum rebaixá-la, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, a notícia, como todos os documentos públicos é uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna.” (1976/1993:262, *apud* Traquina, 2007:95). Em 1989, Gaye Tuchman escrevia “Making News A Study In The Construction Of Reality”: “A notícia é uma janela para o mundo. (...) a notícia tende a dizer-nos o que queremos saber, o que precisamos saber e o que deveríamos saber” (Tuchman, 1983:13, *apud* Saperas, 1993:153).

Mauro Wolf (2002:139) defende que os temas mais complexos e significativos da atual Communication Research são “a questão dos efeitos dos mass media e, por outro, a forma como os mass media constroem a imagem da realidade social.” A teoria construtivista tende a analisar a cultura profissional que considera fundamental, “as práticas diárias e aos procedimentos rotineiros, que procuram fornecer um fluxo constante e seguro de notícias”. (Traquina, 1999:136). Enfatizando as relações, entre os jornalistas e as fontes de informação, que considera indispensável na produção de notícias, esta teoria considera ainda que “a conexão entre fontes e jornalistas faz das notícias uma ferramenta importante do governo e das autoridades estabelecidas (Schudson,1989) e que as notícias, em geral, tendem apoiar as interpretações oficiosas de acontecimentos controversos (Tuchman, 1991, *apud* Traquina,1999:136). Estas teorias defensoras das notícias como resultado de uma construção não agrada a classe jornalística que tende a considerar o seu trabalho como um fiel retrato da realidade.

2.1 A TEORIA ESTRUTURALISTA E A TEORIA INTERACIONISTA

A partir dos anos 60 e 70 surgem duas novas teorias dentro do paradigma da construção da realidade, as teorias estruturalistas e interacionista. Estas teorias vêm sobretudo reforçar as teorias construtivistas, mas apresentam alguns pontos divergentes que veremos mais adiante. Para ambas as teorias, “as notícias são o resultado de processos complexos de interação social, entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação, os jornalistas e a sociedade, os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização”. (Traquina, 2007:99) Ou seja, estas teorias realçam a atividade do jornalista enquanto profissional pertencente a uma organização e “(...) sublinham a importância da cultura jornalista, nomeadamente, a estrutura dos valores notícia²¹ dos jornalistas, a ideologia dos membros da comunidade e as rotinas e procedimentos que os profissionais utilizam para levar a cabo o seu trabalho”. (Traquina, 2007:99) Estas teorias rejeitam, de todo, a ideia de que o jornalista é um mero observador, pelo contrário, alegam que este é um participante ativo na construção da realidade. Enquanto construtoras da realidade, as duas teorias admitem que as notícias são narrativas alicerçadas na cultura dos “membros da tribo” (jornalistas) e da sociedade a que pertencem (Ericsson et al. 1987, apud Traquina, 2007:100).

“Na perspetiva do paradigma construtivista, embora sendo índice do “real”, as notícias registam as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: Quem? O quê? Onde? Quando? a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspetos do acontecimento – processo orientado pelo enquadramento escolhido – são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade”. (Carey, 1986, apud Traquina, 2007:100)

Para Robert Karl Manoff,

“A escolha da narrativa feita pelo jornalista não é inteiramente livre. Essa escolha é orientada pela aparência que a “realidade” assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção, e fornecem o reportório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas”. (Robert Karl Manoff 1986, apud Traquina, 2007:100)

²¹ Hall et al. (1973/1993, apud Traquina, 2007:102) denominam valores-notícia deste modo “basta dizer que os valores-notícia fornecem critérios nas práticas de rotina do jornalismo que permitem aos jornalistas, diretores e agentes noticiosos decidir rotineira e regularmente sobre quais as que são ou não “noticiáveis” quais as “estórias” desfavoráveis e quais as relativamente insignificantes, quais as que são para publicar e quais as que são para eliminar”.

As teorias estruturalista e interacionista destacam ainda, a importância da identidade das fontes de informação, bem como, as consequências resultantes dos processos utilizados pelos jornalistas, colocando em causa, a autonomia dos jornalistas em relação a um controlo económico direto. Escrevem Hall et al. (1973/1993, *apud* Traquina, 2007:101): “Neste momento, os *media*, embora involuntariamente, e através dos seus próprios” caminhos autónomos” - tem-se transformado efetivamente num aparelho do próprio processo de controlo - um “aparelho ideológico de Estado”. Estes autores defendem, também, que as notícias são um produto social resultante de vários fatores, nomeadamente: a) A organização burocrática dos *media* (“um aspeto da estrutura de seleção pode ser visto na organização de rotina de jornais dedicados a tipos regulares de áreas noticiosas (...) ao estarem empenhados na produção regular de notícias, estes fatores de organização afetarão, por seu turno, o que for selecionado”; b) a estrutura dos valores-notícia que constituem o “elemento fundamental da socialização” e a prática e a ideologia profissional dos jornalistas, ou seja, o sentido de “valor-notícia” do jornalista começa a estruturar o processo; c) o momento de “construção” da notícia que pressupõe uma “identificação e contextualização” onde “mapas” culturais do mundo social são utilizados na organização. “(...) este processo - a identificação e a contextualização – é um dos mais importantes, sendo através dele que os acontecimentos são “tornados significativos” pelos *media*. Um acontecimento só “faz sentido” se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais.” Acrescem os autores: “Este processo de “tornar um acontecimento inteligível” é um processo social - constituído por um número de práticas jornalísticas específicas, que compreendem (frequentemente de modo implícito) suposições cruciais sobre o que é sociedade e como ela funciona.” Hall et al. (1973/1993, *apud* Traquina, 2007:101-102). Assim, para estes autores, o processo de produção de notícias pressupõe a aprovação da sociedade e, ao mesmo tempo, sublinham o papel das notícias como construtoras da sociedade. Os *media* têm assim um papel crucial na sociedade: “os *media* definem para a maioria da população quais os acontecimentos significativos que ocorrem, mas oferecem também poderosas interpretações de como compreender esses acontecimentos” (Hall et al. 1973/1993:228, *apud* Traquina, 2007:103). Para justificar esta posição sobre o papel ideológico dos *media*, os mesmos autores, apontam como crucial a relação estrutural entre os *media* e os chamados “definidores primários”. E chamam a atenção para as “mais rotineiras estruturas de produção de notícias, para observar como é que os *media* vêm, de facto, e em última instância, reproduzir as definições dos poderosos, sem estarem, num sentido simplista, ao seu serviço” (*idem*). As pressões práticas constantes do trabalho contra o relógio e as exigências profissionais de imparcialidade e objetividade são prova da complexidade da atividade que produzem um “exagerado acesso sistematicamente estruturado aos *media* por parte dos que detêm posições institucionais privilegiadas. O resultado desta preferência estruturada dada pelos *media*, as opiniões dos

poderosos, é que estes “porta-voz” se transformam no que apelida como “definidores-primários”. (Hall et al. *apud* Traquina, 2007:104) Não é só papel dos *media* “criar” as notícias, nem transmitir a ideologia da “classe dirigente” num “figurino conspiratório”. Para Hall et al, os *media* não são sempre os *primary definers* (pessoas credíveis e instituições que têm acesso aos *media*, por exemplo, especialistas, fontes oficiais, tribunais, líderes políticos) de acontecimentos noticiosos, mas sim, a sua relação estrutural com o poder:

“Tem o efeito de os fazer representar não um papel crucial, mas secundário, ao reproduzir as definições daqueles que tem acesso privilegiado, como que de direito, aos *media* como “fontes acreditadas”. Nesta perspetiva, no momento da produção jornalística os *media* colocam-se numa posição de subordinação estruturada aos *primary definers*”. (Hall et al. *apud* Traquina, 2007:104)

É nesta relação estrutural “entre os *media* e as suas fontes “poderosas” - que se começa a esclarecer a questão negligenciada do papel ideológicos *media*”. (Hall et al. *apud* Traquina, 2007:104-105). Para Traquina, a teoria estruturalista dá pouco espaço de manobra aos jornalistas. Segundo ao autor, “estes nunca tomam a iniciativa, nunca desafiam os “definidores primários”, por exemplo, através de iniciativas como a reportagem ou o jornalismo de investigação, ou seja, o jornalismo é para esta teoria “um espaço de reprodução da ideologia dominante. O campo jornalístico perde assim o seu potencial como objeto de *enjeu*, como recurso potencial para todos os diversos agentes sociais”.(Traquina, 2007:105-106). A teoria interacionista considera ainda que “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a perceção, seleção e transformação de matéria prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (Traquina, 2007: 106). Deste modo, os acontecimentos são a matéria prima para a produção de notícias, contudo, tem de haver uma seleção do que irá ser ou não notícia. Mas o que decide se determinado acontecimento será ou não notícia? Citando MacDougall, “num dado momento, biliões de acontecimentos simultâneos ocorrem em todo o mundo, todas estas ocorrências. Só o são no momento em que alguém que fornece as notícias dá um relato dessas ocorrências” (MacDougall, 1968:12, *apud* Hall, S. *et al.* 1993:224). Para a teoria interacionista, a construção da notícia é ainda justificada pelos seguintes fatores: a) ordem no espaço e no tempo b) acesso ao campo jornalístico; c) a rede noticiosa d) a rotinização do trabalho jornalístico; e) o jornalismo e poder f) a comunidade jornalística. Assim: A) A ordem no espaço e no tempo - o jornalista é um profissional sujeito a várias pressões próprias da natureza da atividade, porque todos os dias tem de haver notícias. A questão temporal é, assim, imperativa na atividade noticiosa e a imposição dessa condição reflete-se, também, a nível organizacional. Pressionados pela “hora de fecho”, os *media* noticiosos são forçados a elaborar estratégias para conseguir notícias a tempo e horas e, se

esta atividade se quer no momento exato em que se dá o acontecimento, há que contar, também, com o grau de imprevisibilidade, pois, na verdade, um acontecimento pode dar-se a qualquer hora e em qualquer lugar. Às empresas deste ramo, exigem-se estratégias capazes de responder a isto, sob pena de perderem o propósito para o qual foram criadas: produzir notícias. Assim, urge a necessidade de se impor ordem no espaço: “as empresas jornalísticas tentam impor ordem no espaço estendendo uma rede noticiosa para “capturar” os acontecimentos.” (Gaye Tuchman (1973, 1978), *apud* Traquina, 2007:107). Para oferecer uma cobertura mais abrangente, já que os acontecimentos podem surgir em todo o lado, as organizações jornalísticas utilizam duas estratégias: 1) a divisão geográfica (o mundo é dividido em áreas); 2) a especialização temática (as empresas estabelecem temas e autodividem-se em secções ou rúbricas). Mesmo assim, essas estratégias não garantem cobertura total e é por isso que temos notícias de determinados pontos do globo e de outros nem ouvimos falar. No caso português, Traquina considera que a “rede noticiosa” apresenta bastantes falhas, o que se justifica pelo fato de existir uma massiva concentração de meios nos centros urbanos, mais precisamente em Lisboa. Claro está que a exceção a essa realidade reside, na opinião do autor, no “trabalho meritório de algumas empresas”. E, tal como acontece com os países do chamado “terceiro mundo”, o caso de desordem, também fabrica notícias: desordem natural (por exemplo cheias); desordem tecnológica (acidentes), desordem social (distúrbios ou cortes de estrada), e desordem moral (crime). (Gans, 1979, *apud* Traquina, 2007:108) Outro exemplo verifica-se quando determinadas figuras de estado ou membros partidários se deslocam ao resto do país. Isso também é notícia” (por exemplo, se olharmos para as visitas do Presidente da República observamos que os inúmeros locais que Marcelo Rebelo de Sousa tem visitado são notícia devido à sua presença). Para além do espaço, o tempo é outro fator característico da atividade jornalística, assim cabe às empresas impor essa ordem e minimizar lapsos temporais. Defende Traquina: “tal como se espera que acontecimentos julgados com valor-notícia ocorram nalguns locais institucionais, mas não em outros locais, também se espera que os mesmos se concentrem durante as horas normais de trabalho”. (Traquina, 2007:109). Ou seja, durante essas horas, a maioria dos repórteres e fotógrafos estão disponíveis nas redações para fazer a cobertura dos acontecimentos, logo, a “ocorrência de um acontecimento antes ou depois destas horas tem de apresentar uma evidência clara de caracterização como acontecimento com valor notícia, em ordem a justificar a deslocação de um repórter para o cobrir. (idem). Para que o trabalho seja planeado, as empresas jornalísticas usam-se da agenda, ou seja, elaboram a “lista de acontecimentos previstos, permitido assim a organização do seu próprio trabalho com uma certa antecedência (...)”. (Traquina, 2007:109).

A teoria interacionista encara ainda a produção das notícias de forma interativa, onde os vários agentes sociais desempenham um papel ativo num sistema de negociações constante.

Molotch e Lester, consideram ainda que “nem todas as ocorrências são acontecimentos (...)”. (Traquina, 2007:110). A existência de diferentes “necessidades de acontecimentos”, abre caminho aos *pseudoacontecimentos*. Molotch e Lester entendem que, se um agente social ao presenciar uma ocorrência ajuda a torná-la pública para outras pessoas é porque existe um interesse na promoção de certas ocorrências, para que se torem acontecimentos públicos, desta forma “a intencionalidade que está por trás de uma parte significativa de acontecimentos (os de rotina). É precisamente, esta intencionalidade que Boorstin (1961) reconheceu quando apontou a crescente presença de “pseudoacontecimentos”. (Traquina, 2007:111). Ainda dentro do pensamento de Molotch e Lester:

“A concorrência e/ou as questões que merecem ser constituídas em notícia, e ganham assim o direito de existir enquanto recurso do discurso nos assuntos públicos e também o direito de figurar na agenda jornalística e a definição das ocorrências e/ou as questões de uma outra forma, nomeadamente a definição de seu enquadramento, isto é, a forma como será apresentada e possivelmente interpretada pela opinião pública”. (Traquina, 2007:112).

B) Acesso ao campo jornalístico - O jornalismo é uma ferramenta estratégica dos diversos agentes sociais, em particular dos profissionais do campo político: “um objetivo primordial da luta política consiste em fazer concordar as suas necessidades de acontecimentos com as dos jornalistas. Assim, é reconhecido que os jornalistas têm as suas próprias necessidades de acontecimentos”. Para além da definição de acontecimentos, da produção da notícia que gera assim concorrência entre promotores, também o acesso aos *media* é um elemento construtor. E, neste sentido existem dois tipos de acesso aos *media*: 1) o acesso habitual (quando as necessidades de acontecimentos de um indivíduo ou grupo coincidem com as necessidades jornalísticas); 2) Acesso disruptivo (geradores de acontecimentos “choque”, surpresa”); 3) Acesso direto (os próprios jornalistas quando decidem fazer notícia disto ou daquilo.) (Traquina, 2007, 112-113). A teoria interacionista reconhece a influência dos “definidores primários”, mas, ao contrário da teoria estruturalista, dá abertura para a possibilidade de outros agentes sociais conseguirem chegar aos jornalistas para atingir os seus propósitos e admite-lhes o poder na definição do que é notícia e na sua construção, isto devido ao “acesso direto”. O acesso ao campo jornalístico e à rede noticiosa é fundamental para que as organizações sejam capazes de responder à infinidade de acontecimentos diários. C) Rede noticiosa - “A formação da rede noticiosa e a forma como os jornalistas nela estão distribuídos tem importância teórica, dado que são a chave da construção da notícia (...), a fixação da rede noticiosa no tempo e no espaço impede que algumas ocorrências sejam noticiadas (...), contudo, a distribuição da rede noticiosa é essencial no processo de produção da notícia. As fontes têm importância porque estão ligadas a sectores determinantes da

política, economia, social ou cultura)” (Traquina, 2007:114-118). D) A Rotinização do trabalho jornalístico - Confrontados com a abundância de acontecimentos e a falta de tempo, os jornalistas lutam contra a imposição da ordem no espaço e no tempo criando rotinas que cubram os acontecimentos inesperados, o que faz com que fiquem dependentes dos “canais de rotina”, o que poderá levar ao contato pessoal com essas fontes, criando, assim, relações de demasiada confiança e, por fim, escrever para as fontes e não para o público, (Traquina, 2007:118-121) E) O jornalismo e poder - O acesso ao campo jornalístico é um bem organizado a nível social, já o acesso das fontes a este campo é diferente, porque também elas são de natureza diferente. Afinal, o que é notícia e os conceitos de noticiabilidade, dependem muito das pressuposições que os jornalistas têm sobre o que é normal na sociedade onde estão inseridos. “Devido à necessidade de impor ordem no espaço e no tempo, a estória do jornalismo, no seu funcionamento diário, é descrita como sendo essencialmente estória da interseção de jornalistas e fontes oficiais. As fontes provêm sobretudo da estrutura do poder estabelecido, pelo que as notícias tendem apoiar o *status quo*”. (Traquina, 2007: 122-125). F) A comunidade jornalística- As notícias são o resultado de uma interação social, quer entre jornalistas e fontes, quer entre os próprios jornalistas que pertencem a uma comunidade profissional com (hábitos, culturas, valores e ideologias). “O jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só sobre o que pensar, mas como pensar”. (Traquina, 2007:126-129)

“As notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto os acontecimentos criam a notícia, a notícia cria o acontecimento. O primeiro poder dos jornalistas é a decisão última de optar pelo que é notícia, sabendo que a notícia dá existência pública ao acontecimento ou à problemática. É o já mencionado saber do reconhecimento. O Segundo poder dos jornalistas é a última palavra sobre as construções do acontecimento como notícia.” (Traquina, 2007:127-128)

É certo que existem alguns aspetos semelhantes, entre a teoria estruturalista e a teoria interacionista e o principal deles é que ambas reconhecem as notícias como uma construção. Talvez a maior divergência tenha a ver com as relações entre fontes e jornalistas. Para a teoria estruturalista, as fontes oficiais são encaradas como um uno, a competição entre as fontes oficiais é minimizada, a posição dos “definidores primários” é algo intocável e a relação desses “definidores” com os jornalistas é vista como uma relação “unidirecional”, ou seja, quem comanda a ação são os “definidores primários”. No que toca à teoria interacionista, esta defende que os jornalistas não são observadores passivos, mas participantes ativos na construção da realidade e as notícias devem ser encaradas como um produto de um processo de interação social, isto é, são uma construção social onde a natureza da realidade é uma das condições. A par disto, para esta teoria, as notícias também têm de refletir os seguintes

aspectos: 1) os aspetos manifestos do acontecimento, 2) os constrangimentos organizacionais, que poderão incluir a intervenção direta dos proprietários, e os imperativos económicos, 3) as narrativas que governam o que os jornalistas escrevem, 4) as rotinas que orientam o trabalho e condicionam toda a atividade jornalística, 5) os valores notícia dos jornalistas 6) as identidades das fontes de informação.(Traquina, 2007:128-129).

Contrariamente à teoria estruturalista, a teoria interacionista defende ainda que outros agentes sociais não têm acesso regular aos meios de comunicação social. Porém, ambas as teorias chegam a conclusões semelhantes relativamente ao papel político do jornalismo. Assim, a ligação entre jornalistas e fontes faz das notícias uma ferramenta importante do governo e das autoridades instituídas. (Traquina, 2007:124). Reconhecendo, o acesso direto ao campo jornalístico, a teoria interacionista diz-nos que os jornalistas têm um grau maior de autonomia, “as trocas constantes e a discussão contínua entre jornalistas na produção de notícias é vital, daí que não seja possível compreender as notícias sem uma compreensão da identidade e da cultura dos profissionais do campo jornalístico” (Traquina, 2007:127).

Perante estas teorias podemos dizer que as notícias são como são, numa primeira instância, porque pertencemos a uma sociedade e os jornalistas trabalham para organizações. Isto pressupõe que o trabalho seja organizado, logo existe uma rotina; há que fazer uma seleção daquilo que é noticiável, ou seja, aquilo que os jornalistas consideram ser do interesse do público.

3.OS MEDIA ENQUANTO PROMOTORES DE PROXIMIDADE

Os *media* exercem uma função fundamental na construção social da realidade, dado que assumem também um papel na formação da identidade coletiva. Neste sentido, com este capítulo pretendemos analisar o papel dos meios de comunicação social, enquanto dispositivos promotores de identidade e proximidade.

3.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA SOCIEDADE EM REDE

Como ser gregário que é, o ser humano tem a necessidade de saber o que se passa no mundo ao seu redor, sendo inconcebível viver numa sociedade sem informação. Porém, o avanço tecnológico alterou a forma como comunicamos, rompendo com o paradigma tradicional. Antes da contagem dos séculos, na Roma Antiga e no Império Romano, a comunicação já era merecedora da atenção do poder vigente. Nessa época, mandavam os imperadores que fossem divulgadas notícias, primeiro através do pregão e, posteriormente, inscritas em tábuas de madeira. Do pregão, passando pelas tábuas romanas, demos um salto até Gutenberg e surgiu a imprensa. Posteriormente, nos anos 20, a descoberta das ondas hertzianas levou-nos até ao rádio, seguiu-se a televisão e depois a internet. A sociedade é empurrada para esta revolução, e todos nós, irremediavelmente, fazemos parte desta mudança onde agora domina o digital.

“O século XX caracterizou-se por uma transformação acelerada do paradigma da comunicação, que deixou de evoluir ao ritmo do sentido biológico do desenvolvimento humano, para se aproximar do ritmo dos acontecimentos e da sua mediatização. No século XXI, observa-se a aceleração deste pressuposto, potenciado pela participação cada vez mais intensa e individual dos cidadãos numa época definida como mediática, cidadãos continuamente conectados que estão permanentemente online e se assumem cada vez mais como produtores de informação e reprodutores de conteúdos de outrem, enquanto “partilhantes” e replicadores desses mesmos conteúdos. (...)”. (Alves, 2017:301)

“Conhece-te a ti mesmo” é uma máxima esculpida no templo de Apolo. Há mil anos, os gregos modelaram as suas vidas e mentes através de máximas como esta e, conseqüentemente, influenciaram a civilização ocidental. Este pensamento atravessou séculos e é também uma das linhas orientadoras da filosofia de Sócrates, cuja intemporalidade é inquestionável. Quem somos nós? Por que estamos aqui? Qual a nossa importância? A identidade é um dilema. A propósito, Freud, na homenagem prestada pelo

B'nai B'rith de Londres, no seu 70º aniversário, em 1926, disse o seguinte: "(...) A identidade é o resultado de um longo processo de identificações em que o sujeito assimila, total ou parcialmente, à maneira de uma incorporação oral, propriedades e atributos de um outro." (Freud, 1914/1996, *apud* Campos). Ao contrário de Freud, que considerou a identidade como um processo de imitação inconsciente que fazemos uns dos outros. Dentro das epistemologias críticas, Ciampa considera a identidade como uma metamorfose:

"(...) No processo de constituição da identidade, os papéis que o indivíduo assume ao longo de sua vida fazem parte de sua construção, partindo de uma identidade pressuposta. Assim, a identidade é posta e repostada continuamente, pois o indivíduo vivencia ao mesmo tempo vários papéis, o que o torna um personagem da vida, que sempre se metamorfoseia de acordo com as condições históricas e sociais a que está submetido". (Ciampa, 1977:241-242)

A busca pela identidade é uma das interrogações da humanidade, e não é por acaso que, ao longo dos tempos, filósofos, sociólogos, investigadores, poetas, psicólogos desenvolveram pesquisas e teorias em redor do tema. Por conseguinte, o meio onde vivemos é uma das grandes influências da nossa identidade. Num mundo cada vez mais global, mais do que explorar a identidade individual, importa entender como se constrói a identidade coletiva, num contexto específico que é a sociedade em rede. Cada nação, possui uma identidade com particularidades distintivas das demais, pertencemos a uma etnia, falamos uma língua e geograficamente situamo-nos num ponto do globo. No capítulo dedicado ao "Ser português", descobrimos que como povo possuímos características enraizadas na história, que pela sua força permanecem vivas. Mas será que "somos portugueses antes de sermos homens"? (Gil, 2009:10) Que força tem a identidade coletiva na nossa vida? Numa sociedade tão globalizada, as pessoas apegam-se à identidade como uma luz que dá significado à sua existência:

"Homens e povos acordam tarde sobre si mesmos. É por isso que o essencial das suas atividades se passa a construir esse passado original sem o qual não teriam futuro, ou apenas um presente sem espessura. É a este processo, ao mesmo tempo real e imaginário, que chamamos preocupação e busca de identidade" (Lourenço, 1988:17)

A identidade coletiva não se esgota, no entanto, na definição de um povo e não é uma questão orgânica, move-se no espaço e no tempo, trilhando os caminhos da sociedade. "A crise atual abalou as velhas referências - e também as mais recentes - da identidade portuguesa. (...). Vivemos agora à deriva depois do embate uns com os outros(...)". (Gil, 2009:57). Marshall McLuhan, um dos principais teóricos sobre *media* do nosso tempo,

publicou em 1964, “*Understanding Media: The Extensions of Man*” e, num género de antevisão, sobre a realidade de hoje, o autor realçou nessa obra os efeitos dos *media* na sociedade e na cultura, sendo o seu ponto de partida o indivíduo, porque para McLuhan os *media* são como extensões tecnológicas do corpo.

“Hoje, depois de uma centúria a dominar a tecnologia da eletricidade, estendemos o nosso próprio sistema nervoso central num abraço global, abolindo tanto o espaço como o tempo no que ao nosso planeta diz respeito. Aproximamo-nos rapidamente da fase final, a da extensão do homem - a simulação tecnológica da consciência, em que o processo criador do conhecimento será coletiva e corporativamente estendido á sociedade humana na sua totalidade, da mesma maneira que já estendemos os nossos sentidos e nervos através dos diversos media” (McLuhan, 1964:3)²²

Por sua vez, a propósito do livro “Continente Poderoso e Turbulento”, numa entrevista à “Antena 1”, Anthony Giddens, afirmou que estamos perante a maior mudança de todos os tempos, mas o que pode ser positivo, pode também revelar uma sociedade mais estratificada e dividida em setores.

“De repente o mundo foi integrado na tecnologia digital, um dispositivo no bolso, pode transportar-nos para qualquer lugar do mundo, a qualquer momento, isso produz ao que apelido, o cosmopolitismo de todos os dias. Estamos todos em contato com outras culturas e isso é inevitável, por um lado é muito bom, porque podemos criar uma sociedade mais diversa e rica, por outro lado, está na base da emergência de divisões sectárias e novas formas de fundamentalismo e populismo.”²³ (Giddens, 23/02/2015, in “Antena1”)

Nos finais dos anos 90, Manuel Castells criou o conceito “sociedade em rede”, referindo-se à sociedade dominada pelas novas tecnologias de informação e comunicação e a decorrente interferência nas estruturas sociais. Em traços gerais, a ideia defendida pelo sociólogo era que, no futuro, as relações humanas seriam estabelecidas na esfera multimedia e a relevância social de cada um dependeria da sua presença digital. O modo como vivemos hoje é a grande viragem na forma de estar no mundo, como diria Charles Taylor, “passamos de uma sociedade marcada pelo cristianismo a outra, aberta e diversificada. É uma situação completamente nova na história da humanidade²⁴ (Charles Taylor, 25/08/15, in “El País”). A

²² Tradução minha.

²³ Declaração retirada da entrevista de Anthony Giddens à “Antena 1” a 23/02/2015 pelas 18h51. No min 14:05/15:00. Disponível em: www.rtp.pt/noticias/entrevistas/. [Acedido a 30 de Maio de 2018.]

²⁴ Declaração do filósofo Charles Taylor à entrevista do jornal “El País”. Publicada em 25 de Agosto de 2015: Disponível em [El País](http://ElPaís). [Acedida a 30 de Maio de 2018].

globalização anda de mãos dadas com a sociedade em rede e é detentora de uma força capaz de influenciar os indivíduos e as suas nacionalidades preconizando, deste modo, uma constante mudança. Isto quer dizer que não somos os mesmos de outrora, nem enquanto indivíduos, nem enquanto membros da sociedade; as nossas relações sociais modificaram-se. Em 1969, Alain Touraine e Daniel Bell (1973) desenvolveram um novo conceito, o da “sociedade da informação”, outra das conceções atuais que ilustra a nossa era.

“A Sociedade da informação está baseada nas tecnologias de informação e comunicação que envolvem a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrónicos, como a rádio, a televisão, telefone e computadores, entre outros. Estas tecnologias não transformam a sociedade por si só, mas são utilizadas pelas pessoas em seus contextos sociais, económicos e políticos, criando uma nova comunidade local e global: a Sociedade da Informação” (Gouveia, 2004)

Contudo, digital ou não, a sociedade faz-se de pessoas, ou seja, indivíduos dotados de individualidade, mas também de características comuns a outros indivíduos com quem nos identificamos. Fazemos parte de um todo, de uma identidade coletiva, ou seja, de um “processo de construção de significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) quai(s) prevalece(m) sobre outras fontes de significado (...)” (Castells, 1999:23). Ainda assim, existe em nós, uma necessidade de nos distinguirmos dos demais:

“Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas, ou culturas em que de alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida. O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta, nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros”. (Calhoun, *apud* Castells, 1999:22)

A sociedade em rede é um fenómeno contemporâneo que já provocou diversificadas mudanças, não só a nível tecnológico, mas, sobretudo, no modo de estar na vida, alterando os nossos símbolos e aquilo com que nos identificamos dentro da própria sociedade. Neste cenário, a identidade coletiva ganhou diferentes e novas formas de expressão. Todavia, nem sempre essa transformação está no encaixe do avanço tecnológico do último quarto do século XX. Em certos casos, a identidade coletiva pode até assumir um papel nas trincheiras, colocando-se como barreira à globalização e à propagação dos *media*. O fundamentalismo

religioso²⁵, o nacionalismo, a etnia e o território, são formas de identidades de reação, já que na sua índole, se revelam defensivas face às três ameaças fundamentais expostas pela sociedade atual: a globalização, a formação de redes e flexibilidade e a crise da família patriarcal. (Castells,1999: 85)

“Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica”. (Castells,1999: 85)

A sociedade está dividida em diferentes concepções, e, para Castells, as sociedades civis (legítimas) estão desarticuladas; a busca pelo significado acontece, no âmbito da reconstrução de identidades defensivas, em torno de princípios comunitários. A constituição de sujeitos toma, assim, um novo rumo, pois já não somos formados unicamente com base na sociedade civil, constituímos-nos como um prolongamento da existência de comunidades, ou seja, o “(...) significado organiza-se em torno de uma identidade primária (uma identidade que estrutura as demais) autossustentável ao longo do tempo e do espaço.” (Castells, 1999:23).

“A constituição dessas comunas culturais não é arbitrária, mas depende da forma de trabalhar a matéria prima fornecida pela história, geografia, língua e ambiente. Assim, são comunidades construídas, porém materialmente contruídas, em torno de reações e projetos determinados por fatores históricos e geográficos.” (Castells, 1999: 85)

Repare-se que esta abordagem se aproxima da proposta de Erikson, que defende que a construção da identidade tem uma base biológica (a maturação física abre novas possibilidades e ao mesmo tempo suscita novas exigências sociais) e, sobre essa mesma base, atua a educação e o modo como o indivíduo ao longo da sua vida, pertencente a uma determinada família e cultura, reage aos problemas. Giddens também apresenta uma contribuição interessante:

“A questão existencial da autoidentidade está mesclada com a natureza frágil da biografia que o indivíduo "fornece" de si mesmo. A identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento nem — por mais importante que seja — nas reações dos outros, mas na capacidade de manter em andamento uma narrativa particular” (Giddens, 2002:56).

²⁵ Castells, classificou o fundamentalismo religioso como um movimento “(...) “hipermoderno”, no sentido em que a construção de uma identidade islâmica reflete uma reação contra a modernização inatingível e contra os efeitos negativos da globalização, visando o paraíso comunal para os verdadeiros fiéis”.

Na perspetiva sociológica, “toda e qualquer identidade é contruída” (Castells,1999:23), o essencial é perceber como, desde que, por quem e para quê isso acontece, “a construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.” (Castells,1999:23). Isto é, as instituições, a memória coletiva e as especificidades culturais (históricas, geográficas, biológicas, pessoais) são fatores que constituem a formação da identidade, o que quer dizer que, enquanto indivíduos, pertencentes a um país, partilhamos de uma mesma identidade. E mesmo no campo digital, do ponto de vista social, a identidade não pode ser construída fora do seu contexto histórico: “nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas encerra, *per se*, valor progressista retrogrado se estiver fora de seu contexto histórico” (Castells, 1999:24). A construção coletiva da identidade é, ainda, sustentada por dois alicerces: o simbolismo e o significado, o caso de Portugal é um exemplo plausível destes dois fatores, já que a nossa memória coletiva, está cimentada sob símbolos históricos. Para Castells, a construção da identidade coletiva pode ainda ser dividida em três tipos: a Identidade “legitimadora” (introduzida pelas instituições dominantes e onde se insere o nacionalismo); a Identidade “de resistência” criada por atores sociais estigmatizados e com a finalidade de resistir ao domínio das instituições da sociedade, geralmente com formação nas comunidades e a identidade “projeto”, quando atores sociais constroem uma nova identidade com o objetivo de transformar a estrutura social (Castells, 1999:24). Todo esse processo e os seus resultados são o cenário ideal para “o desenvolvimento de uma teoria de transformação social na era da informação”:

“É esse o significado real da nova primazia da política de identidade na sociedade em rede. A análise dos processos, condições e resultados da transformação da resistência comunal em sujeitos transformacionais é o terreno ideal para o desenvolvimento de uma teoria de transformação social na era da informação” (Castells,1999:28).

Contudo, como já foi aqui dito, nem tudo é sinal de mudança neste contexto, a globalização marca também o ressurgimento de um movimento que se julgava enfraquecido. Estamos a falar do nacionalismo que surge assim “manifestado tanto pelo desafio que impõe a estados-nação estabelecidos como pela ampla reconstrução da identidade com base na nacionalidade, invariavelmente definida por oposição ao estrangeiro” (Castells, 1999:45). Uma tendência histórica que vai contra todas as teorias que o julgavam “morto” devido a três fatores “a globalização da economia, e a internacionalização das instituições políticas; o universalismo de uma cultura compartilhada, difundida pela *mídia* eletrónica, educação, alfabetização, urbanização e modernização” (idem). Segundo o autor, o que explica este

inesperado ressurgimento do nacionalismo é a partilha, relevando para segundo plano, embora, não menos importantes, outros aspetos como a “etnia, religião, idioma ou território” que apesar de pertinentes, “não são suficientes para erigir nações e induzir o nacionalismo. A experiência compartilhada sim” (Castells,1999:46). Esta teoria da “experiência compartilhada” conduz-nos a um ponto relevante: que papel desempenham os *media* nesta nova era da sociedade em rede? Serão os meios de comunicação social veículos imprescindíveis para a construção de uma identidade?

“Nossa trajetória (...) nos dá uma certa noção do novo significado de nações e nacionalismo, como fonte de sentido na era da informação. (...) O quanto essa história deve ser compartilhada para que uma determinada coletividade se transforme em nação varia conforme contextos e períodos, assim como variam os ingredientes que induzem à formação dessas comunidades (...).” (Castells,1999:69)

Em Outubro de 1943, após a destruição da Câmara dos Comuns em Londres, durante a Blitz, debateu-se a questão da reconstrução da câmara, Churchill insistiu que a forma da velha Câmara era responsável pelo sistema bipartidário (essência da democracia parlamentar britânica): “we shape our buildings and afterwards our buildings shape us”²⁶ à letra significa que “moldamos os nossos prédios e depois nossos prédios moldam-nos”, apesar de ser uma declaração de âmbito estético, significa muito mais do que isso, por trás das palavras de Churchill assenta uma outra ideia, caso assim queiramos interpretar: a ideia de tribo, povo, nação e, depois, de Estado. Isto é, a nossa identidade coletiva decorre dessa relação de fatores. Por esse motivo, há aspetos que não podemos descurar nesta análise: a língua, etnia e o território como bases para a construção da identidade, que podem ser determinantes para os *media*, como agentes de proximidade e identidade. Começemos pela língua:

“Se na maioria das vezes, o nacionalismo representa uma reação contra ameaças a uma determinada identidade autónoma, em um mundo submetido á ideologia da modernização e ao poder da *mídia* global, a língua como expressão direta da cultura, torna-se a trincheira da resistência cultural (...)” (Castells, 1999: 70-71)

A língua assume um papel de ligação entre o campo público e privado, entre o passado e o presente, independentemente do reconhecimento que uma comunidade tem pelas instituições do Estado. É também uma característica diferenciadora na construção da identidade coletiva

²⁶ Informação disponível em: [Parliament UK](http://www.parliament.uk) [Acedido a 29 de Maio de 2018].

e um fator de união entre os “atores sociais” que partilham essa identidade. Assim, como atributo, o idioma é um importante aspeto na formação de comunidades.

“(...) lançaria a hipótese de que a língua, principalmente uma língua plenamente desenvolvida, constitui um atributo fundamental de autorreconhecimento, bem como de estabelecimentos de uma fronteira nacional invisível em moldes menos arbitrários que os da territorialidade e menos exclusivos que os da etnia” (Castells, 1999:70)

Tal como a língua, a etnia é considerada uma fonte básica de significado e reconhecimento ao longo da história da humanidade e na constituição de sociedades. Considerando, a nova dinâmica da sociedade, como já aqui dissemos, a etnia e a raça, apesar de fulcrais na sociedade, também se manifestam de forma diferente perante as tendências sociais emergentes, o que segundo o autor:“(...) embora a questão racial seja importante, e provavelmente mais do que nunca uma fonte de opressão e discriminação, a etnia vem sendo especificada como fonte de significado e identidade (...)” (Castells, 1999, Pp.71-72). A etnia como possibilidade de identidade coletiva perde, então, sentido na sociedade em rede, sobretudo por se apoiar em vínculos primários e por estar integrada em comunidades culturais mais fortes, como religião e o nacionalismo: “Assim, raça é um fator muito importante, mas já não é capaz de construir significados”. (Castells,1999:78). No que toca às identidades territoriais, estas não provocam um padrão específico de comportamento, geram antes um sentimento de pertença a uma identidade cultural, “as pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos”. (Castells,1999:84). Para o investigador Milton Santos, o território enquanto construção social é um conjunto de sistemas criados pelo homem:

“O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence (...)” (Santos, 2000:47)

O território é um campo do qual não se pode prescindir, caso se deseje conhecer as relações que se estabelecem entre os atores da sociedade de rede e os meios de comunicação. Desta forma, o território torna-se protagonista na construção de identidades, por ser um processo promovido no conhecimento local. É, pois, no âmbito do território que se estabelece o cruzamento do explícito e do subentendido e é também neste campo que os *media* ganham mais força, quando por exemplo, usam a proximidade para alcançar os seus objetivos e levar os cidadãos a consumir determinado conteúdo ou meio de comunicação

social. Santos defende ainda que o território é a “interdependência universal dos lugares é a nova realidade do território” (Santos, 1998:15). A identidade dar-se-á não necessariamente, pelo que há de palpável nos territórios fisicamente localizados, mas pelo inatingível, por o que está subentendido e, neste ponto, entram as características de um determinado território. Com o desenvolvimento próprio da nova forma de território, isso vai definir a identidade coletiva como um carácter informacional, ou seja, uma identidade influenciada pelas novas tecnologias de informação. Assim, não necessariamente, a localização geográfica tenderá a ser determinante na questão da identidade, mas sim a sociedade em rede, onde o território ganha uma nova conceção de espaço e tempo, determinados pela tecnologia, em detrimento de barreiras físicas: “a nova sociedade de informação não é uma sociedade transnacional, mas antes, mais exatamente, uma sociedade ao mesmo tempo local e global” (Cadima, 1999:3).

Para o investigador William Uricchio, a cultura também pode ser considerada uma base de construção de identidade, “o projeto de utilização da cultura como uma forma de construção e manutenção da identidade (...)” contudo que “contrasta com o uso da cultura enquanto mercadoria e a transformação do cidadão em consumidor” (2004:84 *apud* Alves, 2017:88-89). Assim, enquanto a cultura for encarada como um produto comercial, nunca será totalmente representativa de realidades com expressões tão diversas como a que vivemos. Os *media* tradicionais e os digitais, especialmente, transformaram-se numa catapulta na construção das identidades e na divulgação cultural. Na sociedade em rede, os *media* consolidaram-se como elementos de preservação de uma identidade cultural e, é por isso que o uso das tecnologias atuais é determinante para esse objetivo, “que já não são só ferramentas, senão processos a desenvolver no palco *ciberespacial*. Os utentes têm que tomar as novas tecnologias, em especial a rede Internet e as ferramentas sociais para produzir e distribuir mensagens, bens e serviços” (Garcia,2017:128). A investigadora Teresa Alves dá o seu contributo neste ponto, ao defender que os *media* são fruto do ambiente cultural onde se encontram.

“Os media encontram-se enraizados na sociedade como elementos históricos e socialmente determinados pelo sistema cultural em que se ambientam. Os meios (...) através da natureza dos seus conteúdos, e da dedicação de um determinado número de horas a conteúdos produzidos localmente, prevê a solidificação de uma identidade nacional através das suas representações mediáticas (...)”. (Alves,2017:14)

A sociedade em rede apresenta muitas exigências para o paradigma tradicional e, neste ponto, também a noção de Estado-nação, enquanto poder supremo, sofre alterações. O

estado-nação tradicional não consegue dar resposta às variadas transformações como, por exemplo, lidar com o surgimento das múltiplas identidades, a existência de diversas fontes de poder e, tudo isto, potenciado pela força dos *media*. Uma pergunta se impõe: como fica a identidade de um país perante todas estas mudanças? Para Castells, na era da informação, os países estão sujeitos a novas crises, sejam democráticas ou identitárias e, por isso, os países ganham um outro significado como territórios. Ou seja, as nações são definidas como “comunidades culturais construídas nas mentes e memória coletiva das pessoas por meio de uma história e de projetos políticos compartilhados”. (Castells, 1999:69) A memória coletiva é outro dos pilares da construção da identidade. Há, no entanto, uma constante renovação de símbolos com os quais nos identificamos. Se olharmos para Portugal, no período atual, podemos dizer que Cristiano Ronaldo ou José Mourinho são símbolos nacionais. E isso acontece porque, constantemente, recebemos estímulos que alteram o nosso padrão identitário e é precisamente neste ponto que os *media* assumem um importante papel como agentes de uma comunidade identitária, construindo uma realidade, a partir de algo que é comum a uma comunidade. A identidade é para a comunicação uma interessante ferramenta de promoção de proximidade entre os cidadãos e os meios de *media*. Logo, os *media* são imprescindíveis na partilha de novos valores e símbolos de uma sociedade. Nesta sociedade global, os conteúdos de proximidade ganham outra importância ao nível da identidade. Como já observámos, os significados e os símbolos ganham novos contornos, as fontes de sentido e experiência para os indivíduos são diferentes na sociedade contemporânea. As manifestações de identidade que surgem como resposta à globalização são diversificadas e, se alguns atores sociais tentam impor a uniformização, outros recorrem aos novos meios para pôr em marcha manifestações e tendências culturais que numa sociedade tradicional seriam abafadas, podemos dizer que a diversidade cultural é uma das marcas desta época.

“(…) para contribuir à transformação da globalização como visão unificadora, muitos atores sociais e políticos entendem que resulta aconselhável prestar especial apoio aos meios que recolhem as mensagens dessa grande diversidade de fontes que provem de zonas geográficas muito diferentes, que têm detrás uma história e uma tradição cultural específica.” (Garcia, 2017:128)

Afirma Garcia que estamos perante um “novo ecossistema comunicativo” que se divide por “meios globais”, “meios nacionais-estatais-metropolitano”, e “meios de proximidade”. Os dois últimos diferenciam-se pela exclusividade da proximidade: (...) são caracterizados pela exclusividade diferenciadora da construção informativa, a proximidade, o vínculo ativo com a experiência da vida quotidiana num espaço geográfico único e concreto” (Díaz Nosty, 2013:121 apud. Garcia, 2017:121). É com esta ideia que partimos para a segunda parte

deste capítulo, onde iremos observar o papel dos *media* enquanto dispositivos promotores de proximidade.

3.2 A PROXIMIDADE COMO ESTRATÉGIA NOS *MEDIA*

O programa “Património” da Rádio Castrense (Baixo Alentejo) é um produto radiofónico que tem sobrevivido ao longo dos tempos e, particularmente, é um exemplo daquilo que os meios de comunicação social podem ser para a comunidade. Há mais de três décadas no ar, o programa tem como missão “divulgar e salvaguardar os traços mais marcantes da cultura popular alentejana”²⁷. A proximidade e a identidade são características latentes neste produto radiofónico, cujo conteúdo prima pela proximidade geográfica e simbologia de um povo. Podemos dizer que este programa encerra em si aquilo que está na base da criação das rádios locais, em Portugal, ou seja “(...) uma de suas maiores contribuições passa pela promoção da identidade nas comunidades onde atuam, convocando para o discurso mediático temáticas e vozes que antes pouco ou nenhum espaço tinham nos meios de comunicação social nacionais (...)” (Bonix, 2017:47). Criado em 1989, o “Património” é mais do que um programa numa rádio local é, sobretudo, um derrubar de barreiras: a do isolamento e a da solidão, especificidades próprias de uma região, situada geograficamente, no interior do país. Além de ser um espaço de encontro, o programa assume a função de promoção das suas gentes, num apelo constante à tradição de um povo. E, ainda que, num contexto local, o “Património” possa bem representar algumas das funções dos *media* em geral, isto porque, usufrui da componente da proximidade e é um agente de uma comunidade identitária.

“As comunidades locais têm sido o principal lugar onde se promoveram iniciativas de comunicação de proximidade e onde mais se realizaram ensaios com renovadas modalidades expressivas, com a combinação de projetos sociais e de comunicação, com diferentes técnicas de persuasão ou com a análise dos efeitos de algumas mensagens seletivas no comportamento dos cidadãos. Também têm sido o principal laboratório para entender a relevância dos projetos comunicativos, porque, “a comunicação, no sentido de transmissão de uma tradição, de uma forma de vida local, imediata, de uma cultura concreta e localizada, é um elemento integrante e decisivo para a sobrevivência dessas entidades locais –pequenas ou grandes– autóctones, em seu desejo de sobrevivência” (Bel Mallen, 1990:30, *apud* Garcia, 2017:120).

²⁷ José Colaço, fundador do “Programa Património”. Entrevista pessoal via telefone: 7 de maio de 2018.

A comunidade permite aos indivíduos partilhar uma identidade comum, isto é, uma identidade coletiva que é a “fonte de significado e experiência de um povo (...)” (Castells, 1999:22). Logo, isso pressupõe conceber a comunidade como uma coletividade, construída a partir de significados partilhados. Neste caso, a comunidade onde está inserido este programa reconhece-lhe significado e valor. E se a componente afetiva é evidente, também por parte dos ouvintes, existe uma identificação com o seu conteúdo, o que constrói uma realidade comum àquela comunidade.

“A proximidade é olhada desde o ponto de vista da sua ligação ao território, pois quando procuramos entender o seu papel nos meios de comunicação social local e regional, torna-se impossível não refletir sobre a relação estreita que o conceito assume com o local e com a comunidade (...).” (Bonixe,2017:49).

Acima de tudo o “Património” dá lugar a pessoas que, na sua maioria, são de uma faixa etária superior aos 65 anos, o que promove uma identificação temporal, geográfica, cultural e simbólica, onde os costumes e a nostalgia, remetem os seus ouvintes para os tempos de mocidade, quando se entoavam nos campos cantes e prosas alentejanas.

“Muitos foram os patrimónios que eu apenas me limitei a ouvir, pois na altura, nem tinha telefone e o telemóvel esse surgiu mais tarde, depois uma vez conseguida a linha telefónica passei a ser participante semanal e habitual. Primeiro, com umas adivinhas e umas poesias aprendidas, depois comecei a fazer décimas e então a partir daí não mais parei (...) Pela mesma altura, iniciei-me no cante ao baldão (típico do baixo Alentejo) , depois foram as inúmeras participações em direto e ao vivo nos estúdios da rádio Castrense, fiz muitos “Patrimónios” sozinho como convidado e outros com mais participantes (...) admiro tudo quanto passou pelo “Património” ao longo destes muitos anos, Grupos corais, Grupos instrumentais, Grupos tradicionais, Poetas, Cantores, Músicos ou pessoas, simplesmente a contar histórias de vida (...) Se o “Património” nunca tivesse existido, certamente, também não existia o “Graça poeta” e o “Graça cantor de baldão” e, certamente, já não se ouvia o próprio baldão, nem a viola campaniça, por isso, honra seja feita ao “Património””.²⁸

Um meio de comunicação social que promova a proximidade com o seu público é também um veículo para a manutenção da identidade dessa comunidade e, tal como defende Castells (1999:29-71), a etnia, a língua, o nacionalismo e o território são bases de

²⁸ Manuel da Graça, participante e ouvinte do “Património”. Retirado do grupo de FB do programa em: www.facebook.com/groups/362130640945396/. [Dia 27 de Abril de 2018].

uma identidade coletiva que, ao mesmo tempo, fomentam a proximidade e identidade, através dos *media*, sejam eles de cariz local, regional ou nacional. Se a proximidade é encarada como um reforço das relações interpessoais no seio da comunidade, poderemos afirmar que as comunidades locais são um espelho do desenvolvimento da proximidade, isto porque, são organismos vivos, onde existem pessoas, ideias, atividades. E, nesse sentido, as comunidades locais são importantes para entender a pertinência de projetos comunicativos de âmbito global, pois podem ser “(...) uma das bases sobre a que se assentaram numerosos meios de comunicação social ou como uma das estratégias de penetração, num mercado concreto adotada por muitos outros de âmbito de difusão superior” (Cantalapiedra,1996:17 *apud* Garcia,2017:121). Porém, uma questão se impõe, poderá a globalização colocar em risco a proximidade nos meios de comunicação? Segundo Garcia, esse sentimento de proximidade com os conteúdos mediáticos e com os *media* não está em risco, porque, apesar de vivermos numa sociedade globalizada, a proximidade ganha novas dimensões. Deixou de ser apenas a proximidade territorial que, durante tanto tempo, os meios de comunicação locais se fizeram valer: é, de resto, uma das suas bases. Além disso, o conceito de local já não é o mesmo de outrora, a sociedade em rede veio alterar muitos conceitos e este é um deles:

“A sociedade em rede não tem posto ponto final a esta constante histórica, senão que a situou numa nova dimensão, onde segue sendo muito importante a cercania física, ainda que tem cobrado muita força a proximidade psicológica, afetiva, temática, cultura, isto é, as múltiplas perspetivas da proximidade. O próximo volta a ser relevante para estar com voz própria no palco comunicativo mundial.” (Garcia, 2017:119)

A evolução da sociedade em rede tem revelado que estamos perante um novo paradigma mediático, onde existe uma dupla tendência sincrónica, entre o global e o local. A este novo panorama Garcia apelida de “glocal”:

“O novo panorama do ecossistema mediático está marcado pela sombra do global e do local, que alguns autores denominam do glocal-global e local ao mesmo tempo. Neste palco os meios de comunicação vivem um processo de constante mudança, com estratégias para intervir na proximidade e no palco mundial.” (Garcia, 2017:127)

Para compreender o sistema mediático em que vivemos é importante entender que a definição de local de hoje ultrapassa a questão geográfica. Existem outras componentes que se agregam à nova conceção de local, nomeadamente, elementos de âmbito afetivo. A proximidade de hoje vai muito além das barreiras físicas e geográficas, o “local não se define por ser um espaço dimensionado administrativamente senão por uma estrutura social, por

uma comunidade que se adscrive vitalmente a um espaço, isto é, que tem consciência dessa integração. O local, conseqüentemente, é um elemento orgânico de sociabilidade” (Barreiro, 1996: 53, *apud* Garcia, 2017:121-122). No início dos anos 40, segundo o investigador Fernando Moura, existia um programa de rádio intitulado a “Hora da Saudade”, este programa era destinado à comunidade emigrante na Argentina e é um exemplo de como a proximidade ultrapassa as características físicas do território. A mais de 10.000 km de distância, os emigrantes tinham a oportunidade de ouvir a sua língua, notícias e mensagens de familiares através de um transístor. Certo ao coração, a “Hora da Saudade” era a ligação a Portugal, “A «Hora da Saudade», a emissão de rádio, era a única ligação com a terra.” (Moura, 2010:137). Neste caso, trata-se de uma proximidade afetiva “(...) a proximidade possibilita ainda a criação de alguns conteúdos e modelos comunicacionais mais ou menos “intimistas”, apelando aos aspetos mais emocionais, de carácter mais ou menos psicologizante. (...)” (Camponez,2012:36). Yves Agnes e Jean-Michel Croissandeau identificaram diferentes formas de entender a proximidade, “para além da proximidade física e geográfica, incluem também as dimensões temporais, psicoafectivas, socioprofissionais e socioculturais (...)” (Camponez, 2012:36). Deste modo, depreendemos que a proximidade e a identidade são características transversais aos meios de comunicação, particularmente como estratégia mais visível nos meios locais/regionais e bastante explorada no chamado jornalismo de proximidade. No entanto, nos meios de comunicação nacionais essa proximidade também pode ser observada, sobretudo, se o conteúdo estiver direcionado para uma determinada comunidade.

“(...). Esta polissemia de sentidos é também explorada de forma estratégica pelos meios de comunicação de massa. Na sua dimensão geográfica, a proximidade pode funcionar numa lógica de criação de interesses e de fragmentação de públicos. Por isso, é também explorada em estratégias comerciais (...) através de técnicas como o *geomarketing*, entre outras, que incluem a utilização dos órgãos de comunicação social regional e local.” Camponez,2012:36)

No caso do programa “Hora da Saudade” a proximidade e a identidade foram estratégias que o poder político soube aproveitar a seu favor. Portugal (1940) estávamos em plena ditadura, vivíamos a colonização e milhares de pessoas fugiam do país à procura de uma vida melhor. Um cenário, digamos que, oportuno para a propaganda nacional, este programa era um veículo para difundir a ‘portugalidade’ do Estado Novo e embutir os emigrantes de “espírito patriótico”.

“O que estava na mente do então presidente na Emissora Nacional era conseguir, no espaço de três anos, dotar a emissora de condições técnicas que lhe permitissem uma boa cobertura do território

metropolitano, bem como das colónias e dos países onde Portugal possuía comunidades emigrantes consideráveis e que (...)necessitavam ser imbuídas do espírito patriótico, de forma a serem também veículos de transmissão do génio português” (Ribeiro 2005:118-9, *apud* Moura, 2010:145)

Nos países onde a emigração portuguesa está presente, existem inúmeras comunidades organizadas (cafés, associações, ranchos folclóricos, etc.) que atuam com o principal objetivo de manter vivo o espírito português. Mas estas comunidades fruem de outra particularidade: a proliferação de meios de comunicação (jornais, rádios televisões) que em comum têm a língua portuguesa e a ligação a Portugal. Estes aspetos traduzem-se em relevantes elementos de proximidade e de manutenção identitária, “a partilha de uma mesma língua, só por isso, gera sentimentos de identificação, gerados em primeiro lugar por fenómenos de entendimento. (...)” (Alves,2017:12-13.) Os *media* comunitários desempenham, por isso, um importante papel no que que toca à manutenção da identidade, por meio da proximidade.

“(...) contribuem para a construção de um retrato identitário da diáspora nos seus países de acolhimento (...) O objetivo desde género mediático é capacitar as comunidades que representam de autonomia identitária e representativa, contribuindo para o conhecimento sobre o mundo da imigração enquanto conquistam território aos meios tradicionais nesse campo da auto- representação”. (Alves, 2017: 22-23).

A Rádio Alfa, em França, existe desde 1987, transmite 24 horas por dia por FM e internet e é mais um exemplo de proximidade.

“(...) para que existisse, na capital francesa, uma emissora que fosse um meio de ligação entre a vasta comunidade portuguesa aqui radicada. (...) a Rádio Alfa assume-se como um veículo de divulgação da cultura e das tradições portuguesas, sem esquecer o papel de aproximação entre todos os que se expressam na língua de Camões.”²⁹ (Rádio Alfa)

Apesar dos meios comunitários darem sinais de globalização, como é o caso da transmissão por internet, ainda mantém muitas características genuínas, e, no caso da rádio “Alfa”, manter essa genuinidade é um objetivo: “o número e a qualidade das associações permitem-nos organizar eventos fantásticos baseados em folclore, danças e música de diferentes regiões portuguesas”.³⁰ Como já observámos, a cultura de um povo é um importante elemento simbólico, “a cultura como capital simbólico é também uma ferramenta de gestão

²⁹ Informação enviada via email dia 25 de Maio de 2018.

³⁰ Idem.

das mudanças sociais, uma componente transversal das sociedades inovadoras que aporta identidade, coesão e visibilidade das comunidades reconhecidas (...) (Albornoz, 2011, p. 42, *apud* Alves, 2017:64-65). No entanto, não é só através dos meios comunitários que os emigrantes têm acesso a conteúdos em português. Também os meios de comunicação nacionais dedicam alguns dos seus conteúdos à comunidade emigrante, o que intensifica, ainda mais, esse sentimento de proximidade: “uma cultura visual poderá contribuir para a criação de redes e laços afetivos entre membros de determinada diáspora, um pouco por todo o mundo (Cabecinhas & Macedo, 2014, *apud* Alves, 2017:75). Sendo que estamos perante um campo de ação marcado pela distância geográfica, além da língua, também a memória coletiva é um dos fatores que marcam a proximidade desta comunidade com os meios de comunicação.

“A memória, numa primeira vista, é considerada como parte do nosso imaginário individual, isto é, como um elemento da esfera privada (...) o seu sentimento de pertença e imaginário do país de origem parecem confluir num mesmo sentido estético, espelhado na seleção musical nos programas de rádio produzidos e realizados pela comunidade emigrante” (Alves,2017:77).

Chegar ao século XXI e ter o mundo na mão é uma dádiva que só é possível graças ao à tecnologia. Na sociedade em rede em que existimos, os *media* têm um papel que ultrapassa o campo tecnológico. Entranharam-se no nosso quotidiano e, se por um lado relatam o mundo, por outro ajudam a construir a realidade e, simultaneamente, a nossa identidade coletiva. Mais do que isso, os meios de comunicação social têm o poder de influenciar e são um elemento inerente à cultura de um povo; “os meios de comunicação tornaram-se assim parte integrante de uma indústria cultural responsável pela divulgação, expansão e perpetuação de elementos de uma determinada cultura que até pode estar noutra esfera geográfica (...)” (Alves,2017:25-26). Neste âmbito, integrar a sociedade de rede, significa também ter acesso interminável a conteúdos mediáticos e no papel de consumidores, também as nossas escolhas são objeto de influência.

“A proximidade tem condicionado, condiciona e condicionará o interesse pela informação. Aquilo que nos afeta muito diretamente alimenta nossa curiosidade por conhecer, por dispor de mensagens que nos ofereçam não só informação, senão contexto e possíveis consequências que nos dotem de conhecimento para entender as dinâmicas da vida diária e para que possamos atuar com critério próprio”. (Garcia,2017:119)

Deste modo, a proximidade em relação a um determinado conteúdo, pode ser temporal, cultural, afetiva e simbólica, ainda que os destinatários estejam do outro lado do mundo. Na sociedade em rede, a superação das barreiras geográficas e físicas converte a proximidade num conceito mais integrador que, sem perder de vista o seu lugar, pode envolver outros aspetos, ainda que o foco seja nas preferências dos indivíduos ou consumidores. Os consumidores ao identificarem-se com um determinado conteúdo, vão sentir necessidade de ver, ouvir, ler e partilhar: “a partilha e a identificação de assuntos comuns entre os seus membros têm no espaço local uma dimensão que não deverá ser minimizada, em particular num contexto de uma cultura global (...)” (Garcia 2012, *apud* Bonixe, 2015: 68). A proximidade transfigurou-se numa conceção transversal nos campos da comunicação e jornalismo, e com a utilização dos meios cibernéticos é um veículo no presente e no futuro. Neste sistema mediático contemporâneo, o grande campo de ação de todas estas mudanças, a nível económico, social e cultural é a internet:

“Internet é o médio de comunicação essencial da atual era digital, onde as mudanças têm desenhado uma nova relação entre o mundial e o local, o próximo. O desaparecimento de boa parte das barreiras para a difusão e circulação mundial das mensagens tem contribuído ao renascimento da comunicação local, agora redefinida através da proximidade, da cercania na sociedade mundializada. É neste contexto no que os espaços de proximidade se converteram em estratégicos para intervir com propostas comunicativas na sociedade em rede.” (Garcia, 2017:122)

A evolução da sociedade em rede tem acelerado o desenvolvimento da internet e o da sociedade da informação, o que indica que é possível estas duas tendências coexistirem, “ainda que num palco onde as duas tendências interatuam, competem e se desafiam (...). Nessa tensão dialética ambas tendências animam o desenho de estratégias de comunicação de proximidade para manter a identidade na era global (...)” (Garcia, 2017:127). Para Garcia, a internet merece ser categorizada como meio de comunicação: “(...) às tradicionais categorias ‘médio impresso’, ‘médio radiofónico’ e ‘médio televisivo’ acrescentou-se uma nova categoria: o cibermedio (...)” (López *et al.* cfr. 2005:40 *apud* Garcia, 2017:131). A internet possui, na sua génese, as bases dos meios de comunicação; é um meio que partilha características comuns a qualquer outro meio e, simultaneamente, possui os requisitos básicos que o diferenciam dos restantes meios e que são inerentes ao seu próprio conceito: “a hipertextualidade, a multimedialidade, a interatividade e a atualização contínua” (cfr. Limia *et al.*, 2005: 483-484 *apud* Garcia, 2017:131).

4. OS MEDIA PORTUGUESES E A EMIGRAÇÃO

“Em Portugal quem emigra são os mais enérgicos e os mais rijamente decididos; e um país de fracos e de indolentes padece um prejuízo incalculável, perdendo as raras vontades firmes e os poucos braços viris” (Eça de Queirós)

A emigração portuguesa faz parte da nossa história, sair do país em busca de uma vida melhor não é um fenómeno recente em Portugal. Todos nós, certamente, conhecemos alguém que emigrou ou temos algum familiar que embarcou nessa aventura. Em 2016, 100 mil portugueses emigraram, menos 10 mil que no ano anterior. Pese embora uma acentuada tendência de descida da emigração, continuam a viver fora do país cerca de dois milhões de portugueses³¹(Observatório da Emigração). Portugal, continua a ser o país da União Europeia com mais emigrantes em proporção da população residente (considerando países com mais de um milhão de habitantes).

"De acordo com as últimas estimativas das Nações Unidas, para 2015, o número de emigrantes nascidos em Portugal superou os dois milhões e trezentos mil (2,306 milhões), o que significa que cerca de 22% dos portugueses vivem fora do país"³².("Emigração Portuguesa Relatório Estatístico", 2017: 23)

Estamos, contudo, perante uma nova vaga de emigração, diferente daquela que marcou parte do século XX, onde se emigrava, sobretudo, em busca de uma vida melhor. Vivemos numa nova época e isso também se revela na emigração. Hoje, os motivos para emigrar são mais diversificados, a começar pelo mercado de trabalho, bem mais competitivo do que há 30 ou 40 anos e essa é uma das grandes razões para sair do país. Os portugueses mais qualificados procuram reconhecimento profissional e desenvolver o seus conhecimentos noutros países que oferecem condições laborais superiores às existentes em Portugal. Áreas como a saúde, as tecnologias de informação, arquitetura e engenharias são as que mais exportam portugueses para fora, o que se deve também, em parte, ao reconhecimento do ensino em Portugal. No caso da arquitetura, por exemplo, a fama das universidades portuguesas vai além-fronteiras e, por isso, muitos são os países, principalmente europeus, que buscam no nosso país, arquitetos para os seus projetos e *ateliers*. O facto de Portugal ter sido premiado com dois prémios Pritzker, o nobel da arquitetura, catapultou, ainda mais, essa imagem exterior. Além disso, emigrar pela aventura, pela experiência e enriquecimento pessoal são

³¹ Dados disponíveis em: [observatorioemigracao](http://observatorioemigracao.pt). [Acedido a 2 de julho de 2018].

³² Emigração portuguesa. Relatório estatístico 2017. Disponível em: [repositorioiscte](http://repositorioiscte.pt). [Acedido a 2 de julho de 2018].

também razões para sair do país que marcam a chamada nova emigração. Esta realidade cria também um outro perfil de consumidores de conteúdos mediáticos.

“A diáspora e as comunidades emigrantes mais recentes (distintas da emigração tradicional portuguesa de meados do século XX, por se tratar de uma massa migratória qualificada e especialista) poderão estar a constituir-se como um novo espaço público criado pelo êxodo: um novo mercado mediático que se tem vindo a estender a novos espaços à custa do aumento da emigração em Portugal – em especial emigração qualificada, interessada em continuar atualizada em relação à atualidade e tendências do seu país de origem, interesse este possivelmente enraizado num desejo de regresso, promovido pelo facto de os motivos para a saída do país serem de índole socioeconómica e não pessoal ou afetiva. Os meios de comunicação tornaram-se assim parte integrante de uma indústria cultural responsável pela divulgação, expansão e perpetuação de elementos de uma determinada cultura que até pode estar noutra esfera geográfica (...)” (Alves, 2017:25-26)

A ligação a Portugal é um fator axiomático dentro da comunidade emigrante, há um laço afetivo inquebrável, independente do tempo de emigração. Observemos alguns exemplos que recolhemos do blog “Coração Luso” que provam essa conexão a Portugal: Um emigrante há 48 anos na Venezuela expressou o seu amor por Portugal desta forma: “o meu coração está amarrado em duas bandeiras. (...) Amo muito a minha terra a que me viu nascer, onde corri quando era menino, onde eu sonhava, sobre o que havia mais para além dos montes e dos mares”.³³ Um outro exemplo, uma emigrante na Noruega há 9 anos: “tenho imenso orgulho em ser portuguesa e de o dizer. Somos um país pequeno, mas grande em muitas coisas”.³⁴ Também, uma emigrante em Espanha declara o seu amor por Portugal, “sou um coração luso, claro. Portuguesa em primeiro lugar e com orgulho de o ser, nunca me esqueço do meu país, aliás, não há um dia em que não pense nele. Portuguesa 100%.”³⁵ Do Sri Lanka, um emigrante há mais de 20 anos, “sou um português que adora onde nasceu. Impossível negar a genética lusa que corre em mim. Por isso, o coração que por aqui bate, para o bem e para o mal, será sempre lusitano, esteja onde estiver”³⁶. Por trás dos números da emigração estão pessoas; esses mais de dois milhões que vivem, atualmente, fora têm uma característica em comum: a ligação afetiva com a pátria. Mesmo distantes, quem vive fora, mantém vivo o interesse em

³³ Nino Costa, emigrante na Venezuela. Disponível em coracaoluso.pt/venezuela/. [Acedido a 2 de julho de 2018].

³⁴ Vera Santos, emigrante na Noruega. Disponível em coracaoluso.pt/vera-santos/. [Acedido a 2 de julho de 2018].

³⁵ Liliana Pires, emigrante em Espanha. Disponível em coracaoluso.pt/liliana-pires/. [Acedido a 2 de julho de 2018].

³⁶ João Marçal, emigrante no Sri Lanka. Disponível em coracaoluso.pt/iaoamarcal/. [Acedido a 2 de julho de 2018].

saber o que se passa no seu país. Deste modo, é também através dos *media* que essa ligação se estabelece. Assim, uma das funções dos meios de comunicação social é a promoção da ligação a Portugal.

“A televisão está assim à medida da identidade moderna, ao mesmo tempo plural, livre e rápida, o que explica, de forma paradoxal, que ela precisa de se apoiar na identidade nacional (...) assim, a televisão, além de uma janela aberta para o mundo, poderá e deverá ser, cada vez mais, nomeadamente através da televisão generalista pública, um meio de reafirmação da identidade nacional” (Brandão, 2002:48).

A internet, e tudo o que ela possibilita, permite aos emigrantes manterem uma proximidade a Portugal, pois facilmente acedem a notícias da família e amigos, em tempo real. Atualmente, a noção de distância é bem diferente da lonjura vivida pelas vagas de emigração de outrora. Porém, a internet também se abriu ao mundo da emigração de uma forma nunca antes vista, permitindo a criação de conteúdos digitais. Por conseguinte, observa-se a proliferação de *blogs* e sites dedicados ao tema da emigração, como por exemplo, “Diário de uma emigrante”, “Por terras de sua majestade”, “Quero emigrar” ou “Letters from Bristol”, muitos dos que vivem fora despertaram para esta realidade e a multiplicação de páginas pessoais, onde relatam ao mundo as suas vidas, enquanto emigrantes, são prova do préstimo desta ferramenta. Neste campo, queremos destacar um *blog*, que pela sua coerência e persistência, merece ser realçado neste capítulo, de nome “Coração Luso”³⁷. Criado em 2012, o *blog* “conta histórias de emigrantes portugueses espalhados pelo Mundo: as suas experiências de vida, sucessos e fracassos com o propósito de inspirar outras pessoas”. No que toca a números, meio milhão de pessoas seguem e gostam deste *blog*. De destacar ainda que, entre 2015 e 2016, o “Coração Luso” chegou a ter uma rubrica televisiva, mais propriamente, no programa “A Tarde é Sua” na TVI. As histórias do *blog* saltaram assim para o ecrã, o que podemos considerar o auge de um produto que começou por ser um *blog* pessoal e chegou a um canal generalista. A televisão é, de resto, um meio de extrema relevância para a comunidade emigrante. Aceder a conteúdos mediáticos em português, identificar pessoas, sítios e lugares promove o sentimento de pertença ao país. O acesso à televisão portuguesa é possível através de distintos sistemas, o mais tradicional, através de satélite com a instalação das tradicionais antenas, aliado a uma box; através de *web tv*. Muitos dos canais portugueses já dispõem de um serviço *on-line* que permite visualizar conteúdos em arquivo, mas também em direto como é o caso da RTP e da TVI e a IPTV³⁸

³⁷ Informação disponível em: www.coracaoluso.pt/acerca/. [Acedido em 26 de Julho de 2018].

³⁸ A IPTV é uma tecnologia de transmissão de sinais televisivos para aparelhos de televisão digitais e outros meios. Disponível em: www.bbc.co.uk/bbc_tvp_what_is_ip_tv.pdf. [Acedido em 24 de Maio de 2018].

(Internet Protocol Television). A tendência a nível de consumo, aponta, ainda, a televisão como a preferência dos consumidores, seguido da internet.

“Na Europa, o consumo de media ainda é predominantemente tradicional, ainda que o uso da internet e redes sociais esteja a aumentar de ano para ano. A televisão, consumida num aparelho televisor mais clássico ou através da internet, ainda é o meio mais popular junto dos europeus. (...)”
“(Alves, 2017:6)

No que respeita à existência de conteúdos dedicados à emigração, atualmente no panorama televisivo português existem quatro programas, três dos quais serão o nosso objetivo de análise. Entre os canais generalistas e os internacionais, (RTP Internacional, SIC internacional e TVI internacional) apenas dois apresentam, atualmente, na sua grelha de programação, conteúdos cuja temática é a emigração. Assim sendo, no canal público existem três programas, sendo o mais antigo “Portugueses pelo Mundo”, desde 2010, com transmissão na RTP 1, seguido da “Hora dos portugueses”, da RTP Internacional e as “Notícias do Meu País”, emitido na RTP1. Em comum estes programas têm a particularidade de apresentarem conteúdos cujos protagonistas são emigrantes. Em relação aos canais privados, a SIC Internacional apresenta, desde 2011, o programa “Alô Portugal”, transmitido diariamente pelas 19h. Todavia, apesar de ser um programa produzido para emigrantes, os seus protagonistas não são obrigatoriamente emigrantes. Ou seja, este é programa produzido para a comunidade emigrante, mas essencialmente, apresenta um conteúdo promocional, onde são divulgadas marcas e música portuguesa (bandas, ranchos e artistas, no geral). Por vezes, marcam presença, no painel de convidados, algumas celebridades do canal. Não se trata, de todo, de um programa de entrevistas, nem tão pouco focado na vida dos emigrantes: é entretenimento puro e duro. Deste modo, por o considerarmos um programa de variedades, descartámo-lo da nossa análise. Quanto à SIC generalista e TVI não apresentam nenhum conteúdo dedicado à emigração. No que toca à rádio, desde 2010, que Antena 1 dedica um espaço aos emigrantes. “Portugueses no Mundo” é emitido de segunda a sexta-feira, às 07h42 e 16h20 e na RDP Internacional às 09h30 e 16h30 e, ainda em versão *on demand*, no site da RTP³⁹. Este programa consiste em conversas via telefone com emigrantes nos quatro cantos de mundo. Estes são conteúdos a nível nacional, não fazem parte desta apreciação conteúdos que possam existir a nível da imprensa ou rádio regional.

³⁹ Disponível em: www.rtp.pt/play/p518/portugueses-no-mundo. [Acedido em 24 de Maio de 2018].

5. METODOLOGIA

5.1 A ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

As ciências sociais são consideradas um produto da Revolução Industrial e Intelectual. Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber são considerados os mestres das ciências sociais que ao longo das suas vastas obras procuraram compreender as causas e o sentido das transformações sociais e de que forma é que isso afetava a vida humana. É graças a estes teóricos que a investigação na área das ciências sociais é estudada e legitimada como ciência e, passados mais de dois séculos, a contemporaneidade não colocou de parte estes autores que continuam a ser o alicerce de estudos desenvolvidos no campo das ciências sociais: “as conceções de ciência, individuo e sociedade, os métodos propostos e as consequências práticas que essas primeiras teorias geraram ao longo dos anos foram fundamentos que possibilitaram os avanços e aprofundamentos propostos por teóricos contemporâneos.” (Macedo,2016:1- 2). Compreender as diferenças da realidade humana é um dos principais objetivos das ciências sociais, ou seja, tudo o que diz respeito à história, costumes, modos de vida individuais e coletivos é através das ciências sociais que conseguimos identificar e compreender os diferentes grupos sociais na sociedade:

“Os homens são seres sociais. As suas ações desdobram-se em práticas materiais e simbólicas, relações com a natureza e relações com outros homens, no âmbito de grupos com várias dimensões, dos grupos elementares como as famílias ate as organizações vastas a que chamamos sociedades (...)” (Pinto & Silva, 1990:13)

Pensar a realidade social e compreendê-la pressupõe a existência de técnicas que permitam tal análise. As ciências sociais ou ciências do espírito caracterizaram-se, sobretudo, pela identificação do sujeito e do objeto, isto é, “o objeto das ciências sociais são seres humanos, agentes socialmente competentes, que interpretam o mundo que os rodeia para melhor agirem nele e sobre ele”. (Santos, 2003: 57-58). Nas ciências do espírito, o sujeito e o objeto são idênticos, já que o homem se analisa a si próprio, em contraposição, às ciências naturais, que “estudam um objeto que lhe é exterior, como por exemplo, astros, planetas, oceano, animais”. (Amorim, 2001:60). Todas as ciências, sejam elas naturais ou sociais, se caracterizam pela utilização de métodos científicos e o método é o caminho para se chegar a determinado fim. Assim sendo, o método científico é “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo –

conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detetando erros e auxiliando as decisões do cientista.” (Lakatos *et al* 1991:83). Nas ciências sociais o método tem como “o objetivo peculiar à compreensão é sempre captar o sentido de uma atividade ou de uma relação. (Freund,1987:72). Não se trata apenas de explicar um fenómeno, mas de captar o seu conteúdo e o seu sentido.

“O sentido, nesse caso, é o responsável pela unidade do processo de ação e somente através dele que poderemos apreender os nexos entre os enlances significativos de um processo particular de ação e reconstituir tal processo numa unidade que não se desfaz numa poeira de atos isolados”. (Amorim, 2001:89)

Todavia, há que se ressaltar que “a compreensão nunca é senão um método auxiliar útil, não é, porém, indispensável” (Freund,1987:75) para a assimilação do sentido do fenómeno estudado. E, como defende Weber (1998:4) “a possibilidade de reviver completamente a ação é importante para a evidência da compreensão, mas não é condição absoluta para a interpretação do sentido”. “Não é preciso ser César para compreender César” (Weber s/a:400), o método compreensivo é útil, mas não é fundamental, ou seja, não é a última palavra da metodologia. Também, Pierre Bourdieu apresenta uma interessante contribuição neste campo, este autor defende que a investigação social significa ir ao quotidiano e “questionar o banal para nele ver não o imediato e o banal, mas as grandes estruturas; significa pesquisar histórias de gente comum, das ditas camadas subalternas, sua trajetória, seu cotidiano, entrevistá-las, para assim analisar o significado real das macroestruturas económicas” (Herculano, 2002/2007:8). Como já foi dito ao longo desta dissertação, os *média* estão inseridos na nossa sociedade e, mais ainda, intrinsecamente nas nossas vidas, somos dependentes da dinâmica que oferecem ao nosso quotidiano é por esse motivo, também, que são objeto dos mais diversos estudos que procuram dar respostas às tantas dúvidas que prevalecem sobre os meios de comunicação social. A verdade é que mesmo com o avanço da tecnologia e com todas as ferramentas que dispomos, os *média* continuam a ser intrigantes, massivos e influentes, feitos de pessoas e para pessoas, é inegável a importância que perpetuam nas nossas vidas, no modo de estar, na forma de pensar e nas opiniões que detemos em relação aos mais diversos assuntos.

“Quando pensamos nos Mass Media, temos tendência em pensar em artefactos: programas de televisão, jornais, filmes ou livros. Mas claro, estes produtos culturais são criados por pessoas, e a sua

significância reside no que cada pessoa faz com eles" (...)" (Deacon et al 1999, 249: 278)⁴⁰.

Mais do que um meio de informação e entretenimento, os *média* dizem-nos muito sobre a sociedade e a forma como construímos a nossa realidade. A compreensão destes fatos constituiu um importante impulso para a nossa investigação assim, observar o teor das mensagens de um determinado grupo de recetores, sobre uma determinada temática vai nos permitir realizar correlações e chegar a conclusões. "Being an Observer", ou seja, ser um observador é um dos princípios da nossa técnica de pesquisa e, também, um dos capítulos do livro "Researching Communication" que expõe o desenvolvimento de métodos de pesquisa na área da comunicação, dado que, a produção e o consumo de produtos dos *média* são uma das principais preocupações dos investigadores desta área:

"A produção e consumo de produtos de Mass Media, são grandes preocupações em investigação em comunicação, e nós já desenvolvemos formas de investigar estes processos." (Deacon et al 1999, 249-278)⁴¹.

Neste sentido, o estudo dos *mass media* adquire várias formas que nos permite observar, analisar e verificar dados provenientes dos meios de comunicação. As sondagens por exemplo, são uma das ferramentas utilizadas nas ciências sociais, contudo, no livro supramencionado, essa ferramenta é questionável, por ser demasiado simplista para refletir a realidade que está por detrás das questões dessas sondagens e, por isso, muitos investigadores.

"Discutir que este tipo de inquéritos não se coaduna com a complexidade neste tipo de comportamento. Estes sugerem que a noção de "atitudes" simplifica em demasia os pontos de vista contraditórios, diferenciados e variados do mundo que existe por baixo de questões aparentemente tão simples". (Deacon et al 1999, 249:278).⁴²

Por essa razão são necessários outros métodos de pesquisa, nomeadamente, métodos qualitativos que incluam a observação. Deacon et al (1999, 249:278) lembram ainda que os efeitos dos *média* são normalmente quantificados através do uso de inquéritos, no entanto, estes inquéritos não são necessariamente fiéis à realidade e além disso revelam complexidade no que respeita aos resultados, assim, o uso de métodos qualitativos como observação, segundo estes autores, é uma das técnicas eleitas por muitos investigadores.

⁴⁰ Minha tradução.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

No entanto, ambos os métodos (quantitativo e qualitativo) são em muitas vezes semelhantes no que toca a resultados. Mason avança com outra perspetiva, ou seja, este autor defende que os investigadores utilizam, na sua maioria, métodos de observação, porque acreditam que os comportamentos, a interação e as pessoas que os interpretam são centrais para a vida social.

(...) geralmente, em termos gerais, define o porquê de os pesquisadores recorrerem a métodos observacionais. As razões incluem uma crença ontológica de que as interações e os comportamentos, e a maneira como as pessoas os interpretam, são centrais para a vida social ” (Mason (1996:61-3, *apud* Deacon, et al 1999, 249:278).⁴³

O método de investigação por observação, sendo por si só um método qualitativo, inclui, no entanto, outros tipos de método, também, eles qualitativos como por exemplo: 1) observação simples que pressupõe uma observação em que o investigador não tem interação com o objeto de estudo. 2) observação participativa, é um método que implica a participação ativa do investigador. 3) etnografia, definido como um processo de investigação em que a observação é realizada de forma ativa, próxima e com o recurso a notas (mais virada para os antropólogos). Neste prisma, a nossa observação será simples e baseada na análise de conteúdo que é, além de mais, entre as várias técnicas, uma das mais utilizados em ciências sociais e aquela que consideramos ser a mais indicada para o nosso estudo, “(...) foi em 1927 na sequência da obra de Lasswell – “Technique in the world war” e dos trabalhos de Berelson e Lazarsfeld (1948) que a análise de conteúdo foi considerada como técnica predominantemente útil no estudo da comunicação social. (Vala, Jorge, 1990:101) Na investigação social, a análise de conteúdo ocupa uma posição de grande importância, segundo os autores, Quivy & Van Campenhoudt (2005, 226:233) e, isso justifica-se porque é uma técnica que “oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade”, favorecidos pelos progressos da linguística, das ciências da comunicação e da informática, melhor do que qualquer método de trabalho a “análise de conteúdo (ou pelo menos algumas das suas variantes) permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são conciliáveis. (Quivy & Van Campenhoudt, 2005, 226:233). Nesta ótica, “a análise de conteúdo permite inferências sobre a fonte, a situação em que esta produziu o material objeto de análise, ou até, por vezes, o recetor ou destinatário das mensagens. A finalidade da análise de conteúdo será, pois, efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram

⁴³ Idem.

inventariadas ou sistematizadas.” (Vala, Jorge 1990:104) com a vantagem de “(...) permitir trabalhar sobre correspondência, entrevistas abertas, mensagens dos mass *média...*” (Vala, Jorge 1990:107). A aplicação desta técnica pode incidir sobre vários domínios, porém interessa-nos a sua aplicação aos estudos da comunicação, mais concretamente, na análise metódica de produtos mediáticos e os seus conteúdos, já que a base de incidência deste método é na mensagem:

“A análise de conteúdo incide sobre mensagens tão variadas como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, atas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco diretivas. A escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do “discurso” e o seu desenvolvimento são fontes de informações a partir dos quais o investigador tenta construir um conhecimento (...)” (Quivy & Van Campenhoudt, 2005,226:233)

Contudo, existem algumas condições para a realização da análise de conteúdo: os dados de que dispõe o investigador terão de estar desagregados da fonte e das condições gerais em que foram produzidos; o investigador deve colocar os dados num novo contexto construído com base nos objetivos e no objeto de pesquisa; para tirar ilações a partir dos dados, o investigador analisa esses dados através de um sistema de conceitos analíticos. Ou seja:

“O material sujeito à análise de conteúdo é concebido como o resultado de uma rede complexa de condições de produção, cabendo ao analista construir um modelo capaz de permitir inferências sobre uma ou várias dessas condições de produção. Trata-se da desmontagem de um discurso e da produção de um novo discurso através de um processo de localização-atribuição de traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso e analisar e as condições de produção da análise. (Jorge, Vala, 1990:104)

Ainda na visão de (Quivy & Van Campenhoudt, 2005: 226), “nas suas diferentes modalidades, a análise de conteúdo tem um campo de aplicação muito vasto. Pode incidir sobre comunicações de formas muito diversas (textos literários, programas televisivos ou radiofónicos, filmes, relatórios de entrevistas, mensagens não verbais, conjuntos decorativos etc. (...).” As vantagens desta técnica, segundo estes autores, prendem-se com a distância do investigador e também por considerarem que “todos os métodos de análise de conteúdo são adequados ao estudo do não dito, do implícito”, ou seja:

“Obrigam o investigador a manter uma grande distância em relação a interpretações espontâneas

e, em particular, às suas próprias. Com efeito, não se trata de utilizar as suas próprias referências ideológicas ou normativas para julgar as dos outros, mas sim analisá-las a partir de critérios que incidem mais sobre a organização interna do discurso do que sobre o seu discurso explícito.” Quivy & Van Campenhoudt, 2005, 226:233),

Além das condições técnicas, esta técnica de análise divide-se em duas categorias: os métodos quantitativos e os métodos qualitativos:

“Os primeiros seriam extensivos e teriam como informação base a frequência do aparecimento de certas características de conteúdo ou de correlação entre elas. Os segundos seriam intensivos e teriam como informação de base a presença ou a ausência de uma característica ou o modo segundo o qual os elementos do “discurso” estão articulados uns com os outros. Estas distinções só válidas de uma forma muito geral: as características próprias dos dois tipos de procedimento não são assim tão nítidas e vários métodos recorrem tanto a um como a outro. (Quivy & Van Campenhoudt, 2005, 226:233)

A nossa estratégia de investigação está inserida num tipo de análise definida por “análises formais”, ou seja, “são as que incidem principalmente sobre as formas e encadeamento do discurso”, deste modo, a nossa análise vai recair sobre a forma da comunicação, cujas características (vocabulário, tamanho das frases, ordem das palavras, hesitações...) facultam uma informação sobre o estado de espírito do locutor e as suas tendências ideológicas. Não descurando a “análise de enunciação” que recai sobre o discurso concebido como um processo cuja dinâmica própria é, em si mesma, reveladora. O investigador atende a dados como o desenvolvimento geral do discurso, a ordem das suas sequências, as repetições, as quebras do ritmo, etc. E, ao contrário do que acontece aquando da aplicação de inquéritos através de questionários, à realização de entrevistas ou à observação participante, esta técnica apresenta a particularidade de execução não-obstrutiva, porque ao analisar conteúdos que já existem, o investigador não tem qualquer interferência, o que impede uma eventual deturpação na recolha da informação. (Jorge, Vala, 1990:106).

5.2 ASPETOS GERAIS

Considerando o nosso objeto e objetivos de análise, tentámos identificar e interpretar o conteúdo informativo através de uma análise metódica, objetiva e quantitativa e qualitativa, no sentido de identificar os diversos elementos que considerámos para a análise, e, neste sentido, reconhecer associações e dissociações entre esses elementos. A utilização desta técnica envolveu o recurso a um sistema de quantificação simples que possibilitou a análise da frequência com que determinados elementos ocorrem, controlada através da criação de diversos indicadores de análise. Como instrumento de observação e recolha de dados foram criadas tabelas gerais, uma quantitativa e outra qualitativa e respetivas tabelas individuais anexas para cada programa, processo este que nos permitiu registar de forma estruturada e criteriosa todos os aspetos caracterizadores dos programas a analisar. Estas tabelas deram origem a diversas tabelas de análise, gerais e individuais, a partir das quais, partimos para a interpretação dos dados recolhidos. Como categorias de análise considerámos as seguintes:

Quadro 1 –Categorias gerais de análise dos programas

Programas	Canal de transmissão	Período de análise (trimestral)	Nr de programas	Categorias analisadas	Tema	
Hora dos Portugueses	RTP Internacional	1º, 2º, 3º e 4º (2016)	11			País
		1º, 2º, 3º e 4º (2017)				Nr de entrevistados
		1º, 2º, 3º (2018)				Género
Portugueses Pelo Mundo	RTP1	2º, 3º e 4º (2016)	9	Idade		
		1º, 2º, 3º e 4º (2017)		Anos de emigração		
		2º, 3º (2018)		Razões de emigração		
Notícias do Meu País	RTP1	4º (2016)	4	Nível de formação e área académica		
		4º (2017)		Profissão/cargo		
		1º e 2º (2018)		Discurso e narrativa		

5.3 OBJETIVOS DO ESTUDO

Queremos conhecer e compreender que conteúdos são produzidos pelos *media* televisivos portugueses sobre a emigração. Assim sendo, definimos como pergunta de partida para a nossa investigação a seguinte: Que representação é feita dos emigrantes portugueses nos programas sobre emigração emitidos na televisão portuguesa? Os *media* tornaram-se tão quotidianos nas nossas vidas que todos temos uma opinião sobre eles, não menos verdade é o poder que têm em mover multidões, mudar opiniões, formar, entreter, mas também construir, ou seja, tudo o que vemos, lemos e ouvimos através dos *media* é fruto de uma

construção “os meios de comunicação foram considerados construtores, e não meros espelhos”. (Fontcuberta, 2002:14). Porém, quando decidimos avançar para esta dissertação, tínhamos plena consciência que ter como tema central – os *media como construtores da realidade social* - era uma temática bastante estudada pelos investigadores nesta área. Por isso, interessou-nos investigar um tópico que, dentro da abrangência académica ainda não tenha sido abordado, deste modo, como é que a emigração portuguesa é retratada nos *media* portugueses? Que representações da emigração estão a ser construídas pelos *media* atualmente? Que imagem ou imagens da emigração são transmitidas nesses *media*? Que discursos e opções editoriais são selecionados pelos meios analisados quando se referem à emigração? Neste sentido, importa-nos entender de que forma é que os meios de comunicação se apresentam como veículos da construção de uma realidade específica, a da emigração. Para a elaboração do nosso estudo aplicaremos um modelo de análise que se baseia num processo composto por pressupostos e hipóteses, ligados entre si, que dão amplitude e asseguram a coerência entre as partes do trabalho, formando um campo de análise que permite construir a observação em função da pergunta de partida. Assim, os pressupostos do nosso estudo são os seguintes:

- **Pressuposto 1:** A emigração de portuguesas é uma realidade no século XXI

- **Pressuposto 2:** Os meios de comunicação portugueses veiculam regularmente informação sobre a emigração portuguesa

Em seguida, o nosso trabalho consiste em testar as hipóteses, confrontando-as com os dados de observação e, no final, confirmar ou refutar aquilo que propomos. “A hipótese fornece o critério para selecionar, de entre a infinidade de dados que um investigador pode, em princípio, recolher sobre um determinado assunto, os dados ditos “pertinentes”. Esse critério é a sua utilidade para testar a hipótese” (Quivy & Van Campenhoudt, 2005:119-120). Assim, prosseguindo com os pressupostos definidos, anteriormente, as hipóteses de investigação que pretendemos confirmar ou revogar no final do nosso estudo são:

Hipótese 1: Os *media* televisivos têm opções editoriais diferentes no que respeita a conteúdos sobre a emigração portuguesa

Hipótese 2: Os *media* mostram uma realidade da emigração portuguesa assente no percurso de vida do emigrante

Hipótese 3: Os *media* promovem a identidade portuguesa através dos conteúdos para emigrantes

5.4 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO E CORPUS DE ANÁLISE

A análise de conteúdo é a técnica de investigação que nos vai permitir chegar ao nosso objetivo e, deste modo, traçarmos uma realidade, que não deixa de ser social, já que os *media* têm a primazia de nos oferecer uma realidade construída que aos nossos olhos pode ser ou não aceite.

“A televisão dá-nos a imagem da realidade e permite a modificação das representações do mundo. Torna-se, hoje, numa das principais fontes de construção da realidade social, mediante a difusão de diferentes modelos de comportamento, hábitos de vida, opiniões diversas e estilos de vida. A comunicação televisiva torna-se assim numa forma de comunicação-espetáculo, pois surge no ecrã como uma mistura de informação e ficção (...). (Brandão, 2002:7)

Nesta perspetiva, o nosso estudo consiste na análise de programas televisivos sobre emigração, não só porque a televisão é um dispositivo presente nas casas dos emigrantes portugueses (seja por internet, satélite e IPTV) mas, também, por ser um meio relevante no que toca ao entretenimento. Nas palavras de Gustavo Cardoso, a televisão é o “elemento central do meta-sistema do entretenimento” (...)” (Cardoso, 2006: 229-230,259). Deste modo e no limbo do entretenimento, temos como objetivo central analisar de que modo a emigração é representada nesses programas. Como meio de comunicação, a televisão pretende ser um espelho daquilo que se julga ser o gosto do público (Brandão, 2002:11), além disso a televisão “pretende ser um instrumento de registo, torna-se instrumento de criação de realidade”. (Bourdieu, 1997:15) Estamos, cada vez mais, perante uma realidade em que “o mundo social é descrito-prescrito pela televisão, em que esta se transforma no árbitro do acesso à existência social e política” (*idem*). Posto isto, iremos analisar o conteúdo dos programas e verificar em que medida podem ser um veículo para a construção de uma realidade “oferecida” ao espectador. Citando Dominique Wolton, a televisão:

“Continua a ser essencialmente um *médium* de massas, por intermédio do qual a maior parte dos cidadãos se divertem. Além disso, é inseparável de um quadro nacional e o seu papel no espaço público encontra-se ligado às identidades coletivas nacionais. As televisões, para além de semelhanças evidentes, constituem, portanto, um dos fatores essenciais de identidade nacional” (Wolton, 1994:173).

E, nesta perspetiva, consideramos também importante averiguar como é representada a identidade por esses conteúdos televisivos, pois se a “televisão é ao mesmo tempo uma janela aberta para o mundo e o meio de reafirmar cada vez mais a identidade de cada país (...)”

(Brandão, 2002:45). Tendo como base a teoria de que os *media*, no geral, praticam uma vigorosa influência na construção social da realidade, centraremos o nosso estudo num conjunto de indicadores de análise que nos concedam indicações sobre que imagem ou imagens da emigração estão a ser transmitidas. Assim, a narrativa e o discurso vinculados por esses programas serão a base para a nossa pesquisa. Sendo um estudo sobre diferentes conteúdos televisivos, tentaremos ainda fazer uma análise comparativa, isto é, iremos tentar perceber se a emigração é representada de forma distinta, quer quantitativa, quer qualitativamente. A nossa análise recai sobre a televisão pública (RTP) por duas razões: Em primeiro lugar, porque consideramos que o serviço público deve ser encarado como modelo de televisão a dissecar, dada a sua missão e valores e pela sua relevância.

“A relevância cultural e formativa do serviço público de rádio e televisão constitui, para a teoria e a política que o defendem, e sobretudo na variante europeia, o próprio fundamento da sua existência, juntamente com a isenção e o pluralismo na informação. A cultura está contemplada na tríade que lhe serviu de inspiração, desde a fundação da BBC: “informar, formar, divertir”; é também uma das marcas que, de acordo com outra fórmula habitual, justificaria a ambição de ser, a televisão pública, uma “televisão popular de qualidade”. (Silva & Ribeiro, 2013:184).

Consideramos, também, que é ao serviço público que cabe a elaboração de um retrato exaustivo da emigração e citando, Nuno Goulart Brandão (2002), a RTP deve ser um meio de referência para os portugueses.

“Deve ainda a RTP mostrar-se aos cidadãos como um bem de serviço público, ou seja, como a estação de referência para todos os Portugueses, bem como ser um aliado consistente na promoção das práticas culturais nacionais, potenciando a coesão e os valores da nossa identidade nacional nas suas emissões” (Brandão, 2002:182)

A segunda razão prende-se pela ausência de programação, dentro da temática da emigração, por parte das estações generalistas privadas. Os canais privados, TVI e SIC não apresentam, atualmente, nenhum conteúdo programático relativo à emigração, pese embora, a SIC Internacional apresente o programa “Alô Portugal”, já aqui descrito. Não obstante, devido à sua narrativa, descartamo-lo na nossa análise por não cumprir os requisitos essenciais para este estudo: ter como protagonistas indivíduos emigrantes, apresentar peças ou entrevistas a emigrantes, ser sobre emigração. Quando nos deparámos com a questão do período de análise, foi nossa opção privilegiar fatores como a continuidade e, mesmo não apresentando total regularidade de emissão, partimos para uma análise continuada no tempo,

o que incidiu num programa por trimestre. Os programas analisados foram selecionados aleatoriamente e por trimestre (2016,2017 e 2018)⁴⁴, ou seja, quatro programas por ano. Contudo, devemos deixar a nota de que existe uma certa irregularidade na transmissão de dois dos programas por nós escolhidos (“Portugueses Pelo Mundo” e “Noticias do Meu País”), curiosamente, do canal generalista da estação pública, RTP1. As irregularidades são verificadas no horário e mesmo na emissão. Contactámos a RTP⁴⁵ para obter um esclarecimento sobre a irregularidade da emissão se verificar interrupta, onde nos foi dito que tudo o que está na RTP Play (RTP Play, o nosso motor de pesquisa para a observação dos programas) é tudo o que foi para o ar e que, se não está disponível é porque não foi emitido. Perante isto, verifica-se que há, de facto, uma interrupção considerável nestes programas. Veja-se o caso do “Portugueses Pelo Mundo”: no ano de 2016 não existem programas no primeiro e segundo trimestre do ano e em 2018, só a partir do segundo trimestre (Maio) foi para o ar o primeiro episódio da IX série. Já no que toca às “Notícias do Meu País”, no ano em que estreou (2016) apenas apresenta programas no terceiro trimestre de 2016, em 2017 no quarto trimestre, atingindo regularidade apenas no ano de 2018. Isto levou-nos a pensar em desistir deste objetivo de estudo, mas após observarmos 24 programas e analisarmos 231 entrevistas chegámos à conclusão que o seu conteúdo reúne todas as condições de análise, por apresentar dados suficientes para prosseguir com o estudo e responder à nossa pergunta de partida: Que representação é feita dos emigrantes portugueses nos programas sobre emigração emitidos na televisão portuguesa?

⁴⁴ Em relação ao ano de 2018, a análise corresponderá ao período entre Janeiro a Julho (os três primeiros trimestres) do ano, devido ao prazo de entrega desta dissertação, sendo esta regra aplicada a todos os programas analisados.

⁴⁵ Contacto efetuado via telefone no dia 11/06/18 para a linha de atendimento ao Espetador e Ouvinte da RTP.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Neste capítulo iremos analisar de forma crítica o conteúdo recolhido durante o nosso estudo.

6.1 DESCRIÇÃO GERAL DOS PROGRAMAS ANALISADOS

O programa “Hora dos Portugueses” integra a grelha de programação da RTP desde 2015 e tem como objetivo ser um *magazine* aberto às comunidades emigrantes portuguesas divulgando eventos, atividades, pessoas e empresas dessas comunidades e, ao contrário dos restantes programas que figuram desta análise, este insere-se na categoria de “informação-atualidades”. Emitido pela RTP Internacional, RTP Internacional América e RTP Internacional Ásia (repetição RTP1 e Açores) em horários diferentes, este programa perfaz-se em dois formatos: uma versão diária (cerca de 15 min) e aos fins de semana. A hora da emissão é também um outro fator distintivo; indo para o ar às 5h 47min (RTP Internacional) não é ideologia do programa chegar a todos, será especificamente, direcionado para emigrantes. Estamos perante um conteúdo televisivo que “retrata o quotidiano das principais comunidades portuguesas em todo o mundo: as suas vidas, os seus negócios, os seus projetos, a sua realidade, os seus sucessos. (...) um espelho do outro Portugal que está para além das fronteiras do país.”⁴⁶ (RTP). Um outro elemento distintivo deste programa é a sua produção: não sendo responsabilidade da RTP a função de produção e realização cabe às comunidades, melhor dizendo, são empresas de audiovisuais existentes nas comunidades emigrantes que assumem essa tarefa, ou seja, realizado por emigrantes e para emigrantes. Aliás como é mencionado na mesma sinopse e que resume a verdadeira essência deste conteúdo televisivo “um programa com peças e reportagens produzidas localmente por empresas de portugueses que desenvolvem atividade audiovisual em diferentes países espalhados pelos cinco continentes. A imagem dos portugueses da diáspora captada e editada por quem melhor os conhece.”⁴⁷ (RTP). No que toca à narrativa geral do programa, este apresenta-se como um espaço de informação e são vários os elementos que comprovam que a sua construção é de carácter informativo. A nível cénico, o estúdio apresenta um cenário simples apenas com um plasma que mostra imagens relativas às cidades ou países de onde chegam as peças. Em estúdio, um pivô da RTP acrescenta ao cenário a formalidade que a informação exige. Por sua vez, este exhibe uma imagem cuidada e formal e, numa voz (bem) colocada, o discurso é objetivo e claro. A existência de um pivô, neste formato, terá três objetivos principais: captar a atenção do espetador, dar credibilidade ao conteúdo e lançar VTs⁴⁸. Observa-se também

⁴⁶ Informação disponível em: www.rtp.pt/programa/tv/. [Acedido em 11 de Junho de 2018.]

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Na gíria televisiva VT “trata-se provavelmente de uma forma abreviada de videotape”. Disponível em: ciberduvidas.iscte. [Acedido em 18 de Junho de 2018.]

uma repetição de conteúdo, nos destaques, abertura e no lançamento de peças⁴⁹, ou seja, nenhuma informação complementar é avançada àquela que será apresentada nas peças. Quanto à estrutura, a base do programa assenta no seguinte alinhamento: Trilha sonora ⇒ voz off⁵⁰ ⇒ destaques ⇒ pivô ⇒ genérico ⇒ lançamento da VT ⇒ peça ⇒ lançamento da VT ⇒ peça ⇒ separador ⇒ pivô ⇒ lançamento peça. A existência de um genérico, seguido dos destaques iniciais, onde o pivô capta a atenção do espetador, frases curtas e linguagem clara, a presença de separadores e a posição do pivô, que encontra o seu lugar entre várias câmaras, são aspetos que conferem ao programa um carácter informativo e, tal como explica Jorge Nuno Oliveira, no “Manual de Jornalismo Televisivo” necessários para despertar o interesse do espetador.

“A produção do alinhamento obedece a determinados critérios jornalísticos e editoriais, tendo em vista o público-alvo e a orientação do programa (...) Equilibrando os fatores importância – interesse – curiosidade, (...) O alinhamento é uma realidade viva e dinâmica, capaz de surpreender pelo interesse súbito que desperta nos espectadores.” (Oliveira, Nuno Jorge, 2007: 62-63)

Produzido pela Warner Bros. International Television Production para a RTP, o programa “Portugueses pelo Mundo”, existe desde 2009 e é baseado no Argentino “Clase Turista: el mundo según los argentinos”. Na descrição geral do programa consta que, desde sempre, os portugueses “estiveram dotados de uma alma nómada, vagueando por todo o mundo à procura de negócios, conhecimentos, desafios e paixões, muitos acabaram por encontrar um “país adotivo”, guardando por vezes a nostalgia de Portugal, e alimentando o sentimento da saudade”⁵¹. Contar histórias sobre a emigração portuguesa mais recente, em género documental, é objetivo deste programa:

“Descobrir e desvendar os emigrantes temporários, ou seja, portugueses que procuraram outro país por questões académicas, profissionais, financeiras ou até amorosas (...). A estes portugueses, vamos pedir que nos apresentem a sua “nova cidade” e nos contem como se habituaram às novas vivências.”⁵²

Cada emissão decorre num diferente país e, entre detalhes da história de emigração, que emprestam um cariz mais humano a este conteúdo, os entrevistados destacam curiosidades

⁴⁹ Falamos de peças para nos referirmos às histórias apresentadas no programa, Informação em “Manual de Jornalismo Televisivo. 2007. Disponível em. [Manual TV](#). [Acedido em 17 de Junho de 2018.]

⁵⁰ Termo utilizado na gíria jornalística “voz off” quando em televisão não vemos o pivô/apresentador apenas ouvimos, normalmente “pintado com imagens”.

⁵¹ Informação enviada via e-mail, dia 29 de Junho de 2018, pela produtora Warner Bros. International Television Production.

⁵² Idem.

(culturais, turísticas, lazer ou gastronomia) das cidades onde vivem. Ou seja, o programa é uma espécie de cruzamento entre o documental e um programa de viagens, sem perder a linha do entretenimento. Há, no entanto, uma outra preocupação para a produção do programa: “fomentamos a integração entre culturas e indivíduos, mostrando as diferenças culturais, sempre numa ótica de curiosidade e tolerância pelas diversidades de cada um dos povos e suas culturas”⁵³. Atualmente, o programa é transmitido na RTP 1 à Sexta-feira pelas 22h45, havendo repetições na RTP África e RTP Internacional. No que respeita à narrativa geral, o programa surge na emissão como uma peça única, seguindo as características técnicas daquilo que define um documentário. Nos quase 50 min são apresentadas quatro histórias e muitas imagens, ruídos, sons e música numa edição frenética onde proliferam os filtros coloridos, *letterings*⁵⁴ informativos (com nomes das cidades e breves informações sobre as mesmas), bem como, constantes oráculos⁵⁵ que recordam sistematicamente o nome, idade e profissão dos entrevistados. Se olharmos para a definição de Fernando Ramos, podemos confirmar que estas características pertencem a este género documental, como sendo uma narrativa basicamente “composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala, para as quais olhamos (nós, espetadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa (...)” (Ramos, 2008:22). No geral, a nível de construção de imagem, é agitado, por vezes poderá até cansar o espetador devido à multiplicidade de imagens cruzadas com conteúdo oral e, ainda, várias respirações só de imagens acompanhadas com música e sons diferentes. Contudo, não deixa de ser um género de documentário, a par da aposta evidente da riqueza da imagem que refletem o objetivo “turístico” de mostrar as cidades onde residem os portugueses, também a narrativa das entrevistas merece algum cuidado. É visível em todas as entrevistas o seguimento de um determinado guião, onde se explora os motivos de emigração, a integração no novo país, a parte profissional e, por vezes, uma breve passagem pela vida familiar, onde se mostram as casas ou locais, onde usualmente o entrevistado costuma passar tempo em família ou amigos. Todavia, há que ressaltar a não profundidade dos itens abordados; existe referência a esses detalhes (razões de emigração, integração, vida social), porém, numa perspetiva superficial. Talvez pelo formato do programa onde a imagem, as paisagens, as cidades e ambientes roubem tempo a entrevistas mais meticulosas. Quanto à estrutura, a base do programa assenta no seguinte alinhamento: genérico ⇒

⁵³ Idem.

⁵⁴ A palavra “lettering” é utilizada na gíria dos editores de vídeo, ou seja, o lettering são os textos escritos no vídeo, que podem servir como reforço ao que é dito ou então acrescentar uma informação nova ao que é dito.

⁵⁵ A palavra “oráculo” é utilizada na gíria dos editores de vídeo é semelhante a uma legenda e serve para “identificar sempre corretamente os protagonistas da história, já que isso permite responsabilizá-los pelas declarações que produzirem, sendo também uma forma de dar credibilidade à informação e dignidade às pessoas.” In “Manual do Jornalismo Televisivo”.2007:58. Disponível em: <https://comunicamos.files.wordpress.com/2007/09/utadtv-manual3.pdf>. [Acedido a 11 de Julho de 2018].

apresentação das quatro histórias (destaque) ⇒ imagens da cidade ⇒ entrevistado a passear na cidade ⇒ entrevistado fala da sua história, ao mesmo tempo que explica pontos turísticos ⇒ termina sempre com um momento lúdico. Ou seja, programa apresenta quatro histórias intercaladas e cada entrevistado mostra pontos turísticos da cidade, a par disto, há em todas as emissões uma passagem por um mercado ou ruas com comércio e termina sempre com um momento lúdico, na maioria das vezes, num restaurante, onde o entrevistado convive com amigos ou família ou, ainda, num passeio pela vida noturna da cidade. Não existe pivô, repórter ou voz *off*.

O programa “Notícias do Meu País” foi para o ar pela primeira vez em 2016, criado pela RTP1 este conteúdo é apresentado em horário nobre. Dedicado à emigração, pretende “provar que os emigrantes não se esquecem das suas raízes”⁵⁶(RTP). Na sinopse do programa disponibilizada pelo site da RTP, o texto refere ainda a existência de um artefacto:

“Com a ajuda preciosa de cúmplices, vamos ter acesso a informações privilegiadas que vamos transportar connosco dentro de uma garrafa. “Notícias do meu País” vai viajar pelo mundo para contar histórias de emigrantes portugueses com tanto para mostrar. Que surpresas serão reveladas quando essa garrafa for aberta?”⁵⁷ (site RTP)

Neste programa, há também uma atenção especial às comunidades portuguesas, onde em cada emissão há uma passagem por uma comunidade, associação ou coletividade na cidade que visita. É objetivo principal do programa. “provar que os emigrantes não se esquecem das suas raízes”. Classificado como entretenimento, além da sua categoria, são vários os aspetos que distinguem este programa dos anteriores. O primeiro fator diferenciador é a existência de dois repórteres, duas caras conhecidas do grande público, o que por si só, lhe confere um cariz popular. Em cada emissão são apresentadas duas histórias de emigração em dois países diferentes. Porém, o programa também tem passagem por Portugal, ou seja, há uma primeira parte, onde os repórteres surgem na terra natal e visitam locais e pessoas relacionados com a vida do emigrante. O foco é a história de vida de cada entrevistado, uma característica, pouco ou nada, fomentada nos outros programas analisados. E, neste ponto, a narrativa distingue-se também pelo número de entrevistas por história, ou seja, cada história pode apresentar quatro, cinco ou 20 entrevistados (pais, mães, amigos, conhecidos, antigos professores ou colegas) que reforçam a vertente emotiva da narrativa. Na segunda fase, os repórteres seguem viagem e vão ao encontro dos emigrantes. Em relação aos repórteres, devem ser tidas em conta algumas considerações, em primeiro

⁵⁶ Informação disponível em www.rtp.pt/programa/tv/p33387. [Acedido a 5 de Julho de 2018].

⁵⁷ Informação disponível em www.rtp.pt/programa/tv/p33387. [Acedido a 5 de Julho de 2018].

lugar, a definição mais correta seria “apresentadores” já que estamos perante um programa de entretenimento e não de informação (ainda assim, no futuro, para que a análise seja mais uniforme, quando nos referirmos a repórteres consideramo-los também). Continuando, neste ponto, a nível expressivo, verificamos que os repórteres, apresentam um à vontade comum ao entretenimento, aliado a isso, existe uma proximidade visível no discurso (abordagem, o tom de voz confidente, o texto dos *offs*, as perguntas construídas), o que se verifica também a nível de gestos (abraços). Logo, a proximidade é algo que acontece com espontaneidade, há uma confiança por parte do entrevistado, que reconhece notoriedade aos repórteres, conseqüentemente, o processo de “contar a vida” flui como uma conversa com um “amigo”. Além disso, são figuras ativas no programa, participam e estão constantemente na imagem, tudo isto completa uma panóplia de elementos essenciais em qualquer programa de entretenimento, cuja essência vai beber aos programas diurnos de qualquer estação televisiva em Portugal, o chamado *day time*⁵⁸. Um outro aspeto a referir é em relação aos patrocínios, neste programa, o patrocínio aparece como parte do conteúdo (exemplo, o repórter a subir a escada do avião onde é visível a marca da companhia aérea) o que não acontece nos outros programas. Quanto à estrutura e edição, a música é uma constante presença, ao longo do programa, privilegia-se a música portuguesa e a mais melancólica, com o claro objetivo de puxar a emoção do telespetador, os planos fechados dos rostos dos entrevistados conferem ao programa a proximidade desejada. O programa alterou o seu genérico em 2018 e, atualmente apresenta o seguinte alinhamento: pequenos trechos do programa (um gancho para prender o espetador ao écran) ⇒ genérico (com várias frases e rostos de pessoas “é duro ser emigrante”, “o meu país é Portugal, imagens da garrafa (marca do programa) e dos repórteres) ⇒ apresentação da história 1 (*off* com fotografias de infância e de várias fases da vida do entrevistado) ⇒ ida do reportér1 à terra natal e a locais de referência para a história (recolha de objetos pessoais que a família e amigos do entrevistado colocam dentro de uma garrafa gigante) ⇒ repórter1 no avião (imagens do patrocínio) ⇒ separador ⇒ respiração com *off* elucidativo e imagens da cidade⇒repórter 1 e entrevistado1 ⇒entrevista (e respirações com imagens das cidade e entrevistado). A partir daqui, é apresentada a segunda história, no segundo país e com o segundo repórter, respeitando a mesma estrutura. Feitas as apresentações, ao longo do programa as histórias vão alternando entre si, as entrevistas apresentam uma linha condutora comum, os repórteres vão entrando tenuemente na vida do

⁵⁸ Definição de Daytime (programas diurnos) “daytime television talk show is a uniquely modern phenomenon, but one with roots stretching back to the beginning of broadcasting. Daytime talk programs are popular with audiences for their democratic, unpredictable nature, with producers for their low cost, and with stations for their high ratings. They have been called everything from the voice of the common people to a harbinger of the end of civilization. Successful hosts become stars in their own right, while guests play out the national drama in a steady stream of confession, confrontation, and self-promotion. Disponível em: www.encyclopedia.com/media/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/daytime-talk-shows. [Acedido a 19 de Julho de 2018].

entrevistado, sentados, frente a frente. Ao longo da conversa são oferecidos vários ímpetos à narrativa: a garrafa que contém objetos pessoais dos entrevistados (que estes já não se recordavam ou já não viam há muito tempo), o que é um motivo para deslindar memórias e a introdução de um *tablet* onde estão gravadas várias mensagens de amigos e familiares. A conversa flui naturalmente e de tom emocional, revela-se a vida do entrevistado, ou seja, onde trabalha, a casa, onde passeia. Além disto, ao longo do programa surgem, por vezes, outras conversas com emigrantes (pequenos apontamentos e de circunstância, por exemplo num café, um repórter faz conversa). Por fim, regista-se um momento de lazer (pode ser numa coletividade ou num restaurante português). Neste caso, um ponto comum com os “Portugueses Pelo Mundo” terminar o programa em “festa” embora as “Notícias do Meu País”, privilegiem a comunidade portuguesa.

6.2 ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA COMPARATIVA

Numa primeira fase, será realizada a análise quantitativa comparativa, entre programas e, numa segunda fase, seguir-se-á a análise qualitativa, onde será examinada a narrativa e discurso. Os programas analisados foram selecionados aleatoriamente e por trimestre dos anos 2016, 2017 e 2018 (um programa por trimestre e quatro por ano). Contudo, durante a análise surgiram alguns obstáculos, ao nosso trabalho, devido à existência de falhas na grelha de programação da RTP. A emissão dos programas revelou-se irregular relativamente aos dois programas emitidos pela RTP1. Ou seja, os “Portugueses Pelo Mundo”, em 2016 e 2018, nos primeiros dois trimestres de ambos os anos não teve emissão, o que foi justificado pela produção, “no que toca à temporada a que se refere (a VIII), a mesma estreou a 28 de abril de 2016 (ou seja, segundo trimestre do ano) e acabou a 17 de fevereiro de 2017”.⁵⁹ Sendo assim, não houve emissão porque não existiam programas para colocar no ar. Também, o “Notícias do Meu País” apresenta irregularidades de emissão, com intervalos consideráveis entre emissões. Ainda assim, tomámos a opção de registar um programa pelos trimestres existentes (3º e 4º trimestres de 2016, 4º trimestre de 2017, 1º e 2º de 2018), como já justificámos, anteriormente e, apesar de existir um número limitado de emissões deste programa, considerámo-lo importante para o nosso estudo pelo seu conteúdo e narrativa como iremos verificar. No caso da “Hora dos Portugueses” da RTP Internacional, o programa vai para o ar todos os dias, respeitando a grelha e ficando disponível na plataforma *on line* RTPplay. No que se refere a números globais, foram analisados 24 programas e 231 entrevistas.

⁵⁹ Esclarecimento enviado via Facebook, a 11 de Junho de 2018.

6.3 ANÁLISE GERAL DA CARACTERIZAÇÃO DOS PROGRAMAS⁶⁰

Quadro 2 - Temas abordados nos programas em análise

Temas	Hora dos Portugueses	Portugueses P/ Mundo	Notícias do Meu País	Total
Associativismo	2	N/A	N/A	2
Artes e Letras	6			6
Empresas e Economia	6			6
Informática	1			1
Consulados e Embaixadas	1			1
Desporto e Lazer	5			5
Documentário	N/A	9*		9
História de Vida	1	N/A	4	5
Língua Portuguesa	2		2	
Lusodescendentes	2		2	
Religião	3		3	
Restauração e Gastronomia	3		3	
Hotelaria e Turismo	1		1	

*Três dos programas tiveram emissões especiais (Especial Desporto, Especial Turismo, Especial Comunicação Social)

Como já referimos, cada programa apresenta uma narrativa distinta, passando por diversos estilos televisivos, o que consideramos ser um aspeto positivo, já que essa característica poderá conferir um relevante grau de interesse para este estudo. Porém, o critério das temáticas apenas se aplica ao programa “Hora dos Portugueses”, por ser o único que apresenta peças individuais. No caso dos “Portugueses Pelo Mundo” e das “Notícias do Meu País” o mesmo tema é inerente a todas as emissões, documentários e histórias de vida, respetivamente. Assim, classificámos as seguintes temáticas: 1) “Associativismo”, peças sobre associações e coletividades nas comunidades portuguesas; 2) “Artes e Letras”, peças cujo o tema ou os seus protagonistas são artistas, no geral, ou estão ligados às artes (cantores, músicos, escritores e arquitetos); 3) “Empresas e Economia”, peças referentes a empresas (familiares, medias e grandes) e bancos; 4) “Informática”, peças cujo o temas e/ou protagonistas estão ligados à área da informática; 5) “Consulados e Embaixadas”, peças relacionadas com consulados ou embaixadas portuguesas; 6) “Desporto e Lazer”, peças alusivas a atividades desportivas e cujos protagonistas são atletas, ou ainda quando se tratam de atividades de lazer, como, por exemplo, colecionadores; 7) “Documentário”, quando o programa está classificado como tal (Portugueses Pelo Mundo); 8) “História de Vida”, quando o programa gira em torno do percurso de vida do entrevistado, cruzando o campo pessoal e o profissional (Notícias do Meu País); 9) “Língua Portuguesa”, peças cujo tema central é a língua, como por exemplo, colóquios ou conferências; 10) “Lusodescendentes”, quando as

⁶⁰ Tabelas individuais por programas disponíveis nos anexos. Programa “Hora dos Portugueses”, tabelas individuais por trimestre, pág. 2-4, tabelas gerais por ano, pág. 5-7. Programa “Notícias do Meu País”, tabelas individuais por trimestre, pág. 14-17, tabelas gerais por ano, pág. 18. Programa “Portugueses Pelo Mundo”, tabelas individuais por trimestre, pág. 22-24, tabelas gerais por ano, pág. 25-27.

peças são sobre descendentes de portugueses; 11) “Religião”, peças que retratam atos de fé, como por exemplo, procissões; 12) “Restauração e Gastronomia”, peças referentes a restaurantes ou quando a gastronomia é o ponto central ou proprietários de um restaurante; 13) “Hotelaria e Turismo”, peças relativas a hoteleiros ou proprietários de locais turísticos.

Deste modo, na “Hora dos Portugueses”, foram analisados 11 programas, o que corresponde exatamente a 127 min 51 de emissão (uma média de 12 min) registaram-se 33 peças, entre os 3 min e os 8 min, em género de notícia ou pequenas reportagens e foram entrevistadas 95 pessoas. No que toca às temáticas foram observadas: 2 peças dentro da temática do “Associativismo”. A categoria “Artes e Letras” e “Empresas e Economia” registaram 6 peças. “Informática”, “Consulados e Embaixadas”, “Hotelaria e Turismo” e “História de vida” 1 cada. “Desporto e Lazer” 5, as categorias “Língua Portuguesa” e “Lusodescendentes” 2. “Religião” e “Restauração e Gastronomia” 3 peças. Concluímos que todos os temas têm ligação à comunidade, associações, atividades culturais e pessoas que têm destaque pelas suas atividades profissionais, como por exemplo músicos arquitetos ou autores lusos. Também se verificou alguma visibilidade em relação à atividade empresarial, ou seja, peças sobre pequenos negócios de exportação ou ainda uma peça sobre um encontro de vários empresários nos EUA. Os eventos relacionados com a língua portuguesa (dois colóquios em Macau) e as atividades religiosas (procissões nos EUA), também apresentaram algum relevo. A “gastronomia e a restauração”, viram a sua categoria representada através de peças sobre uma matança do porco no Canadá e, ainda, peças cujo destaque são os produtos portugueses (por exemplo: sobre o azeite (Índia) ou o chouriço (Venezuela). Ou seja, tudo isto revela um forte sentido de comunidade, para este programa o foco são os eventos e atividades e não as histórias de vida. No que toca aos “Portugueses Pelo Mundo”, foram 9 programas analisados, 31 entrevistas, num total de 366 min 80 (em média 41 min por emissão). O formato e o tema são transversais à mesma categoria, dado que, se trata de um documentário, não existem peças e sim várias histórias por programa, normalmente, em cada emissão são apresentadas quatro histórias por programa. Embora, tenhamos registado, um programa que apenas apresentou uma história e três emissões especiais, dedicadas a temáticas específicas: “Turismo”, “Desporto” e “Comunicação Social” nestes casos, as 10 histórias apresentadas, foram relativas a estas temáticas, assim todos os entrevistados desenvolviam atividades profissionais relacionadas com o turismo, o desporto, ou comunicação social. Porém, como a narrativa do programa é documental, pareceu-nos mais fiel não considerar estes programas especiais como novas categorias. Estas emissões foram mais voltadas para o lado profissional dos entrevistados, ficando latente a valorização da conquista e o sucesso dos seus percursos. E, de algum modo, realçando uma das características que nos singra como portugueses desbravadores de mares, ou seja, conquistadores de vitórias pessoais e profissionais, independentemente, do lugar do mundo

onde estejamos. Quanto às “Notícias do Meu País”, classificado como entretenimento, este programa apresenta uma temática global que corresponde à narrativa do próprio formato, ou seja, as “histórias de vida”. Assim, por programa são apresentadas duas histórias, ao todo foram apresentadas oito histórias de vida e entrevistadas 105 pessoas num total de 198 min 45 (uma média de 50 min por emissão). Por si só, a temática deste programa já é um elemento distintivo dos restantes.

Quadro 3- Caracterização geográfica dos programas

Países	Hora dos Portugueses	Portugueses P/ Mundo	Notícias do Meu País	Total
Alemanha	1	0	1	2
Angola	0	1	0	1
Austrália	3	0	0	3
Cabo Verde	0	1	0	1
Canadá	2	1	1	4
China	0	1	1	2
Chipre	0	1	0	1
Colômbia	0	1	0	1
Emirados Árabes Unidos	0	0	1	1
Equador	0	1	0	1
Espanha	0	1	0	1
EUA	11	0	1	12
França	1	1	1	3
Grécia	0	1	0	1
Holanda	0	0	1	1
Índia	2	0	0	2
Itália	0	0	1	1
Letónia	0	1	0	1
Macau	4	0	0	4
Malta	0	1	0	1
México	0	1	0	1
Moçambique	2	1	0	3
Perú	0	1	0	1
Reino Unido	3	0	0	3
Tailândia	0	1	0	1
Venezuela	4	0	0	4
26	33	16	8	57

A nível geográfico foram representados 26 países. Na “Hora dos Portugueses” foram exibidas histórias em 10 países, porém, neste programa, há uma repetição de peças por país, o que significa que das 33 peças registadas, algumas passaram pelos mesmos países várias vezes. Ou seja, Austrália (3), Canadá (2), EUA (11), Índia (2), Reino Unido (3) e Venezuela (4), Macau (4), Moçambique (2). Já a Alemanha e França registaram apenas uma peça e os EUA são o país que mais peças apresentou. No programa “Portugueses Pelo Mundo”, não se verifica qualquer repetição de países, neste caso, (16) Angola, China, Chipre, Cabo Verde, Colômbia, Equador, Espanha, Grécia, Letónia, Malta, México, Moçambique, Perú e Tailândia, França e Canadá. Nas “Notícias do Meu País”, também não se verifica repetição de países, tendo sido apresentados 8 países e em cada um deles uma história: Itália, França, Holanda, Alemanha, Canadá, China, Emirados Árabes Unidos e EUA. Ao olharmos para esta lista, podemos concluir que alguns dos destinos reconhecidos por serem tradicionalmente, eleitos

pela emigração portuguesa não constam desta lista ou registam um número baixo de peças, como é o caso de França e Alemanha. Países como Suíça, Luxemburgo, Bélgica, por exemplo, não foram contemplados por estes programas. No entanto, não podemos ignorar que outros países como os EUA e a Venezuela, conhecidos pela emigração portuguesa foram representados nos programas analisados e mais do que uma vez. Também a lusofonia não foi esquecida, países lusófonos como Angola, Moçambique, Cabo Verde e, por ventura, Índia e Macau mereceram destaque, isto leva-nos a crer que ainda existe uma forte identificação com o legado português existente nestes territórios, onde subsiste uma ligação histórica. Mas também é verdade, que a realidade da emigração portuguesa mudou, a nova emigração é mais expansiva, no que toca a destinos, estamos espalhados pelo mundo e a prova disso é que no programa “Portugueses Pelo Mundo” foi traçado um mapa geográfico contrário aos destinos da emigração tradicional. Países como o Perú, Colômbia, Tailândia, Chipre e mesmo a nível europeu, destinos como Letónia, Malta ou mesmo Grécia, provam que os emigrantes de hoje aventuram-se em países onde não há tradição na emigração portuguesa, o que poderá estar ligado a diversos fatores, nomeadamente, a existência de um mercado de trabalho mais competitivo, aliado a uma maior qualificação profissional dos portugueses ou simplesmente pela procura de novas experiências pessoais mais ricas. Um outro aspeto, é a distância geográfica, se antes viajar era uma tarefa morosa e cara, atualmente viajar é uma atividade simples e mais barata. E, se antes, os emigrantes deslocavam-se de carro, numa viagem de dias até Portugal, hoje com as viagens *low cost* pouco se justifica fazer esse trajeto via terrestre. Ora, isto pode influenciar, a proximidade com o país. Sendo mais fácil e acessível a deslocação, não há motivo para os emigrantes, passarem tanto tempo, sem ir a Portugal, logo há uma maior proximidade, entre o espaço e o tempo. Além da proximidade geográfica, o desenvolvimento da tecnologia veio quebrar as barreiras de outrora, se considerarmos a internet, este meio é perito a encurtar distâncias. Apesar de ainda não permitir o teletransporte, possibilita a comunicação instantânea e ligações por vídeo, o que constitui um colossal avanço, em relação à velha carta e até ao telefone, que eram as grandes vias de comunicação, entre a família e os emigrantes. Posto isto, os sentimentos saudosistas que alguns destes programas fomentam perdem a força, mediante este novo contexto que a sociedade em rede oferece.

6.4 ANÁLISE GERAL DA CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS⁶¹

Quadro 4- Género e idade dos entrevistados

	Hora dos Portugueses	Portugueses P/ Mundo	Notícias do Meu País	Total
Género				
Masculinos	74	20	61	155
Femininos	21	11	44	76
Total	95	31	105	231
Idade				
até 20 anos				
21 a 30 anos	1	9		10
31 a 40 anos		16		16
41 a 50 anos		3	1	4
51 a 60		2	2	4
Mais de 60	1	1	1	3
Total	2	31	4	37

No total em todas as emissões analisadas foram entrevistadas 231 pessoas, o que corresponde a 155 do género masculino e 76 do género feminino. O que por programa se traduz no seguinte, a “Hora dos Portugueses” exibiu 74 entrevistas do género masculino e 21 do género feminino. Já os “Portugueses Pelo Mundo” apresentaram 20 entrevistas do género masculino e 11 do género feminino. Nas “Notícias do Meu País” foram apresentadas 61 entrevistas do género masculino e 44 do género feminino. No que respeita ao fator idade, devemos dizer que este item não foi merecedor de atenção, sobretudo, por parte do programa “Hora dos Portugueses”, essa informação foi avançada apenas duas vezes. Já em relação, aos restantes programas, destacamos os “Portugueses Pelo Mundo”, por terem sido o programa que mais privilegiou este dado, ou seja, 31 referiram a idade. Assim sendo, no geral de todos os programas, entre os 21 e 30 anos, registaram-se 10 entrevistados, entre os 31 e os 40 anos (16), entre 41 aos 50 anos (4), dos 51 aos 60 anos (3) e mais de 60 anos registaram-se (3). Sendo assim, podemos dizer que a maioria dos emigrantes entrevistados nestes programas situa-se na casa entre os 31 e os 40 anos, seguidos dos entre os 21 e 30. As idades mais avançadas encontram-se em último lugar nesta amostra, o que revela que nestes programas os protagonistas pertencem, sobretudo, à nova emigração, o que vai de encontro à ideia defendida no último ponto, que estamos perante uma nova realidade da emigração portuguesa, mais jovem que procura novos destinos.

⁶¹ Tabela geral relativa à caracterização dos entrevistados disponível nos anexos pág. 34.

Quadro 5- Anos e razões de emigração

Anos de Emigração	Hora dos Portugueses	Portugueses P/ Mundo	Notícias do Meu País	Total
Menos de 1 ano		2	1	3
1 a 5 anos	2	17	1	20
6 a 10 anos		7		7
11 a 15 anos	2			2
16 a 20 anos	1	1	1	3
21 a 30 anos			5	5
31 a 40 anos	1		1	2
Mais de 40	5		2	7
Razões para Emigrar				
Aventura	2		1	3
Condições de vida		1	1	2
Estudantes/Estágios		5		5
Proposta de Trabalho	1	10	2	13
Questões Familiares/Afetivas		12	6	18

No que toca a este item, o programa “Portugueses Pelo Mundo” foi o que mais dados apresentou relativamente aos anos de emigração. Assim, 17 entrevistados emigraram entre 1 e 5 anos (7,)§ entre os 6 e 10 anos, 1 entre os 16 e 20 anos e 2 emigraram há menos de um ano. Já no programa “Hora dos Portugueses”, dos entrevistados que adiantaram esse detalhe, 5 revelaram ter emigrado há mais de 40 anos, relativamente, a 1 a 5 anos de emigração, 11 a 15 anos, 31 a 40 o programa apresentou uma média de 2 entrevistados, já entre os 16 e 20 anos, apenas 1 revelou estar emigrado há esse tempo. Nas “Notícias do Meu País”, o intervalo 21 e 30 anos é onde se situam mais entrevistados, 5. Entre os 16 e 20, 31 e 40, 1 a 5 anos e menos de 1 ano, apresentam um em cada, já no intervalo, há mais de 40 anos, registou-se 2. Quanto às razões de emigração, destacam-se as “relações familiares/afetivas” registando 18 casos no geral, seguido da “proposta de trabalho” com 13, a ida à “aventura” 3 e “condições de vida” assinalaram 2. Categorizamos como “condições de vida”, quando a razão de emigração estava relacionada com a crise económica, desemprego ou condições laborais precárias. “Estudantes/estágios” é uma categoria contabilizada apenas nos “Portugueses Pelo Mundo” onde 5 dos entrevistados saíram do país para estudar ou estagiar. Nesta categoria, o programa “Hora dos Portugueses” apenas registou 3 entrevistados que revelaram as razões de emigração, contra 28 dos “Portugueses Pelo Mundo” e 10 das “Notícias do Meu País”. Sendo assim é a nova emigração que está representada nestes programas, já que, a maioria dos entrevistados estão emigrados entre 1 e 5 anos. As razões afetivas estão no topo da lista de motivos para emigrar, ou seja, os casamentos com estrangeiros/as são a causa maior de emigração, seguida da relações familiares (pessoas que emigram porque têm família nos países de acolhimento).

Quadro 6- Formação académica e área de formação

Formação Académica	Hora dos Portugueses	Portugueses P/ Mundo	Notícias do Meu País	Total
Inferior ensino secundário	Sem Informação			
Ensino secundário				
Superior				
Área de Formação				
Arquitetura		1		1
Artes e Espetáculo		1		1
Comunicação, Multimédia e Marketing		2		2
Engenharia	1	2		3
Línguas		1		1
Saúde		2		2

Os tópicos “formação académica” e “área de formação” considerámo-los no início desta pesquisa, por julgarmos que seriam um complemento importante para a traçar o perfil dos emigrantes retratados por estes programas. Sem contarmos, no entanto, que a nível prático revelar-se-iam, praticamente, inobserváveis, pois, não fizeram parte do conteúdo das entrevistas realizadas. A “formação académica” nunca foi referida e quanto à “área de formação”, nas “Notícias do Meu País” não houve qualquer registo e na “Hora dos Portugueses” apenas existe um dado registado. Os “Portugueses Pelo Mundo” assinalou 9 vezes essa informação. Assim ficámos a saber que as categorias “Artes e Espetáculo”, “Arquitetura” e “Línguas” registaram um dado cada uma, já “Comunicação, multimedia e Marketing”, “Saúde” 2 e “Engenharia” 3.

Quadro 7- Profissão e cargo

Profissão/Cargo	Hora dos Portugueses	Portugueses P/ Mundo	Notícias do Meu País	Total
Arquitetos	4			4
Comunicação, Multimédia e Marketing	4	4	1	9
Construção Civil e operários fabris	1	1	1	3
Consulados, Embaixadas, Comunidades e Governo	12			12
Consultores		1		1
Cozinheiros e chefes	6			6
Desempregado		1		1
Desportistas	9	5		14
Economia, Contabilidade e Banca	5		2	7
Empresários, Proprietários e Comércio	11	2	8	21
Escritores e editores	3			3
Estudantes /Estagiários		2		2
Hotelaria e Turismo	1	2		3
Informática	2	3		5
Mecânica	1	1		2
Membros da Igreja	3		1	4
Membros de Associações	9		1	10
Motoristas	1		1	2
Músicos, Cantores e Balarinos	5	2	7	14
Outros	12		82	94
Professores e cargos relacionados com a Língua	3	1		4
Recrutamento e Apoio ao Cliente		3		3
Trab. Sociais, Voluntários e ONG		3		3

Em relação à profissão/cargo, definimos várias classes profissionais de forma a albergar as atividades profissionais de todos os entrevistados dos programas analisados, acrescentámos a palavra “cargo” porque nem sempre a ocupação dos entrevistados é a sua profissão, como por exemplo, um presidente de uma associação. Deste modo, reunimos 23 atividades: 1) “Arquitetos”; 2) “Comunicação, multimedia e Marketing”, onde reunimos todos aqueles que se dedicam a estas áreas (responsáveis de marketing, locutores, caça talentos e produção de cinema); 3) “Construção Civil e Operários fabris”; 4) “Consulados, Embaixadas, Comunidades e Governo”, nesta categoria, reunimos membros de embaixadas e consulados, assim como, elementos das comunidades, como por exemplo conselheiros e, por fim Governo. Neste caso cabem todos os representantes do Governo central e ilhas que se deslocam a essas comunidades, como, por exemplo, secretários de estado e ainda membros de autarquias dos países de acolhimento. Optámos por reunir todas estas atividades, por serem atividades desenvolvidas no âmbito institucional e de alguma forma relacionadas com o poder político vigente; 5) “Consultores”, todos aqueles que desempenham funções de consultoria; 6) Cozinheiros e chefes; 7) “Desempregados”; 8) “Desportistas”; 9) “Economia, Contabilidade e Banca”; 10) “Empresários, Proprietários e Comércio”, ou seja, empresários das mais diversas áreas desde prestação de serviços, empresas de construção e também os proprietários dos estabelecimentos comerciais ou empregados destas áreas; 11) “Escritores e editores”; 12) “Estudantes/Estagiários”; 13) “Hotelaria e Turismo”; 14) “Informática”; 15) “Mecânica”, nomeadamente engenheiros mecânicos; 16) “Membros da Igreja”; 17) “Membros de Associações”; 18) “Motoristas”; 19) “Músicos e Cantores e Bailarinos”, ou seja, todos aqueles que estão relacionados com o mundo do espetáculo, sejam eles músicos, cantores, fadistas, maestros ou bailarinos; 20) “Outros”, esta categoria foi criada porque na observação se verificou uma particularidade, sobretudo, no que respeita ao programa “Notícias do Meu País”, ou seja, devido ao formato do programa, as histórias de vida, muitas das entrevistas realizadas funcionam como um reforço à história do emigrante. Por programa, são entrevistados dois emigrantes, e agregadas dezenas e dezenas de entrevistas a pessoas que têm ligação afetiva com esses entrevistados. Assim, verificou-se um elevado número de entrevistados apenas identificados com grau de parentesco, ou seja, familiares, amigos ou conhecidos, nomeados, como pai, mãe, amigo, marido, ex. colega, por exemplo. A par disto, verificou-se, neste mesmo programa, que, mesmo quando identificados com uma profissão já estão retirados do mercado de trabalho, sendo identificados, como por exemplo, antigo professor ou ex. motorista. Esta peculiar observação, foi alheia aos outros programas, apenas se registando alguns casos na “Hora dos Portugueses”, mas relativos a situações de inexistência de informação acerca da profissão ou cargo, como por exemplo, visitantes de um evento, ou casos, em que não surgem identificados. 21) “Professores e cargos relacionados com a língua portuguesa”, neste caso, agrupamos professores e cargos relacionados com o

ensino da língua portuguesa no mundo, como por exemplo, cargos em instituições ligadas ao ensino do português. 22) “Recrutamento e Apoio ao Cliente”; 23) “Trabalhadores Sociais, Voluntários e ONG”. Analisemos então os números, a classe dos “Arquitetos” registou 4 elementos na “Hora dos Portugueses”. A categoria, “Comunicação, multimédia e Marketing”, foi registada 9 vezes em todos os programas, ou seja, 4 na “Hora dos Portugueses” e 4 nos “Portugueses Pelo Mundo” e 1 em “Notícias do Meu País”. “Construção Civil e Operários fabris” foi observada 1 vez em cada programa, ou seja, 3 no total. “Consulados, Embaixadas, Comunidades e Governo”, registou-se no programa “Hora dos Portugueses” 12 vezes. “Consultores” foi registada 1 vez, nomeadamente, nos “Portugueses Pelo Mundo”. “Cozinheiros e chefes”, registou-se 6 vezes na “Hora dos Portugueses”. A categoria dos “Desempregados”, foi observada 1 vez nos “Portugueses Pelo Mundo”. A classe dos “Desportistas” foi registada 14 vezes, ou seja, 9 na “Hora dos Portugueses” e 5 nos “Portugueses Pelo Mundo”. Na área “Economia, Contabilidade e Banca”, foram registados 7 dados, 5 na “Hora dos Portugueses” e 2 nas “Notícias do Meu País”. Já a classe dos “Empresários, proprietários e Comércio” reúne dados em todos os programas num total de 19 elementos, ou seja, 11 na “Hora dos Portugueses”, 2 nos “Portugueses Pelo Mundo” e 6 nas “Notícias do Meu País”. “Escritores e editores” está representada na “Hora dos Portugueses” com 3 dados. “Estudantes/Estagiários”, foram observados 2 casos nos “Portugueses Pelo Mundo”. “Hotelaria e Turismo”, registou 4 elementos, nomeadamente, 1 na “Hora dos Portugueses” e 2 nos “Portugueses Pelo Mundo” e 1 nas “Notícias do Meu País”. “Hotelaria e Turismo” registou 5 dados, designadamente, 1 na “Hora dos Portugueses” e dois, tanto nos restantes programas. “Informática” registou 5 elementos, 2 na “Hora dos Portugueses” e 3 “Portugueses Pelo Mundo”. Relativamente a “Mecânica” verificou-se 2 registos, 1 na “Hora dos Portugueses” e 2 nos “Portugueses Pelo Mundo”. “Membros da Igreja” foram verificados 4 dados, 3 na “Hora dos Portugueses” e 1 nas “Notícias do Meu País”. “Membros de Associações” contam com 10 dados recolhidos, ou seja, 9 na “Hora dos Portugueses” e 1 nas “Notícias do Meu País”. A classe dos “Motoristas” foi observada 2 vezes, 1 na “Hora dos Portugueses” e outra nas “Notícias do Meu País”. Quanto aos “Músicos, Cantores e Bailarinos”, esta classe profissional reuniu 14 dados no total, assim, foram registados 5 na “Hora dos Portugueses”, 2 nos “Portugueses Pelo Mundo” e 7 nas “Notícias do Meu País”. A classe dos “Professores e cargos relacionados com a língua”, registou 4 elementos, 3 na “Hora dos Portugueses” e 1 nos “Portugueses Pelo Mundo”. As classes “Recrutamento e Apoio ao Cliente” e “Trabalhadores Sociais, Voluntários e ONG” registaram 3 dados, cada uma, no programa “Portugueses Pelo Mundo”. Por fim a categoria “Outros” que reuniu um total de 94 dados, ou seja, 12 na “Hora dos Portugueses” e 82 nas “Notícias do Meu País”. As ilações que retiramos desta análise, em primeiro lugar, é de referir o destaque que os cargos relacionados com os “Consulados, Embaixadas, Comunidades e Governo” mereceram e,

apenas, no programa “Hora dos Portugueses”, o que significa no nosso entender, que este programa procura construir uma realidade da emigração portuguesa marcada pelo poder institucional e político, refletindo, deste modo, uma imagem institucional e mais tradicional da emigração, onde permanece o respeito pelos cargos institucionais e pelo poder político. O que pode acontecer por razões históricas ou até políticas de um país que traz na bagagem réstias de uma ditadura. No que toca aos “membros de associações”, era expectável que fosse uma das categorias mais relevantes, já que estamos a falar de programas de emigração. A existência de associações, coletividades e clubes é uma realidade transversal a todas as comunidades de emigrantes pelo mundo. É, por isso, compreensível que, também neste estudo, surjam representados, não só pela rica atividade associativa portuguesa existente, como por serem um elemento de ligação entre os emigrantes e Portugal. Em relação às classe dos “desportistas” e “Músicos, cantores e bailarinos”, também com dados significativos, importa dizer que são classes profissionais muito exigentes e, para alcançar algo mais, muitas vezes, é preciso sair do país. Os portugueses são competitivos a nível desportivo, o que faz com que procurem novos desafios noutros países, não só pela questão da competição, como pela questão do apoio. Relativamente à categoria “Músicos, Cantores e Bailarinos”, assim, as profissões ligadas às artes de espetáculo, como a música, cantores, bailarinos e até atores, o seu destaque pode ser justificado devido ao facto de em Portugal ser difícil viver da arte. Deste modo, os artistas portugueses encontram na emigração uma oportunidade de se realizarem artisticamente e viver disso. Por fim, a categoria “Empresários, proprietários e Comércio” que também mereceu reconhecido destaque, a leitura que retiramos daqui é que há uma parte dos portugueses que emigra e se lança no mundo dos negócios. São várias as áreas em que isso acontece, desde a construção civil, à prestação de serviços, à importação e distribuição. São também proprietários de cafés e restaurantes portugueses nas comunidades. Isto prova o espírito empreendedor reconhecido ao povo português, a capacidade de criar, aliada à vontade de mostrar o que é português num outro país, pode bem justificar estes números.

6.5 ANÁLISE QUALITATIVA DA NARRATIVA E DISCURSO

A narrativa e o discurso são fulcrais para o nosso estudo: as palavras e expressões utilizadas pelos emigrantes nas suas entrevistas, bem como, o discurso de repórteres e pivô são dados essenciais para traçar um perfil destes programas e, igualmente, um elemento fundamental para responder à nossa pergunta de partida: Que representação é feita dos emigrantes portugueses nos programas sobre emigração emitidos na televisão portuguesa? Deste modo, analisámos a narrativa e discurso de todos os intervenientes dos programas observados, com o principal objetivo de identificar a presença de características relacionadas com a identidade

portuguesa e reveladoras da existência de ligação a Portugal, como por exemplo, referências à saúde, ao patriotismo ou à gastronomia, entre outras, como iremos verificar.

Quadro 8 - Narrativa e Discurso geral⁶²

Programas		Adaptação	Comunidades e Emigração	Afetividade	Gastronomia	Identidade e Patriotismo	Saudade e Nostalgia	Solidariedade	Tradição
Hora dos Portugueses	Pivô		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	Repórter	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	Entrevistados	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Portugueses P/Mundo	Entrevistados	✓		✓	✓	✓	✓		✓
Notícias do Meu País	Repórter	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	Entrevistados	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Para que esta análise se torne uma tarefa simples para o observador, transformámos todo o discurso em categorias. Agrupámos palavras, conceitos e referências relacionadas entre si, que deram origem às seguintes categorias: 1) Adaptação, quando entrevistados, repórteres ou pivô fazem referências à adaptação e integração a um novo país. 2) Comunidades e Emigração, quando se registam menções às comunidades portuguesas (associações, coletividades, consulados, etc.) e sempre que haja referências aos emigrantes, à emigração, nova emigração, diáspora e lusodescendentes. 3) Afetividade, quando se verificam alusões aos laços afetivos, por exemplo, família e amigos, ou até com Portugal. 4) Gastronomia, quando se registam menções aos “sabores portugueses”, ou seja, à comida portuguesa, restaurantes ou produtos alimentares. 5) Identidade e Patriotismo, este é o ponto mais extenso, por albergar em si o maior número de conceitos identitários e demonstrativos de ligação à pátria/Portugal. Desta forma, consideramos toda a narrativa relacionada com as características de ser português, como por exemplo: menções a “Portugal”, “país” e “pátria”, “casa”, “terra natal”, “ser português”, “origens”, “raízes”, “cidadania”, “língua”, “identidade”, “povo português”, “espírito português” “tuga”, “portugalidade”, “orgulho nacional”, “aventura”, “desafio”, “patriotismo”, “compatriotas”, “identidade”, referências a símbolos nacionais (futebol, Fátima, fado e bandeira), referências a lugares e cidades (“minha rua”, “minha terra”), referências a datas comemorativas (Dia de Portugal) e referências a entidade governamentais ou governantes e, ainda, menções ao fatalismo (“sacrifício”, “luta”, “solidão” “destino”, “fé”, “tristeza”), referências a “solidariedade”, “união”, “convívio”, “partilha” e “interajuda” 6) Saudade e Nostalgia, menções à saudade, como por exemplo, “distância”, “sentir falta”. O saudosismo

⁶² Tabelas por programa, relativas ao discurso e narrativa, disponíveis nos anexos. Pág. 8-13 programa “Hora dos Portugueses”; Pág. 19-21 programa “Notícias do Meu País” e Pág. 27-32 programa “Portugueses Pelo Mundo”.

e a nostalgia, a vontade de regressar, alusões a “lembranças”, “recordações”, “memórias”. 7) Tradição, referências a “tradição”, “cultura”, “costumes”, “típico”, “tradicional”.

Categoria Adaptação – esta categoria foi referida em todos os programas e intervenientes, exceto pelo pivô da “Hora dos Portugueses”. A maioria das referências relacionam-se com dificuldades, ou não, de adaptação a um novo país. Aliás, na maioria dos casos, foi referida uma “adaptação fácil”, o que por si só vem provar a capacidade de adaptação como característica do povo português. Recordemos Jorge Dias em “Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa” é a “(...) capacidade de adaptação uma das constantes da alma portuguesa. O Português adapta-se a climas, a profissões, a culturas, a idiomas e a gentes de maneira verdadeiramente excepcional. O Português foi sempre poliglota (...), a capacidade de adaptação é geral (...)”. (Dias,1986:52-53). Alguns exemplos que retratam esta categoria:

“(...) queria conhecer novos lugares e pessoas, a adaptação foi fácil”. (Repórter, “Hora dos Portugueses”) ⁶³

“Eu posso dizer que durante seis meses chorei todos os dias” (Entrevistada, “Notícias do Meu País”) ⁶⁴

“A minha adaptação foi muito fácil (...) o fato de eu não falar grego, ajudou-me imenso a integrar nesta cidade, porque grande parte dos meus amigos, falam ou inglês, o francês, o castelhano e são línguas que eu domino, não tive dificuldades nenhuma de adaptação” (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”) ⁶⁵

“Sinto-me em casa, sinto-me à vontade” ⁶⁶ (Entrevistada, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Aqui não me sinto totalmente em casa (...)” ⁶⁷ (Entrevistada, “Notícias do Meu País”)

“Tirando a comida e as pessoas que são mais chegadas, sinto me em casa” (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”) ⁶⁸

Categoria Comunidades e Emigração - No que toca a esta categoria foi verificada em todos os programas exceto nos “Portugueses Pelo no Mundo”. A narrativa do programa pode justificar, ao contrário dos outros programas, que este não privilegia as comunidades portuguesas e aposta numa mensagem positiva da nova emigração, mas sem falar dela, ou seja, sabemos que os entrevistados são emigrantes, mas isso não é referido diretamente,

⁶³ Discurso do repórter. Programa “Hora dos Portugueses”. 2º trimestre de 2016, Reino Unido Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e230378/hora-dos-portugueses. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁶⁴ Discurso da entrevistada. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2017, Itália. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais 4º. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁶⁵ Discurso do entrevistado. Programa “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2016. Grécia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e234284/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁶⁶ Discurso de entrevistada. Programa “Portugueses Pelo Mundo”. 4º trimestre de 2016. Malta. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e253846/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁶⁷ Discurso de entrevistada. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. Canadá. Disponível em: 1º trimestre 2018 www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

⁶⁸ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2018. Tailândia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4677/e348450/portugueses-pelo-mundo [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

apenas subentendido. Já no programa “Notícias do Meu País” e “Hora dos Portugueses” verificaram-se várias menções quer de “emigração” quer em relação a “comunidades”. As comunidades são, de resto, uma forte presença nestes dois últimos programas, tanto a nível de referências, como em peças sobre a sua atividade. Vejamos alguns exemplos:

“(…) Os clubes sociais são ainda hoje um importante laço afetivo entre os emigrantes e Portugal” (Pivô, “Hora dos Portugueses”)⁶⁹

“Eu acho que se há alguma coisa que faz a diferença entre Portugal e os EUA e a comunidade portuguesa, seja das pessoas, seja das empresas ligadas à comunidade luso americana. (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”)⁷⁰

“(…) É a cidade onde está instalada a segunda maior comunidade portuguesa (….) existem mais de 10 associações culturais só em Lyon (….)” (Repórter, “Notícias do Meu País”)⁷¹

“Faz um trabalho tão bonito para a comunidade (….)”⁷² (Repórter, “Notícias do Meu País”)

(…) O que me diz a uma festa com cerca 160 portugueses a festa do bacalhau numa associação portuguesa”⁷³ (Repórter, “Notícias do meu País”).

“As características que estão por detrás desta organização são as que estão por detrás de qualquer organização das comunidades portuguesas em todo o mundo (….)”⁷⁴ (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”)

“(…)Para poder garantir um futuro aos filhos decidiu emigrar para França” (Repórter, “Notícias do Meu País”)⁷⁵

“Nasceu em Ílhavo e emigrou para a Venezuela há quase 40 anos.” (Repórter, “Hora dos Portugueses”)⁷⁶

“No sul do Ontário no Canadá, a apanha do tabaco está associada à presença portuguesa desde o início da emigração para este país”. (Pivô da “Hora dos Portugueses”)⁷⁷

“O presidente da comissão de festas realçou a importância que a celebração do divino espírito santo tem para a comunidade”⁷⁸ (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

⁶⁹ Pivô no programa “Hora dos Portugueses”. 1º trimestre de 2016. Disponível em www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 11 de Junho de 2018.]

⁷⁰ Declaração entrevistado. Programa “Hora dos Portugueses”. 3º trimestre de 2016. Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e241866/hora-dos-portugueses. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁷¹ Off da repórter, no programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016. França. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁷² Discurso da repórter. Programa. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

⁷³ Discurso do repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre, França. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁷⁴ Discurso de entrevistado. “Hora dos Portugueses”. 2º trimestre de 2016. Macau Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

⁷⁵ Discurso da repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016, França. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁷⁶ Discurso do repórter. Programa “Hora dos Portugueses”. 3º trimestre de 2016. Venezuela. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e241866/hora-dos-portugueses. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁷⁷ Discurso do pivô. Programa “Hora dos Portugueses”. 4º trimestre de 2016. Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁷⁸ Discurso de repórter. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

“A comunidade portuguesa é relativamente pequena, mas a tendência esta a mudar, existe agora uma nova emigração”⁷⁹ (Repórter, “Notícias do Meu País”)

“(…) Emigrado desta última vez vai agora fazer para 4 anos, mas desde sempre é sempre esta ida e volta (...) já não estava nos meus planos emigrar”. (Entrevistado, “Notícias do Meu País”)⁸⁰

“Vivem mais de 500 mil emigrantes portugueses no Canadá”. (Repórter, “Notícias do Meu País”)⁸¹

“O cônsul de Portugal realçou a importância destas festas em particular para as comunidades portuguesas”⁸² (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

“(…) Dá um forte impulso à coesão das nossas comunidades, bem como, no fortalecimento dos laços com Portugal”⁸³ (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

“(…) fizeram parte do desfile as várias coletividades da região, foi uma demonstração do espírito e da coesão da nossa comunidade”⁸⁴ (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

“Recentemente, o consulado geral de Portugal organizou uma sessão (...)”⁸⁵ (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

Todas estas referências revelam, no nosso entender, que estes programas, neste caso, “Hora dos Portugueses” e “Notícias do meu País” apostam num forte apelo à ligação dos emigrantes a Portugal. As diversas referências ao papel da comunidade revelam que esse é um ponto importante na conexão, entre os emigrantes e Portugal. É nestas comunidades organizadas, sejam associações, cafés, clubes, que essa união é verificada. É também no seio dessas mesmas comunidades que se promovem diversas iniciativas de âmbito cultural e onde se matam saudades.

Categoria Afetividade - Ao português é lhe reconhecia a afetividade, “(...) a afetividade portuguesa revela-se em relação aos parentes, aos amigos e aos vizinhos” (Dias,1986:35). A afetividade é também uma importante prova de afeição a Portugal e, não é por acaso que na aquisição de nacionalidade, até há bem pouco tempo, era requerida a prova de “ligação afetiva”, embora, entretanto, tenha sido dispensada, com a nova lei (lei n.º 37/81, de 03 de Outubro)⁸⁶ mas durante muito tempo era um requisito. Esta é uma característica facilmente

⁷⁹ Discurso do repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 2º trimestre de 2018, China. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e340092/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

⁸⁰ Discurso do entrevistado. Programa “Notícias do Meu País”, 4º trimestre, França. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁸¹ Discurso do repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018, Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁸² Discurso de repórter. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

⁸³ Discurso de repórter. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

⁸⁴ Discurso de repórter. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

⁸⁵ Discurso do repórter. Programa “Hora dos Portugueses”. 4º trimestre 2016, Índia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

⁸⁶ Em termos legais, hoje é desnecessária comprovar a sua ligação efetiva à comunidade portuguesa, cabendo ao Ministério Público, se assim entender, instaurar ação de oposição à aquisição da nacionalidade portuguesa,

identificada na narrativa dos programas analisados. A referência à família e amigos foi uma das que mais menções reuniu em todos os programas, assim como, referências emotivas em relação ao país, a juntar a isto, já neste estudo referimos, que uma das principais razões de emigração são precisamente as relações familiares/afetivas. Assim sendo, são exemplos:

“Criaste aqui a tua família, mas também deixaste uma grande família em Portugal” (Repórter, “Notícias do Meu País”)⁸⁷

“Metade do meu coração está em Portugal, a minha família (...) sinto mesmo muita falta de sentir um abraço de um irmão, da mãe, de um sobrinho é aquilo que me faz mais falta (...)”. (Entrevistada, “Notícias do Meu País”).⁸⁸

“(…) São ainda hoje um importante laço afetivo entre os emigrantes e Portugal.” (Pivô, “Hora dos Portugueses”)⁸⁹

“(…) É inexplicável o que a gente sente em relação ao nosso país”⁹⁰ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Falo todos os dias com a família em Portugal”⁹¹ (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”)

“(…) Sentes sempre falta dos amigos, da família, há sempre aquele aperto”⁹² (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“O meu Portugal sempre no meu coração” (Entrevistado, “Notícias do Meu País”)⁹³

“(…) Agora é pensar na família (...)”⁹⁴ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“O coração bate cá dentro é sempre o meu Portugal”⁹⁵ (Entrevistado, “Notícias do meu País”)

“A tua mãe lembra-se perfeitamente do dia em que partiste”⁹⁶ (Repórter, “Notícias do Meu País”)

“Portugal está no meu coração e vou continuar portuguesa até morrer”⁹⁷ (Entrevistada, “Notícias do meu País”)

devendo, para o efeito, alegar e provar fatos constitutivos da inexistência da ligação efetiva. Informação disponível em: [Acórdão do Supremo Tribunal de Justiça](#). [Acedido em 31 de Julho de 2018.]

⁸⁷Discurso do Repórter do programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016, Itália. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais](#). [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁸⁸ Discurso de uma entrevistada do programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016, Itália. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais](#). [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁸⁹ Discurso do pivô do programa “Hora dos Portugueses”. 1º trimestre de 2016, Canadá. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses](#). [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁹⁰ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 1º trimestre de 2017. Equador. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2493/e267534/portugueses-pelo-mundo](#). [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

⁹¹ Discurso de entrevistado. “Hora dos Portugueses”. 3º trimestre de 2016. Austrália. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2116/e241866/hora-dos-portugueses](#). [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

⁹² Discurso do entrevistado. Programa “Portugueses Pelo Mundo”. 4º trimestre. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2493/e253846/portugueses-pelo-mundo](#). [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

⁹³ Discurso de entrevistado. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016. Itália. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais](#). [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

⁹⁴ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. Letónia. 3º trimestre de 2016. Disponível em: Declaração de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. México. 3º trimestre de 2017. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo](#). [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

⁹⁵ Discurso de entrevistada. “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2017. Alemanha. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2767/e248737/noticias-do-meu-pais](#). [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

⁹⁶ Discurso de entrevistado. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. Canadá. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais>. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

⁹⁷ Discurso de entrevistada. “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2017. Holanda. Disponível em: [www.rtp.pt/play/p2767/e248737/noticias-do-meu-pais](#). [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

“(…) é também o momento que as famílias se juntam (…)”⁹⁸ (Entrevistado “Hora dos Portugueses”)

Categoria Gastronomia - A comida portuguesa é sempre motivo de conversa entre portugueses e é na emigração que ganha outro apreço, relacionada com memórias, origens e com saudades. A gastronomia é uma marca da identidade coletiva e, apesar da riqueza gastronómica que o país oferece, há sempre um elemento consensual: “o bacalhau possui um estatuto único na cozinha portuguesa, pois é ao mesmo tempo um alimento muito frequente no seu receituário e um símbolo da própria identidade nacional. (…)” (Sobral et. al, 2013:619-649). Além-fronteiras, a gastronomia é um dos elos de ligação mais fortes a Portugal; quase por todo o mundo existem restaurantes portugueses. Porém, a par desta vertente comercial, há uma questão pessoal, por isso não é de estranhar que em qualquer casa de emigrantes se fale e confeccione comida portuguesa. Este tópico foi, pois, observado em todos os programas e mencionado por todos os intervenientes. Vejamos alguns exemplos:

“(…) Há certos momentos auge como no natal, que o bacalhau esta três ou quatro vezes aquilo que costuma custar em Portugal, então é mesmo um capricho aqui querer comer o bacalhau”⁹⁹ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“(…)Onde é que vais buscar o bacalhau (….) e os outros ingredientes também são fáceis de encontrar para os pratos portugueses”¹⁰⁰ (Repórter, “Notícias do Meu País”)

“(…) vai ser o nosso jantar, o cozido à madeirense, batata doce, couve flor, e várias partes da carne de porco.”¹⁰¹ (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”)

“O bacalhau temos o nosso fornecedor, que nos fornece (…)”¹⁰² (Entrevistada, “Notícias do Meu País”)

“(…) A minha mãe punha uma mesa com comer, ela fazia pão no forno, bacalhau, grão de bico com batatas, punha ali uma mesa cheia para os homens comerem, os homens que vinham ajudar a matar o porco...era uma tradição”¹⁰³ (Entrevistada, “Hora dos Portugueses”)

“(…) O que sinto mais falta é a comida que nós temos”¹⁰⁴(Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

⁹⁸ Discurso de entrevistado. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p21116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

⁹⁹Discurso de entrevistado. Programa “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2017, México. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

¹⁰⁰Discurso do repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016, Itália. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

¹⁰¹Declaração do entrevistado. Programa “Hora dos Portugueses”. 1º trimestre de 2016, Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p21116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 11 de Junho de 2018.]

¹⁰²Discurso da entrevistada. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016, Itália. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

¹⁰³ Declaração de entrevistada. Programa “Hora dos Portugueses”. 1º trimestre de 2016, Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p21116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 11 de Junho de 2018.]

¹⁰⁴Discurso de entrevistado. Programa “Portugueses Pelo Mundo”. 3º trimestre de 2016, Letónia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e254153/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

“(…) Há uma portuguesa a fazer e a promover o chouriço português” (Pivô, “Hora dos Portugueses”)¹⁰⁵

“Sei que tem saudades de Portugal e sei gosta de bacalhau (…)”¹⁰⁶ (Repórter, “Notícias do meu País”.

“Feito por encomenda é nos clubes e restaurantes lusos onde o chouriço que fabrica é mais solicitado” (Repórter, “Hora dos Portugueses”).¹⁰⁷

“Nada como o café português” (Repórter, “Notícias do Meu País”)¹⁰⁸

“Temos restaurantes com boa carninha, bom peixe e franguinho à portuguesa (…)” (Repórter, “Notícias do Meu País”)¹⁰⁹

“(…) Tu vens aqui por causa do café e da nata (…)”¹¹⁰ (Repórter, “Notícias do Meu País”)

“(…) O cafezinho, o bolinho (…) gostam de cozinhar português”¹¹¹(Repórter, “Notícias do Meu País”)

“O objetivo desta ação é promover a internacionalização dos produtos portugueses agroalimentares, começámos desta vez com o azeite, mas gostaria de trazer outros produtos, nomeadamente, o bacalhau, enchidos e enlatados, para trazer um pouco aqui o mercado da saudade”¹¹² (Entrevistado, “Hora dos Portugueses)

“(…)a gastronomia típica açoriana marcou também presença”¹¹³ (Repórter, “Hora dos Portugueses).

Categoria Identidade e Patriotismo - Esta é a categoria mais inclusiva; apesar de todas as categorias serem intrínsecas umas às outras, nesta considerámos, além do que já foi observado, aquilo que também caracteriza a nossa identidade. Tomamos como exemplo, menções ao “país”, “casa”, “terra natal”, “origens”, “raízes”, “cidadania”, “língua”, “identidade”, “povo português”, “espírito português” “tuga”, “ser português”, “portugalidade”, “orgulho nacional”, “união”, “aventura”, “solidariedade”, “luta”, “aventura”, “patriotismo”, “compatriotas”, referências a símbolos nacionais, referências a datas comemorativas. Em todos os programas analisados foram observadas as mais diversas menções a Portugal com sentido patriótico. Alguns exemplos:

¹⁰⁵Declaração de pivô. Programa “Hora dos Portugueses. 3º trimestre de 2016, Venezuela. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e241866/hora-dos-portugueses. [Acedido em 11 de Junho de 2018.]

¹⁰⁶Discurso do repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016, França. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

¹⁰⁷Declaração de repórter. Programa “Hora dos Portugueses. 3º trimestre de 2016, Venezuela. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e241866/hora-dos-portugueses. [Acedido em 11 de Junho de 2018.]

¹⁰⁸Discurso do repórter. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018, EAU. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁰⁹ Discurso de repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2017, Alemanha. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e248737/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

¹¹⁰ Discurso de repórter. “Notícias do Meu País”. Canadá. 1º trimestre de 2018. Disponível em: 1º trimestre 2018 www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹¹¹ Discurso do Repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹¹² Discurso do entrevistado. Programa “Hora dos Portugueses”. 4º trimestre 2016, Índia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹¹³ Discurso de repórter. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

“A identidade portuguesa esteve em debate em Macau.”¹¹⁴ (Pivô, “Hora dos Portugueses”)

“Respiramos aqui o espírito português (...)”¹¹⁵ (Repórter, “Notícias do Meu País”)

“Antigamente, Portugal identificava-se com três fs, Fátima, Futebol e Fado, hoje em dia identifico Portugal com 3 fs também, mas em inglês *family, friends, food*, ou seja, em português, família, amigos e comida”¹¹⁶(Entrevistado, “Hora dos Portugueses”)

“Vieram à aventura para o Reino unido”¹¹⁷ (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

“(...) Sinto que é uma aventura, talvez por isso tenha sempre orgulho e ao peito Portugal”¹¹⁸ (Entrevistada, “Notícias do Meu País”)

“(...) A minha terra natal sempre”¹¹⁹ (Entrevistada, “Portugueses Pelo Mundo”)

“As minhas origens isso nunca me esqueço (...) os meus pais fizeram muito sacrifício”¹²⁰ (Entrevistado, “Notícias do Meu País”)

“(...) Notícias da sua terra” (Repórter, “Notícias do Meu País”)¹²¹

“Eu acho que sair do país para viver lá fora é transformar um português, num português grande ...é um português que não perdeu o seu patriotismo, é o tal patriotismo que faz falta”¹²² (Entrevistado, “Notícias do Meu País”)

“(...) Nós estamos num ambiente que é muito português (...)”¹²³(Repórter, “Notícias do Meu País”)

“(...) A portugalidade, a amizade e a solidariedade”.¹²⁴ (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”)

“(...) Nós temos um tuga a representar a MBA”¹²⁵ (Repórter, “Notícias do Meu País”)

“Ao volante de camiões nas estradas no Reino Unido, mas sempre ligados a outros compatriotas”¹²⁶ (Pivô, “Hora dos Portugueses”)

¹¹⁴ Discurso do pivô. “Hora dos Portugueses”. Macau. 2º trimestre de 2016. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹¹⁵ Discurso de repórter. “Notícias do Meu País”. Canadá. 1º trimestre de 2018. Disponível em: 1º trimestre 2018 www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹¹⁶ Discurso do entrevistado. Programa “Hora dos Portugueses”. 3º trimestre de 2017, Austrália. Disponível em: www.rtp.pt/play/p3041/e296513/hora-dos-portugueses-diario. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹¹⁷ Discurso do repórter. “Hora dos Portugueses”. Reino Unido. 2º trimestre de 2016. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e230378/hora-dos-portugueses. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹¹⁸ Discurso de entrevistada. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. Canadá. Disponível em: 1º trimestre 2018 www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹¹⁹ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 3º trimestre de 2016. Letónia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e254153/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹²⁰ Discurso de entrevistado. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016, Itália. Disponível: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹²¹ Discurso repórter. Notícias do Meu País. Alemanha. 4º trimestre de 2017. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e248737/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹²² Discurso de entrevistado. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. Canadá. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais>. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹²³ Discurso do Repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹²⁴ Discurso de entrevistado. “Hora dos Portugueses”. Macau. 2º trimestre de 2016. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹²⁵ Discurso do repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 2º trimestre de 2018, China. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e340092/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹²⁶ Discurso do Pivô. Programa “Hora dos Portugueses”. 2º trimestre de 2016. Reino Unido. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

“(…) Afinal é a nossa pátria”¹²⁷ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Ver futebol é uma forma de me sentir próximo do Benfica”¹²⁸ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”, México)

“(…) Quando os alunos visitam Portugal durante o verão, por exemplo em agosto, escolhem primeiro o Museu de Cristiano Ronaldo”¹²⁹ (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”)

“(…) Eles têm uma menção à bandeira de Portugal” (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”¹³⁰)

“Cristiano Ronaldo, ainda há pouco tempo esteve aqui no avião particular dele”¹³¹ (Entrevistado, “Notícias do Meu País”).

“Tiveste mais um concerto, o concerto no dia 10 Junho, Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas o que é que representou para ti estares em Macau num dia tão importante como este em que se celebra Portugal e a língua portuguesa”¹³² (Repórter, “Hora dos Portugueses”, Macau)

“Acho que nós sentimos a nossa bandeira e o nosso Portugal diferente (…)”¹³³ (Entrevistada, “Notícias do Meu País”).

“Fiz uma entrevista ao Sá Carneiro (…)”¹³⁴ (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”)

“Deus quis assim não sei até quando, quando não me aguentar a gente pega no saco e vai embora”¹³⁵ (Entrevistada, “Notícias do Meu País”).

“É estas coisas que eu chamo ser português (…)

“Sinto que lutei pela vida”¹³⁷ (Entrevistado, “Notícias do Meu País”)

“Para combater a solidão os motoristas criaram uma comunidade (…)”¹³⁸(Repórter, “Hora dos Portugueses)

“Foi um trabalho árduo, foi difícil com altos e baixos”¹³⁹ (Entrevistado, “Notícias do Meu País”)

¹²⁷ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 3º trimestre de 2016. Letónia. Disponível em: Declaração de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”.3º trimestre de 2017. México Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹²⁸ Discurso do entrevistado. Programa “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2017. México. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹²⁹Discurso de entrevistado. “Hora dos Portugueses”.1º trimestre de 2017.Macau. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p3041/e266701/hora-dos-portugueses-diario>. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹³⁰ Declaração de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 3º trimestre de 2017. México. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹³¹ Discurso de entrevistada. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. EAU. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais>. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹³² Discurso de repórter. Programa “Hora dos Portugueses”. 3º trimestre de 2017. Macau. Disponível em: www.rtp.pt/play/p3041/e296513/hora-dos-portugueses-diario. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹³³ Discurso de entrevistada. “Notícias do Meu País”.1º trimestre de 2018. Canadá. Disponível em: 1º trimestre 2018 www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹³⁴ Discurso de entrevistado. Programa “Hora dos Portugueses”. 2º trimestre de 2017, EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p3041/e281707/hora-dos-portugueses-diario. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹³⁵ Discurso de entrevistado. “Notícias do Meu País”. 2º trimestre de 2018. EUA Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e340092/noticias-do-meu-pais. . [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹³⁶ Discurso do entrevistado. Programa “Notícias do Meu País”. 2º trimestre de 2018, China. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e340092/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹³⁷Discurso de entrevistado. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2017. Alemanha. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e248737/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹³⁸ Discurso do repórter. “Hora dos Portugueses”. 2º trimestre de 2016. Reino Unido. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e230378/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹³⁹ Discurso de entrevistado. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. EAU.

Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais>. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

(...) Para partilhar também o que é ser português aqui nos EUA”¹⁴⁰ (Entrevistado “Hora dos Portugueses”)

“Eu sou muito mais português pela nossa língua e cultura, mas também muito mais universalista e eu acho que isso é o sentido de ser português”¹⁴¹(Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“A língua portuguesa é a língua que eu me consigo expressar da melhor maneira sem dúvida”¹⁴² (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”, Macau)

“(…) Os emigrantes nos EUA ficaram em choque e decidiram agir mesmo longe quiseram dar o que tinham. José Carlos Brito veio entregar mais de 200 mil dólares para ajudar as vítimas dos incêndios”¹⁴³(Repórter, “Notícias do Meu País”)

“(…)Esta solidariedade entre portugueses é uma questão de cidadania”¹⁴⁴ (Repórter, “Notícias do Meu País”).

“(…) Fomentar a amizade entre compatriotas e tem também uma missão solidária”¹⁴⁵(Pivô, “Hora dos Portugueses”)

“Todos os portugueses são assim é uma questão de interajuda”¹⁴⁶ (Entrevistado, “Notícias do Meu País”)

“(…) Esta camaradagem é visível no primeiro almoço do grupo no estrangeiro, onde há convívio (...) e ajudar quem precisa”¹⁴⁷ (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

“Através destes encontros estes portugueses partilham não só as experiências (...), mas também cultivam a amizade criando um sentimento de comunidade tão importante quando se está fora do país”¹⁴⁸ (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

Categoria Saudade e Nostalgia

Mais do que uma palavra, saudade é um sentimento bem português, não há muito a introduzir sobre a saudade é acima de tudo um sentimento. Ao longo da nossa análise, esta palavra e os sentimentos associados a ela foram mencionados em todos os programas inúmeras vezes. Mais do que uma característica portuguesa é uma forma de estar. Para além da saudade, nesta categoria adicionámos a nostalgia, por esta palavra significar

¹⁴⁰ Discurso de entrevistado. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹⁴¹ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2016. Grécia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e234284/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 19 de Junho de 2018.]

¹⁴² ¹⁴² Discurso de entrevistado. Programa “Hora dos Portugueses”. 3º trimestre de 2017. Macau. Disponível em: www.rtp.pt/play/p3041/e296513/hora-dos-portugueses-diario. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹⁴³ Discurso de repórter. “Notícias do Meu País”. 2º trimestre de 2018. EUA. www.rtp.pt/play/p4363/e340092/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 19 de Junho de 2018.]

¹⁴⁴Discurso de repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016. França. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹⁴⁵ Discurso do pivô. “Hora dos Portugueses”. 2º trimestre de 2016. Reino Unido. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e230378/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁴⁶Discurso do entrevistado. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016. França. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹⁴⁷ Discurso do repórter. “Hora dos Portugueses”. 2º trimestre de 2016. Reino Unido. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e230378/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁴⁸ Discurso do repórter. “Hora dos Portugueses”. 2º trimestre de 2016. Reino Unido. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e230378/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

“tristeza profunda causada por saudades do afastamento da pátria ou da terra natal ou estado melancólico causado pela falta de algo ou de alguém”.¹⁴⁹(Priberam) Desta forma, agrupámos tudo aquilo que está relacionado com “distância” “sentir falta”, vontade de regressar, alusões a “lembranças”, “recordações”, “memórias”. Observem-se alguns exemplos:

“Vamos mandar uma recordação de nós todos para o José (...) para que se recorde sempre da sua aldeia”¹⁵⁰ (Entrevistado, “Notícias do Meu País”)

“(...) agora é pensar na família, lutar e um dia destes regressar ao nosso Portugal que é onde nos sentimos bem que é onde temos a família, afinal a nossa pátria”¹⁵¹ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“(...) Tenho saudades das características do nosso povo”¹⁵² (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Vocês foram sempre as minhas melhores amigas e com que passei os melhores momentos da minha mocidade (...) tenho um carinho muito grande e uma grande recordação do Maria Vitória em Portugal”¹⁵³ (Entrevistada, “Notícias do Meu País”)

“Eu sei que tem saudades de Portugal”¹⁵⁴ (Repórter, “Notícias do Meu País”)

“O que sinto mais falta de Portugal é do meu filho”¹⁵⁵ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“É muito difícil estar longe do país”¹⁵⁶ (Entrevistados, “Portugueses Pelo Mundo”)

“De Portugal trago-lhe aqui alguns objetos, são recordações (...)” (Repórter, “Notícias do Meu País”)¹⁵⁷

“Acabando o curso vou-me embora daqui, talvez Portugal (...)”¹⁵⁸ (Entrevistada, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Eu sinto bastantes saudades das comidas, convivências com a família e amigos (...)”¹⁵⁹ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

¹⁴⁹ Definição disponível em: www.priberam.pt/dlpo/nostalgia. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹⁵⁰ Discurso do entrevistado. “Notícias do Meu País”. 2º trimestre de 2018. EUA. www.rtp.pt/play/p4363/e340092/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 19 de Junho de 2018.]

¹⁵¹ Declaração de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. México. 3º trimestre de 2017. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹⁵² Declaração de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. Especial Turismo. 2º trimestre de 2018. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4677/e348450/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹⁵³ Discurso de entrevistada. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre, Holanda. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e248737/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹⁵⁴ Discurso de repórter. Programa “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2016, França. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹⁵⁵ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2016. Grécia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e234284/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 19 de Junho de 2018.]

¹⁵⁶ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 3º trimestre de 2016. Letónia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e254153/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁵⁷ Discurso repórter. Notícias do Meu País. Alemanha. 4º trimestre de 2017. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e248737/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 17 de Julho de 2018.]

¹⁵⁸ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 3º trimestre de 2016. Letónia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e254153/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁵⁹ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 1º trimestre de 2017. Equador. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e267534/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

“O que eu sinto mais falta sem dúvida é ter perto a minha família e os meus amigos e a comida”¹⁶⁰ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Há saudades particularmente da gastronomia, a família e amigos”¹⁶¹ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Sinto uma enormidade de saudade de Portugal. Sinto saudades dos meus amigos, da minha família, da minha mãe, pai e irmãos. É uma das coisas mais difíceis da vida”¹⁶² (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Sempre com saudades de Portugal”¹⁶³ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“A minha técnica é mais de esquecer, se a gente está a lembrar todos os dias que temos saudades, o coração começa a ficar apertado”¹⁶⁴ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“A distância é muito grande e quero estar mais perto(...) tenho saudades até do chico espertismo português (...) tenho saudades das conversas do tempo, das padarias, de comida claro, sim tenho saudades, mas sobretudo da família e dos amigos, muitas”¹⁶⁵ (Entrevistada, “Portugueses Pelo Mundo”)

“É claro que tenho saudades de Portugal, tenho a minha família lá, os amigos, as nossas coisas que estamos habituados”.¹⁶⁶ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Tenho mais saudades da minha família e da comida”.¹⁶⁷ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Vou sempre com bilhete de ida e volta, a minha ideia é um dia poder voltar às minhas raízes, à minha terra”¹⁶⁸ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“Obviamente que tenho saudades da família e dos amigos, apesar de estar perfeitamente adaptado aqui e de sentir feliz, tenho saudades de todos e das características do nosso povo”¹⁶⁹ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”)

“(…) Recordaram-se aspetos da vida Rural Portuguesa” (Pivô, “Hora dos Portugueses”)¹⁷⁰

“(…)Encurta-se as distâncias da terra, do povo e das tradições ancestrais (...) onde se mataram essencialmente lembranças da aldeia e dos costumes rurais dos antepassados”¹⁷¹ (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

¹⁶⁰Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 1º trimestre de 2017. Equador. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e267534/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁶¹ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2018. Colômbia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4677/e348450/portugueses-pelo-mundo [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁶² Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2017. México. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁶³ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2017. México. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo

¹⁶⁴ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2017. México. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁶⁵ Discurso de entrevistada. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2017. México. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁶⁶ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 3º trimestre de 2017. Chipre. www.rtp.pt/play/p2493/e298482/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁶⁷ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 3º trimestre de 2017. China. www.rtp.pt/play/p2493/e298482/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁶⁸ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 4º trimestre de 2017. Angola. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e309460/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁶⁹ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2018. Perú. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4677/e348450/portugueses-pelo-mundo [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁷⁰ Discurso do pivô. “Hora dos Portugueses”. 1º trimestre de 2016. Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁷¹Discurso do repórter “Hora dos Portugueses”. 1º trimestre de 2016. Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

“Apesar dos sacrifícios estamos longe do nosso país, estamos longe da família”¹⁷² (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”).

“Logicamente que tenho saudades, são muitos anos, tenho as minhas filhas lá”¹⁷³ (Entrevistado, “Notícias do Meu País”).

Categoria Tradição- A tradição, os costumes e a cultura portuguesa, marcam também o discurso geral nos programas analisados. Para quem está noutra país, esse aspeto ganha mais importância e, mais uma vez, existe uma correlação com a memória, o “recordar velhos tempos” a saudade. Por outro lado, é notável orgulho nesses discursos, orgulho naquilo que é nosso e naquilo que nos distingue dos outros povos.

“(…) A missão de divulgar a língua e a cultura portuguesa”¹⁷⁴ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”).

“Isto é um pedacinho de Portugal cá fora, portanto nós mantemos as nossas tradições, a nossa culinária, a nossa cultura. Nós sentimos falta do nosso país, as nossas tradições então queremos mante-las cá fora”¹⁷⁵ (Entrevistado, “Hora dos Portugueses”).

“(…) Tentamos sempre manter a tradição”¹⁷⁶ (Entrevistado, “Portugueses Pelo Mundo”).

“Há quem tenha o Joe como um ótimo embaixador da cultura portuguesa”¹⁷⁷ (Repórter, “Notícias do Meu País”).

“Tenho uma surpresa para ti para ver que aqui no Canadá a gente também vive as nossas tradições” (Entrevistado, “Notícias do Meu País”¹⁷⁸

“Os visitantes tiveram a oportunidade de assistir à atuação de vários grupos musicais e folclóricos, bem como outras atividades culturais e mostra de artesanato”¹⁷⁹ (Repórter, “Hora dos Portugueses”).

“Para um emigrante é fácil perder o contato, das tradições devido à distância e o tempo que estão cá”¹⁸⁰ (Repórter, “Notícias do Meu País”).

“Para nós é muito importante manter estas tradições, manter a nossa língua, a nossa música, a nossa cultura”¹⁸¹ (Entrevistada, “Hora dos Portugueses”).

¹⁷² Discurso de entrevistado. “Hora dos Portugueses”. 2º trimestre de 2016. Reino Unido. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e230378/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁷³ Discurso de entrevistado. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. EUA.

Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais>. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁷⁴ Discurso de entrevistado. “Portugueses Pelo Mundo”. 2º trimestre de 2016. Grécia. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e234284/portugueses-pelo-mundo. [Acedido em 19 de Junho de 2018.]

¹⁷⁵ Discurso de entrevistado. “Hora dos Portugueses”. 1º trimestre de 2016. Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁷⁶ Discurso de entrevistado. Portugueses Pelo Mundo. 4º trimestre de 2016. Malta. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2493/e253846/portugueses-pelo-mundo

¹⁷⁷ Discurso de repórter. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. Canadá.

Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁷⁸ Discurso de entrevistado. “Notícias do Meu País”. 1º trimestre de 2018. Canadá. Disponível em: www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁷⁹ Discurso de repórter. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

¹⁸⁰ Discurso de repórter. “Notícias do Meu País”. 4º trimestre de 2017. Alemanha.

Disponível em: www.rtp.pt/play/p2767/e248737/noticias-do-meu-pais. [Acedido em 18 de Julho de 2018.]

¹⁸¹ Discurso de entrevistado. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

“A continuação deste tipo de tradições religiosas e populares (...)”¹⁸² (Repórter, “Hora dos Portugueses”)

A análise da narrativa e discurso vem corroborar que estes são elementos fundamentais quando se trata do estudo de conteúdos no âmbito dos *media*. Mais do que palavras, a narrativa e o discurso revelam tendências, realidades e crenças. Em todos os programas analisados verificou-se uma acentuada riqueza de conteúdo, suficiente para provar que o meio televisivo português, através dos programas sobre emigração, promove a identidade portuguesa. Estilos editoriais à parte, ficou claro que a identidade coletiva está integrada na realidade da emigração portuguesa. Se recuarmos, ao capítulo - “Ser português” – facilmente, identificamos no discurso de todos os intervenientes dos programas analisados (pivô, repórteres e entrevistados) uma narrativa que vai de encontro daquilo que, com a ajuda dos diversos autores, definimos como sendo o carácter português. Somos afetivos, adaptáveis, saudosos, solidários, aventureiros, fatalistas e orgulhosos no país que temos. Sentimentos de saudade e nostalgia marcaram grande parte do discurso, bem como, recorrentes menções à família e à gastronomia. A questão da identidade atravessa todas as fronteiras físicas e emocionais, a globalização e a sociedade em rede só vieram avultar o sentido patriótico, criando condições para uma maior proliferação desse sentimento. Além do mais, apesar de vivermos numa sociedade global, temos uma história, enquanto povo, que está enraizada na nossa própria história. Os *media* como construtores da realidade, desempenham aqui um papel indispensável na promoção da identidade coletiva, como amplificadores e influenciadores e basta existirem programas de emigração para que essa identidade coletiva ganhe um veículo eficaz e condensador daquilo que é o “espírito português”. Pois, se há comunidade permeável, ao que se entende por ser português, é a emigrante. Viver distante do país é uma característica catalisadora do sentimento patriótico típico da identidade coletiva. E, neste ponto, não há novos e velhos emigrantes, há portugueses que sentem nas veias o que é ser português, independentemente, da sua forma de estar na emigração, há características que não se extinguem, apenas são vividas e experienciadas de forma diferente, mas a essência, essa continua lá.

¹⁸² Discurso de repórter. Programa “Hora dos Portugueses” 4º trimestre 2016. EUA. Disponível em: www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses. [Acedido em 20 de Julho de 2018.]

7. CONCLUSÕES

A globalização trouxe-nos novas formas de comunicar e de estar no mundo. A sociedade contemporânea é dominada pela tecnologia e a informação chega-nos por diversos meios e instantaneamente. Vivemos numa sociedade em rede, onde os *media* têm um papel crucial como definidores e construtores da realidade, orientando e estruturando as nossas opiniões. Dentro deste novo paradigma, a sociedade em rede é a responsável pela nova experiência enquanto seres coletivos, o mundo já não é o que era e a transformação está numa marcha constante. Se, por um lado, o avanço tecnológico trouxe mudanças positivas, por outro persiste uma tendência em manter determinados dogmas da antiga sociedade, numa resistência à mudança, por parte de pessoas, comunidades e estados. Não obstante, também diferentes movimentos surgem, novas comunidades e novos modos de estar, fruto da época actual; todos fazemos a sociedade, por isso, a renovação será sempre uma característica mundana. Conquanto, a transformação não significa romper, totalmente, com o passado, o que acontece é que a bagagem dos valores da cultura e tradição coletivas não é facilmente abandonada. A identidade de um país não é, nem pode ser, uma entidade estática, apenas ganha diferentes expressividades sem perder o seu carácter. As linhas que a história escreveu são a génese da biografia de um povo e esse elemento será sempre o farol da identidade de uma nação. Portugal é um país de emigrantes; mais de dois milhões vivem espalhados por todo o mundo, e, arriscamo-nos a dizer que não há continente em que não se oiça a língua portuguesa. Aliás, após a nossa investigação, podemos dizer que esse é o primeiro rastro de identidade que os portugueses deixam por onde passam. Numa perspetiva geral, a questão fonética, mais precisamente o sotaque, é o grande exemplo de como a ligação à terra, onde se nasceu, é a grande expressão da identidade coletiva na emigração. Não é relevante se vivem nos EUA, na Austrália ou Venezuela: o sotaque é o mesmo, desde o dia em que saíram de Portugal, seja há 1 ano ou há mais de 40. Recordemos que a nossa investigação recaiu sobre programas de televisão, emitidos pela estação pública, sobre a temática da emigração. O meio televisivo é um meio poderoso no processo de construção de realidade e influente na comunidade emigrante que, através da televisão, cultiva a proximidade com Portugal. Nas palavras de James Curran, “os media, nomeadamente a televisão, fornecem um sentimento de pertença, encorajado pelas imagens simbólicas de unidade e identidade nacional” (Curran, 1996:127). Conhecer o paradigma construtivista (as notícias são uma construção social da realidade) levou-nos à compreensão de que os *media* não são refletores da realidade, antes produzem uma construção da realidade regida por normas editoriais, políticas, crenças e até tendências sociais, trata-se de um processo complexo, como observámos. Este é, contudo, um importante alicerce para esta investigação, pois ao estabelecermos uma correlação com

o meio televisivo, depreendermos que os programas de televisão analisados traçam uma distinta realidade da emigração portuguesa. Tendo em conta esta perceção, é nossa intenção contribuir para um maior conhecimento do meio televisivo nacional e o modo como é representada a emigração. Assim, remetendo-nos ao nosso objetivo de investigação – conhecer e compreender os conteúdos produzidos pelos *media* televisivos portugueses sobre a emigração - observámos três programas de televisão da RTP, numa análise trimestral relativa aos anos 2016, 2017 e 2018. A nossa estratégia de investigação passou pela utilização de métodos qualitativos e quantitativos que incluíram a análise de conteúdo, por esta técnica “(...) incidir sobre comunicações de formas muito diversas (textos literários, programas televisivos ou radiofónicos, filmes, relatórios de entrevistas, mensagens não verbais, conjuntos decorativos etc. (...).” (Quivy & Van Campenhoudt, 2005: 226). A esta técnica aplicámos pressupostos e hipóteses que asseguram a construção de uma observação em função da pergunta de partida: Que representação é feita dos emigrantes portugueses nos programas sobre emigração emitidos na televisão portuguesa? Posto isto, partimos para este estudo com três hipóteses que estamos agora em condições de refutar ou não: 1ª hipótese - Os *media* televisivos têm opções editoriais diferentes no que respeita a conteúdos sobre a emigração portuguesa; 2ª hipótese- Os *media* mostram uma realidade da emigração portuguesa assente no percurso de vida do emigrantes; 3ª hipótese - Os *media* promovem a identidade portuguesa através dos conteúdos para emigrantes. Partindo da 1ª hipótese - Os *media* televisivos têm opções editoriais diferentes no que respeita a conteúdos sobre a emigração portuguesa. No final do nosso estudo comprovou-se que os três programas têm opções editoriais distintas. Deste modo, o programa “Hora dos Portugueses” (RTP Internacional) apresenta várias diferenças comparativamente aos demais analisados, não só pela estrutura que exhibe, (estúdio, pivô, peças e estilo informativo), como ao nível do objetivo editorial. O público alvo deste programa são os emigrantes e não o público em geral, o horário (madrugada) e o facto de ser um produto da RTP Internacional, dá-nos a segurança suficiente para poder afirmar isto, numa primeira conclusão. No que respeita à linha editorial informativa/institucional, este programa está intimamente ligado às comunidades, 33 peças foram analisadas e todas elas apresentaram temáticas relacionadas com as comunidades, o mesmo se registou em relação aos “cargos/profissões”, sendo o maior destaque, a categoria “empresários” e cargos ligados às comunidades ou ao estado. A nível geográfico, registaram-se peças oriundas de diversas comunidades e mais do que uma vez. Todavia, é nos EUA que ganha a sua maior expressividade, onde, das 33 peças, 11 são sobre a comunidade portuguesa nos EUA, o que pode ser justificado, quer pela dimensão, quer pela antiguidade, já que, é nos EUA que se concentra uma das maiores comunidades portuguesas de emigrantes. No que toca à narrativa e discurso, este programa revelou um número superior de referências ligadas às comunidades sem, no entanto, deixar de ter um discurso voltado

para Portugal e incitador do “espírito português”. Menções à cultura, tradição, ao sacrifício, recordações, saudade, bem como, citações diretas à emigração, dominaram o discurso. De notar que não foi observada emoção no discurso dos entrevistados, apenas alguma melancolia em certos momentos. Este é, sem dúvida, um programa feito por emigrantes e para emigrantes. Tendo em conta os conteúdos, o público-geral não terá interesse neste programa, por ser demasiado institucional e virado para a realidade das comunidades. Recolhida toda a informação e considerando as ilações a que chegámos, verificámos que a RTP é apenas o meio de transmissão, não tendo qualquer influência no conteúdo, exceto no empréstimo de um pivô do canal que confere ao programa a credibilidade expectável daquela que é a estação pública. Ao observarmos o programa, notamos, contudo, algum amadorismo, incomum ao tipo de programas que a estação pública habitualmente oferece ao espetador. Apesar de categorizado como informação pela RTP, neste programa, observa-se uma inexistência, quase geral, do domínio de regras básicas jornalísticas, nomeadamente, em termos técnicos na produção e realização de uma peça jornalística, o que se verificou, a nível da edição, da colocação de voz, da construção narrativa, das perguntas colocadas e da postura dos repórteres perante a câmara, são aspetos reveladores disso mesmo. A acrescentar a isto, os profissionais que conduzem as entrevistas nem sempre são jornalistas. Exemplo disso é, num dos programas, uma das peças apresentada ser assinada por uma pessoa que ocupa um cargo com ligações ao consulado (conselheiro comunitário), o que vai, claramente, contra as regras da profissão, naquilo que é considerado incompatibilidade de funções. Fica latente a ideia que qualquer pessoa, qualificada ou não, em posse de um microfone e de uma câmara poder desempenhar o papel de jornalista, erradamente, na nossa opinião, pois não só descredibiliza o trabalho de quem é profissional da área, como revela pouco ou nenhuma exigência por parte da RTP ao permitir que isso aconteça. Isto também pode acontecer por questões orçamentais: tratando-se de produção externa, nesses casos, quase sempre os orçamentos são magros, logo não pode haver uma garantia de qualidade. Este programa apenas existe porque tem de existir, trata-se de uma obrigação a nível programático da estação, mas cujo conteúdo e forma como é produzido não é preocupação da RTP. Apresentamos duas leituras possíveis para esta situação. Em primeiro lugar, poderá ser um ato de altruísmo da estação pública, que, ao “emprestar” o seu espaço às comunidades emigrantes, permite a divulgação em massa das atividades e gentes dessas comunidades. Por outro lado, poderá persistir o dever de informar e de dar voz aos emigrantes, não importando o conteúdo e a forma como é tratado. Levantam-se aqui algumas questões, nomeadamente, ao nível do tratamento do espetador. Serão os emigrantes considerados espetadores de segunda categoria? Este programa pode ser comparado a um programa emitido num canal comunitário, a diferença é que a RTP confere a credibilidade e a massificação que os meios comunitários não atingem e, apenas à distância de um comando,

temos um conteúdo comunitário aberto, na televisão pública. Este programa pode bem ser uma representação daquilo que é difundido por muitos dos meios existentes nas comunidades, promovem-se negócios, atividades, associações e pessoas. Ou será intenção da estação pública promover a identidade nacional?

“Os meios de comunicação criados e geridos pelas comunidades imigrantes e cuja produção se dirige a essas comunidades contribuem para a construção de um retrato identitário da diáspora nos seus países de acolhimento, poderão estes meios contribuir para a perpetuação ou a correção de determinados estereótipos que se cristalizaram ao longo do tempo? O objetivo deste género mediático é capacitar as comunidades que representam de autonomia identitária e representativa, contribuindo para o conhecimento sobre o mundo da imigração enquanto conquistam território aos meios tradicionais nesse campo da auto-representação” (Alves, 2007:23)

Oposto à “Hora dos Portugueses”, o programa “Portugueses Pelo Mundo” (RTP1) não registou qualquer referência a comunidades, apresentando, uma linha editorial definida como documentário/entretenimento e confirmando a demanda da 1ª hipótese - Os *media* televisivos têm opções editoriais diferentes no que respeita a conteúdos sobre a emigração portuguesa. Nos “Portugueses Pelo Mundo” contam-se histórias sobre a emigração portuguesa mais recente, num género de cruzamento, entre o documental e um programa de viagens, sem perder a linha do entretenimento. A nível geográfico, cada emissão passou por um país diferente e, na sua maioria, territórios onde tradicionalmente a emigração portuguesa não tem história (como é o caso do Perú, Equador, Colômbia). Por si só, este já é um forte indicativo de que o programa pretende fugir ao protótipo da emigração tradicional, dando lugar ao retrato da nova emigração. Todas as emissões apresentam um modo “cool” de estar, com pouco espaço de manobra para o sentimentalismo. O objetivo é claro, mostrar os países onde vivem os novos emigrantes, sem falar obrigatoriamente em emigração: a linguagem é dominada por termos escapatórios, como por exemplo, os portugueses que “vivem fora”. Existem, no entanto, no guião, perguntas que nos dão informação sobre o percurso do emigrante, como por exemplo, há quantos anos saiu do país ou as razões e as vantagens de viver fora. Raramente são focados os aspetos negativos da sua emigração e quando acontece é em termos comparativos a Portugal, “aqui é mais caro”, “as pessoas são diferentes”. Há uma imagem latente preconizada por este programa, os emigrantes aqui representados, vivem fora e estão felizes por isso, conhecem bem as cidades onde vivem, os pontos turísticos, falam das características do país, falam a língua, saem à noite e têm atividades de lazer. Ou seja, estão integrados e, muitos deles, quando se fala em regresso não o pretendem fazer. Contudo, a análise da narrativa e discurso revelou que, mesmo tratando-se da nova

emigração, ao nível do discurso verificaram-se diversas referências à identidade portuguesa, embora, em menor escala, comparativamente, aos outros programas analisados. Ainda assim, os emigrantes retratados por este programa, referiram saudades de Portugal, sobretudo, da família, amigos e comida, existiram também, menções a alguns símbolos nacionais, como o futebol “Benfica” ou a cerveja “sagres”. Este programa é a antítese da emigração tradicional e com tudo o que isso acarreta, os seus entrevistados são na maioria jovens, profissionais qualificados, que escolheram emigrar e valorizam a experiência de estar fora. Este é um programa sobre emigrantes para o público-geral, onde se pretende também mostrar que os novos emigrantes vivem a emigração de um modo positivo. A edição do programa, vai ao encontro de tudo isto, a música é frenética, as imagens das cidades e das gentes sobrepõem-se à imagem do entrevistado, que quando surge na imagem, quase sempre é em plano aberto, no meio das cidades, das pessoas, ou em locais turísticos, o que reforça a ideia de integração sugerida pelo programa. O programa “Notícias do Meu País” também confirma a primeira hipótese, pois apresenta uma linha editorial distinta, assente na linha do entretenimento e toda a narrativa faz jus a isso mesmo. Com o foco nas histórias de vida, há um apelo constante à emoção, seja através do discurso dos repórteres, dos entrevistados e até da edição e, respondendo à 2ª hipótese - Os *media* mostram uma realidade da emigração portuguesa assente no percurso de vida do emigrante - este é o único programa analisado, onde essa hipótese foi verificada. As histórias de vida dos emigrantes são o fio condutor para um retrato da emigração, por sua vez, penoso e saudoso. No patamar do sensacionalismo, desde as perguntas realizadas, a forma como se coloca a voz, a música de fundo, são aspetos todos eles fabricados com o objetivo de causar sensação. No que se refere, às alusões a nível do discurso, todos os intervenientes, repórteres e entrevistados expressaram-se em relação à identidade portuguesa nos seus discursos, com o acréscimo da existência de uma melancolia e nostalgia perseverante, refletindo uma ideia de uma emigração mais difícil. A saudade, referências às tradições, família, recordações, menções ao sacrifício e à tristeza de estar longe. Podemos dizer que este programa condensa a nível do discurso tudo aquilo que também representa Portugal. A própria narrativa do programa, onde a primeira parte é focada na vida do emigrante, antes de emigrar, buscando a família, revelando sítios e lugares com significado para o entrevistado é demonstrativo da taciturnidade acerca da emigração que o programa, a nosso ver, pretende transmitir. Neste caso, é um conteúdo feito para as audiências, com o objetivo de atingir o grande público. O próprio horário do programa é revelador disso mesmo, ou seja, o programa vai para o ar no horário nobre, precisamente onde há mais pessoas a ver televisão. Para fechar, o fato dos repórteres (apresentadores) serem caras conhecidas ajudam não só no atingir de audiências, como são um veículo eficaz na partilha das histórias de vida, por serem populares, isso gera um sentimento de proximidade e de cumplicidade necessários para ir ao coração. A nível

geográfico, a representação das comunidades portuguesas é uma das preocupações deste programa, por esse motivo, verificou-se que, na maioria das vezes, as histórias relatadas são oriundas de países onde a emigração portuguesa é uma realidade há décadas. É o caso de França, Alemanha, Canadá o que acrescenta conteúdo às peças, no sentido em que há sempre uma parte dedicada a mostrar a comunidade, uma associação ou uma atividade. Nesse momento, a identidade coletiva ganha uma dimensão colossal, onde grupos de portugueses cantam Portugal, ou se deliciam à volta de uma mesa de bacalhau, personificando deste modo o “espírito português”. Apesar das diferenças e motivos de emigração, todos estes programas confirmam a 3ª hipótese - Os *media* promovem a identidade portuguesa através dos conteúdos para emigrantes. Todos os intervenientes partilham de uma identidade coletiva, são unânimes na ligação que mantêm com Portugal, a família e a comida são aquilo que mais sentem saudades, mas também se verificou a menção aos símbolos nacionais, nomeadamente aos novos símbolos. “Cristiano Ronaldo” foi referido diversas vezes, o que revela que a identidade coletiva é algo dinâmico que o tempo também transforma, consoante a realidade em que vivemos. Estes programas promovem a identidade coletiva portuguesa, o que prova que haverá sempre um lugar comum a todos os portugueses, a alma portuguesa que não se explica, sente-se.

Em suma, os três programas retratam três distintas realidades de emigração: a “Hora dos Portugueses” remete para uma emigração mais tradicional e institucional; os “Portugueses Pelo Mundo” retratam a nova emigração e mais positiva e as “Notícias do Meu País” retratam uma emigração árdua e sofrida. O espetador tem, assim, acesso a três realidades diferentes oferecidas pela estação pública. Os meios de comunicação possuem este poder, de traçar e construir realidades. A aceitação ou não de cada uma delas depende das próprias identificações de cada um: uma pessoa mais positiva irá apreciar mais um programa, mas se é mais nostálgica irá preferir outro. Este é o poder que os *media* e, em particular a televisão, têm e, se “no passado, a identidade era um obstáculo à comunicação, hoje é a sua condição”. (Wolton, 1999, 65-68). Mas será que estes programas seguem a tendência da emigração portuguesa? Será que versam sobretudo sobre países que estão a ser mais procurados pelos portugueses? No geral, a nível geográfico é importante referir que este ponto de análise é também revelador da imagem que cada um dos programas pretende traçar da emigração. A “Hora dos Portugueses” com a bandeira editorial firmada nas comunidades, a nível geográfico apresentou maior incidência nos destinos tradicionais da emigração portuguesa, EUA, Austrália, França, Alemanha, Reino Unido, Venezuela, Canadá e ainda dá lugar a uma representação das ex colónias ou territórios com ligação a Portugal, como Macau ou Índia. Já os “Portugueses Pelo Mundo” apostam nos destinos mais recentes procurados pela nova emigração portuguesa, como a América latina, Ásia e uma Europa menos procurada pela emigração portuguesa. As “Notícias do Meu País” vão ao encontro da emigração

tradicional com passagem por França, Alemanha, Canadá, mas também em territórios menos populares, entre os emigrantes portugueses, como os Emirados Árabes Unidos ou a China, embora em menor escala. Porém, não deixa de ser interessante que a Suíça, o Luxemburgo, a Bélgica, destinos tão procurados pela emigração portuguesa, não tenham sido representados por estes programas. Segundo, dados do Observatório da Emigração relativos à Suíça, em 2016 entraram naquele território 10,123 mil portugueses, menos 2,202 do que no ano anterior, sendo “o terceiro ano consecutivo em que a emigração para a Suíça diminuiu significativamente: -24% em 2014, -19% em 2015 e -18% em 2016. Assim, esta tendência recessiva continuou a traduzir-se numa perda relativa de importância da imigração portuguesa (...)”. Já no que concerne ao Luxemburgo, segundo os dados do “Portail des Statistiques du Luxembourg”, avançados pelo Observatório da Emigração, em 2017, entraram naquele país 3,342 mil portugueses. O Instituto de Estatística luxemburguês contabilizou um total de 24,379 entradas de estrangeiros no território, representando os portugueses 13.7% desse total¹⁸³ (Observatório da emigração). No caso da Bélgica, segundo dados da OCDE, em 2014, entraram na Bélgica 3,594 portugueses, registando-se uma “uma inversão clara da tendência dos últimos anos, registando-se uma descida bastante acentuada: -17% em comparação com 2013”¹⁸⁴ (Observatório da emigração). Estes dados significam que os novos emigrantes procuram novos destinos de emigração, em detrimento dos tradicionais e onde existem gigantescas comunidades portuguesas.

Numa outra perspetiva, o fator distância pode influenciar a perda de interesse na participação neste tipo de programas, por parte dos emigrantes, já que são geograficamente mais próximos de Portugal. E, se há alguns anos, a distância era um fator de separação, entre o país de origem e o de acolhimento, nos dias de hoje a realidade é outra, a liberalização do transporte aéreo, de bens e passageiros na Europa veio facilitar este processo. Verificámos ainda que, nestes programas os protagonistas pertencem, sobretudo, à nova emigração, pois a maioria dos emigrantes retratados por estes programas situam-se na faixa etária dos 21 aos 30 anos e dos 31 aos 40 e estão emigrados há entre 1 e 5 anos. Saíram de Portugal, maioritariamente, por questões familiares/ afetivas ou devido a propostas de trabalho, desempenham as mais diversas atividades profissionais, são empresários, desportistas e artistas, estão espalhados pelo mundo e a adaptação ao novo país foi fácil e uma grande parte não pretende regressar. Esta conclusão pode ter várias leituras; uma primeira, é que os portugueses são competitivos e ambiciosos a nível profissional e por isso são as novas

¹⁸³“Número de entradas de portugueses no Luxemburgo diminuiu em 2017”. Observatório da emigração. Disponível em: observatorioemigracao.pt/hp4/6078.html. [Acedido a 12 de Julho de 2018].

¹⁸⁴ “Emigração para a Suíça volta a diminuir acentuadamente em 2017”. Observatório da Emigração. Disponível em: observatorioemigracao.pt/. [Acedido a 12 de Julho de 2018].

oportunidades profissionais que os movem a sair do Portugal. Por outro lado, o empreendedorismo, característica portuguesa, é exportado para o estrangeiro, dado que há uma parte dos portugueses que emigram que criam empresas, isto confirma, o espírito empreendedor reconhecido ao povo português, a capacidade de criar e liderar. Relativamente, às profissões ligadas às artes de espetáculo, os artistas portugueses encontram na emigração a oportunidade de viver da sua arte com menos dificuldades.

A emigração pode ainda ser observada como um produto cultural numa sociedade globalizada e isso ajuda, de certo modo, a uma visão sobre os *media* e de como estes têm acompanhado a emigração portuguesa. Os *media* são um reflexo da abertura do mundo a outros mundos e uma expressão da diáspora que se constituiu num espaço novo sem esquecer as origens enquanto comunidade identitária. (Alves, 2017:79-80) Esta abertura do mundo, aliada ao sentimento de proximidade existente na própria diáspora, seja por laços familiares, afetivos e sociais, implica uma redefinição dentro do espaço mediático, mais propriamente, do relacionamento entre o conteúdo mediático e o público-alvo. Assim, os conteúdos devem ser pensados para além da representatividade, devem ser, sobretudo, um reflexo da comunidade emigrante, como se de um espelho se tratasse e menos num papel de ativação de comunicação. Podemos afirmar que a emigração está, de facto, representada de formas diferentes na estação pública de televisão, já que nos restantes *media* nacionais não existem programas dedicados aos emigrantes. Aquilo que o nosso estudo apurou coaduna-se com os pressupostos teóricos apresentados e leva-nos a catalogar diversas questões. Que representação da emigração está a ser produzida pelos *media* televisivos, quando aquilo que observamos é a existência de realidades diferentes da emigração? Que imagens da emigração estão estes mesmos meios a reproduzir e que representação social está a ser construída, quando a realidade que nos é apresentada surge de forma fragmentada? Que posição crítica podem os cidadãos ter se cada programa traça uma imagem diferente? Deixando algumas indicações para futuras investigações, não poderíamos deixar de mencionar que a escolha do meio televisivo foi uma opção nossa porque julgámos que seria aquele que nos poderia dar respostas à nossa pesquisa. E, apesar de reconhecermos que os novos *media* têm um lugar de destaque na atual sociedade, embora não tenha sido esse o nosso caminho, temos a plena consciência de que seria bastante interessante complementar os dados recolhidos com a análise de conteúdo de programas de rádio ou mesmo com projetos *on line* que possam existir sobre emigração.

BIBLIOGRAFIA

- Alves Costa, Teresa. (2015). Rádio, cultura e diáspora: Portugal e Brasil no espaço lusófono da rádio. Disponível em: [Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho](#). [Acedido 13 de março de 2018].
- Alves, Ana Teresa Pintassilgo da Costa. (2017). Os sons da Lusofonia: contextos multiculturais do serviço público de rádio em Portugal e no Brasil. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt>. [Acedido em 4 de Maio de 2018].
- Amorim, Aluísio Batista de. (2001). *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Editora Insular
- Antunes, Manuel. (2011). Repensar Portugal. Disponível em: <https://www.lusosofia.net>. [Acedido a 03 de Abril de 2018].
- Baptista Macedo, Jefferson. (2016). Teorias clássicas da Sociologia: Contribuições de Durkheim, Weber e Marx para o pensamento sociológico. Disponível em <https://www.researchgate.net/>. [Acedido a 03 de Abril de 2018].
- Barbosa, Mariana Araújo. 31 de Agosto, 2012 in “Dinheiro Vivo”. Disponível em www.dinheirovivo.pt/fazedores/mercado-da-saudade. [Acedido a 12 de Abril de 2018].
- Becker, S. Howard. (1994). *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Editora Hucitec.
- Bonixe, Luís. (2014). O local como especialização – as rádios locais portuguesas enquanto espaço para a comunicação de proximidade. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/>. [Acedido a 28 de Maio de 2018].
- Bonixe, Luís. (2015). A territorialização da informação: uma análise do jornalismo nas rádios locais portuguesas. in Revista Novos Olhares. Pp. 67-80. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/>. [Acedido a 03 de Maio de 2018.]
- Bonixe, Luís. (2017). “As rádios locais portuguesas na transição para a internet”, in Jerónimo, P. (org) “Media e Jornalismo de Proximidade na Era Digital”. Coleção LabCom Books. Pp.47-86 Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt> [Acedido a 23 de Abril de 2018.]
- Bourdieu, Pierre. (1997). *Sobre a Televisão*. Celta Editores, Oeiras.
- Brandão, Nuno Goulart. (2002). *O Espetáculo das Notícias*. Editorial Notícias.
- Cádima, Francisco Rui. (1999). *Desafios dos Novos Media - A nova ordem política e Comunicacional*. Editorial Notícias.

- Camponez, Carlos. (2012). Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo, *in* Correia, João Carlos (Org.). Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades. Coleção LabCom Books. Pp.35-48 Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/>. [Acedido a 26 de Abril de 2018.]
- Campos, Dulce. (S/D). A Identidade de Freud. Disponível em: www.interseccaopsicanalitica.com.br/. [Acedido a 25 de Abril de 2018].
- Cardoso, Gustavo. (2006). *Os media na sociedade em rede*. Lisboa Gulbenkian.
- Castells, Manuel. (1999b). *O poder da Identidade*. Volume 2. Editora Paz e Terra. Capítulo1. Pp.21-84
- Castells, Manuel. (2005). A sociedade em rede, *in* Cardoso, Gustavo; Conceição, Cristina Palma; Costa, António Firmino e Gomes, Maria do Carmo (orgs.) “A sociedade em rede em Portugal”. Campo das Letras. Pp. 19.
- Ciampa, António da Costa. (1977). “A Identidade Social e a sua Relação com a Ideologia”. EDUC - Editora da PUC-SP. Pp.241-242.
- Curran, James. (1996). *Rethinking Mass Communications*, *in* Cultural Studies and Communications. Arnold, London.
- Deacon, et al (1984). “Researching Communications”. London & New York. Capítulo 11.
- Dias, Jorge (1986), *Os Elementos fundamentais da cultura portuguesa*. Casa da Moeda.
- Domingos Monteiro. (1944) *Paisagem Social Portuguesa*. Editora Educação Nacional, Porto.
- Durkheim, Émile. (2007) *As Regras do Método Sociológico*. Editora Martins Fortes, São Paulo.
- Fontcuberta, Mar de. (2002). *A Notícia*. Notícias editorial.
- Freund, Julien. (1987). *A sociologia de Max Weber*. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. 4ª Edição. Editora Forense Universitária.
- Garcia, Xosé López. (2017). Realidade e Desafios do Ciberjornalismo de Proximidade, *in* Jerónimo, P. (org) Media e Jornalismo de Proximidade na Era Digital. Coleção LabCom Books. Pp.120 Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/>. [Acedido a 20 de maio de 2018]
- Giddens, Anthony. (2002). *Modernidade e Identidade*. Editora Zahar.
- Gil, José. 2009. *Em busca da Identidade*. Editora Relógio D'Água.
- Gouveia, Luís Manuel Borges. (2004). Notas de contribuição para uma definição operacional. Disponível em: <http://homepage.ufp.pt/>. [Acedido a 15 de Maio de 2018].

Hall, S. et al. (1993). *A Produção Social Das Notícias: O Mugging nos Media* (pp. 224-248). In Traquina, N. (Org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Editora Vega. Lisboa (Original publicado em 1978).

Herculano, Selene. (2002/2007). "Metodologias das Ciências Sociais". Disponível em: [Metodologia-Das-Ciencias-Sociais](#). [Acedido a 15 de junho de 2018].

<http://observatorioemigracao.pt>

Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade. (1991) *Fundamentos de metodologia científica*. Editora Atlas

Lemos, Ana Cristina Duarte Martins de. (1999). Redescobrir Domingos Monteiro: visitar a paisagem social portuguesa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/>. [Acedido a 27 de Março de 2018].

Lourenço, Eduardo (1992). *Labirinto da Saudade*. Publicações Dom Quixote. 5ª edição.

Lourenço, Eduardo. (1988). *Nós e a Europa ou as duas razões*. Coleção Temas portugueses.

Magalhães, M. (2014). Representação nacional e hiperidentidade in *Público*, 22/2/2014. Disponível em: <http://www.publico.pt/>. [Acedido a 27 de Março de 2018].

Marinho, Maria de Fátima. (1999). *O Romance histórico em Portugal*. Editora Campo das Letras.

Mattoso, J. (1998). *A identidade nacional*. Editora Gradiva.

Mattoso, José (2015), *Identificação de um País*. Círculo de Leitores.

McLuhan, Marshall. (1964). *Understanding Media The extensions of man*. Editora London & New York

Monteiro, Domingues. (1944). *Paisagem Social Portuguesa*. Editora Educação Nacional, Porto

Moura, Fernando. (2010). Contato com a origem: "A Hora da Saudade". Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/>. [Acedido a 03 de Maio de 2018.]

Oliveira, Nuno Jorge. (2007). "Manual de Jornalismo de Televisão". Edição Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (Cenjor).

Pascoaes, Teixeira de. (1978). *A Arte de Ser Português*, Edições Roger Delraux.

Piedade, Ana Nascimento. (2011). Contornos da «Preocupação por Portugal» No ensaísmo de Eduardo Lourenço. Universidade Aberta de Lisboa. Disponível em: ler.letras.up.pt/. [Acedido em 26 de março de 2018.]

Pinto, Jorge Ricardo. 11 de junho, 2009. O que é ser português? In Expresso. Disponível em:

Poster, Mark. 1999. *A Segunda Era dos Media*. Celta Editora

Quivy, R. & Van Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 4ª Edição. Editora Gradiva.

Ramos, Fernão Pessoa. (2008). *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* Editora Senac. São Paulo

Santos, Boaventura de Souza. (2003) *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4ª Ed. Editora Graal.

Santos, Milton. (2008). *Por uma Outra Globalização do Pensamento único à Consciência Universal*. Editora Record.

Saperas, Enric. (1993). *Os Efeitos cognitivos da Comunicação de Massas*. 1ª edição. Edições Asa

Schudson, M. (2003). *The Sociology of News*. Editora Norton&Company.

Silva, A. S. & Pinto, J. M. (Orgs.). (1990). *Metodologia das Ciências Sociais*. 4º Ed. Edições Afrontamento.

Silva, A. S. & Ribeiro, M. J. (2013). Serviço público de Comunicação Social como recurso da política cultural – A experiência portuguesa, 2002-2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

Simão, João & Fernandes, Nuno. (2007). Manual do Jornalismo Televisivo. Disponível em: comunicamos.files.wordpress.com/utadtv-manual3.pdf. [Acedido a 11 de Julho de 2018].

Sobral, José Manuel e Rodrigues, Patrícia. (2013). “O “fiel amigo”: o bacalhau e a identidade portuguesa”. Disponível em: <https://journals.openedition.org/>. [Acedido em 16 de Julho de 2018.]

Sousa, Vítor. (2014a.) O Equívoco da Portugalidade. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt>. [Acedido a 6 de Abril de 2018].

Sousa, Vítor. (2014b). O filme “A Gaiola Dourada”: Reflexões sobre o regresso em força da emigração portuguesa e a ‘portugalidade’ de uma gaiola (cada vez menos) dourada. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/>. [Acedido 11 de março de 2018].

Sousa, Vítor. (2017). O Estado Novo, a cunhagem da palavra “portugalidade” e as tentativas da sua reabilitação na atualidade. Disponível em: ojs.labcom-ifp.ubi.pt. [Acedido 02 de março de 2018].

Traquina, Nelson (2007). *O que é Jornalismo*. Editora Quimera

Traquina, Nelson, Org. (1999. *Jornalismo*), *Teorias e estórias*. 2ª edição. Editora Vega.

Vala, Jorge. (1990). A Análise de Conteúdo. Capítulo IV Pp:102-126. In Silva, A. S. & Pinto, J. M. (Orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. 4º Ed. Edições Afrontamento.

Weber, Max. (1998) *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4ª Ed. Editora UNB

Weber, Max.(s/a) “Metodologia das Ciências Sociais”. Cortez editora. 2ª edição.

Wolf, Mauro. 2002. *Teorias da Comunicação*. Editorial Presença.

Wolton, Dominique (1994), *Elogio do Grande Público - uma teoria crítica da televisão*. Edições Asa

Wolton, Dominique (1999). *Pensar a Comunicação*. Editora Difel

Wolton, Dominique (2000), *E depois da Internet*. Editora Difel

EMISSÕES DOS PROGRAMAS ANALISADOS

Hora dos Portugueses

<https://www.rtp.pt/play/p2116/e219391/hora-dos-portugueses>
<https://www.rtp.pt/play/p2116/e230378/hora-dos-portugueses>
<https://www.rtp.pt/play/p2116/e241866/hora-dos-portugueses>
<https://www.rtp.pt/play/p2116/e252828/hora-dos-portugueses>
<https://www.rtp.pt/play/p3041/e266701/hora-dos-portugueses-diario>
<https://www.rtp.pt/play/p3041/e281707/hora-dos-portugueses-diario>
<https://www.rtp.pt/play/p3041/e296513/hora-dos-portugueses-diario>
<https://www.rtp.pt/play/p3041/e308646/hora-dos-portugueses-diario>
<https://www.rtp.pt/play/p3041/hora-dos-portugueses-diario>
<https://www.rtp.pt/play/p4241/e339094/hora-dos-portugueses-diario>

Portugueses Pelo Mundo

<https://www.rtp.pt/play/p2493/e234284/portugueses-pelo-mundo>
<https://www.rtp.pt/play/p2493/e254153/portugueses-pelo-mundo>
<https://www.rtp.pt/play/p2493/e253846/portugueses-pelo-mundo>
<https://www.rtp.pt/play/p2493/e267534/portugueses-pelo-mundo>
<https://www.rtp.pt/play/p2493/e283956/portugueses-pelo-mundo>
<https://www.rtp.pt/play/p2493/e298482/portugueses-pelo-mundo>
<https://www.rtp.pt/play/p2493/e309460/portugueses-pelo-mundo>
<https://www.rtp.pt/play/p4677/e348450/portugueses-pelo-mundo>
<https://www.rtp.pt/play/p4677/portugueses-pelo-mundo>

Notícias do Meu País

<https://www.rtp.pt/play/p2767/e255772/noticias-do-meu-pais>
<https://www.rtp.pt/play/p2767/e248737/noticias-do-meu-pais>
<https://www.rtp.pt/play/p4363/e331376/noticias-do-meu-pais>
<https://www.rtp.pt/play/p4363/e340092/noticias-do-meu-pais>

Anexos

PROGRAMA “HORA DOS PORTUGUESES”

Anexo I - Registo Trimestral do ano de 2016

1º Trimestre de 2016										
Hora dos Portugueses										
Canal de Transmissão		Data de Emissão		Duração		Periodicidade				
RTP Internacional		01/01/16		11min24		Diária				
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de Emigração	Formação	Profissão/Cargo	
1ª	Associativismo	Canadá	1º	M	11	Sem Informação				Pres. de Associação
			2º	F						Voluntária
			3º	M						Relações Públicas
			4º	M						Membro da Direção
2ª	Artes e Letras	Reino Unido	1º	M						Músico
			2ª	F						Voluntária
			2º	M						Maestro
3ª	Língua Portuguesa	Macau	1º	M						Moderador

2º Trimestre de 2016													
Hora dos Portugueses													
Canal de Transmissão		Data de emissão		Duração		Periodicidade							
RTP Internacional		01/04/16		12min7		Diária							
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de Emigração	Formação	Profissão/Cargo				
1ª	Associativismo	Reino Unido	1º	M	18	Sem Informação				Camionista			
			2º	M						Dirigente Associativo			
			3º	M						Adido Embaixada			
2ª	Desporto e Lazer	Índia	1º	M						Aluno surf			
			2ª	M						Aluno surf			
			3ª	M						Intrutor surf			
			2º	M						Empresário			
3ª	Artes e Letras	Alemanha	1º	M						3	Aventura		DJ

3º Trimestre de 2016												
Hora dos Portugueses												
Canal de Transmissão		Data de emissão		Duração		Periodicidade						
RTP Internacional		01/07/16		11min53		Diária						
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de Emigração	Formação	Profissão/Cargo			
1ª	Empresas e Economia	EUA	1º	M	40	Sem Informação				Pres. da Câmara do Comércio		
			2º	M						Empresário		
			3º	M						Empresário		
			4º	M						Empresário		
2ª	Restauração e Gastronomia	Venezuela	1º	F						Cozinheira		
			2º	F						Cozinheira		
			3º	M						Eng. Mecânico		
3ª	Desporto e Lazer	Austrália	1º	M						11	Prop. Trabalho	Treinador de futebol
			2º	M						Jogador		
			3º	M						Jogador		
			4º	M						Jogador		

4º Trimestre de 2016										
Hora dos Portugueses										
Canal de Transmissão		Data de emissão		Duração		Periodicidade				
RTP Internacional		03/10/16		12min44		Diária				
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de Emigração	Formação	Profissão/Cargo	
1ª	Religião	EUA	1º	M	49	Sem Informação				Pres. da Comissão de Festas
			2º	M						Bispo
			3º	M						Pres. da Câmara
			4º	M						Visitante
			5º	M						Visitante
			6º	M						Visitante
			7º	M						Cônsul
			8º	F						Cantora
2ª	Empresas e Economia	Canadá	1º	M						Prod. Tabaco
3ª	Empresas e Economia	Índia	1º	M						Empresário
			2º	M						Cônsul
			3º	F	Bancária					
			4º	M	Prop. Restaurante					

Anexo II- Registo Trimestral do ano de 2017

1º Trimestre de 2017																
Hora dos Portugueses																
Canal de Transmissão			Data de emissão		Duração			Periodicidade								
RTP Internacional			03/01/17		11min21			Diária								
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de Emigração	Formação	Profissão/Cargo							
1ª	Língua Portuguesa	Macau	1º	M	Sem Informação				Dir. Instituto PT no Oriente							
			2º	F					Docente							
			3º	F					Docente							
2ª	Lusodescendentes	EUA	1º	F					Sem Informação				Produtora			
			2º	M									Empresário			
			3º	F									Produtora			
3ª	Desporto e Lazer	Venezuela	1º	M									Sem Informação			Dir. Missão Católica PT

2º Trimestre de 2017																		
Hora dos Portugueses																		
Canal de Transmissão			Data de emissão		Duração			Periodicidade										
RTP Internacional			03/04/17		11min31			Diária										
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de Emigração	Formação	Profissão/Cargo									
1ª	Desporto e Lazer	EUA	1º	M		40	Sem Informação		Locutor									
2ª	Empresas e Economia	Austrália	1º	M						Sem Informação		Empresário						
3ª	Artes e Letras	Moçambique	1º	M									Sem Informação		Arquiteto			
			2º	F												Sem Informação		Arquiteto
			3º	M														

3º Trimestre de 2017																		
Hora dos Portugueses																		
Canal de Transmissão			Data de emissão		Duração			Periodicidade										
RTP Internacional			01/10/17		11min53			Diária										
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de Emigração	Formação	Profissão/Cargo									
1ª	Religião	EUA	1º	F	Sem Informação					Organização								
			2º	F						Organização								
			3º	M						Cozinheiro								
			4º	M						Pres. da Banda Filarmónica								
			5º	F						Organização								
			6º	M						Visitante								
			7º	F						Visitante								
			8º	M						Visitante								
			9º	M						Visitante								
			10º	M						Visitante								
			11º	M						Dir. das comunidades								
			12º	M						Cônsul honorário								
			13º	M						Cozinheiro								
2ª	Empresas e Economia	Austrália	1º	M						Sem Informação				Empresário				
3ª	Artes e Letras	Macau	1º	M										Sem Informação				Músico

4º Trimestre de 2017																								
Hora dos Portugueses																								
Canal de Transmissão			Data de emissão		Duração			Periodicidade																
RTP Internacional			02/10/17		11min37			Diária																
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de Emigração	Formação	Profissão/Cargo															
1ª	Desporto e Lazer	EUA	1º	M		45	Sem Informação		Empresário															
2ª	Artes e Letras	Moçambique	1º	M						Sem Informação		Escritor												
3ª	Religião	EUA	1º	M									Sem Informação		Organização									
			2º	M												Sem Informação		Bispo						
			3º	M															Sem Informação		Sec. Regional			
			4º	M																		Sem Informação		Pres. Da Câmara
			5º	M																				

Anexo III - Registo Trimestral do ano de 2018

1º Trimestre de 2018																	
Hora dos Portugueses																	
Canal de Transmissão		Data de emissão		Duração			Periodicidade										
RTP Internacional		09/01/18		12min16			Diária										
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de Emigração	Formação	Profissão/Cargo								
1ª	Informática	Reino Unido	1º	F	28	3	Sem Informação	Eng. Biotécnica	Cons. de Sistema Informáticos								
			2º	F					Esp. de Solução na Oracle								
2ª	Lusodescendentes	EUA	1º	M					28	3	Sem Informação	Eng. Biotécnica	Lutador MMA				
			2º	M									Treinador				
3ª	Artes e Letras	França	1º	F									28	3	Sem Informação	Eng. Biotécnica	Escritora
			2º	M													Editor
			3º	M	Sec. Regional												

2º Trimestre de 2018													
Hora dos Portugueses													
Canal de Transmissão		Data de emissão		Duração			Periodicidade						
RTP Internacional		02/04/18		11min27			Diária						
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo				
1ª	Consulados e Embaixadas	EUA	1º	M	Sem Informação	Sem Informação	Sem Informação	Sem Informação	Cônsul Honorário				
			2º	M					Cônsul Honorário				
2ª	Empresas e Economia	Venezuela	1º	M					Sem Informação	Sem Informação	Sem Informação	Sem Informação	V. Pres. do Banco
			2º	M									Fundador do Banco
			3º	F									V. Pres. da Contabilidade
			4º	M									Diretor do Banco
3ª	Restauração e Gastronomia	Macau	1º	M	Sem Informação	Sem Informação	Sem Informação	Sem Informação					Cozinheiro
			2º	F									Chefe Confraria Macaense

3º Trimestre de 2018													
Hora dos Portugueses													
Canal de Transmissão		Data de emissão		Duração			Periodicidade						
RTP Internacional		02/07/18		11min38			Diária						
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo				
1ª	História de vida	EUA	1º	M	62	43	Aventura		Candidato a Vereador				
2ª	Hotelaria e Turismo	Venezuela	1º	M	Sem Informação	36	Sem Informação	Sem Informação	Empresário				
			2º	M					Arquiteto				
			3º	M					Gerente geral do Hotel				
3ª	Restauração e Gastronomia	EUA	1º	M					Sem Informação	36	Sem Informação	Sem Informação	S/Info
			2º	F									S/Info

Anexo IV- Caracterização Geral do ano de 2016

Caracterização Geral do Programa Hora dos Portugueses 2016					
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	Total
Tema	Associativismo	Associativismo	Empresas e Economia	Religião	
	Artes e Letras	Desporto	Restauração e Gastronomia	Empresas e Economia	
	Língua Portuguesa	Artes e Letras	Desporto e Lazer	Empresas e Economia	
País	Canadá	Reino Unido	EUA	EUA	
	Reino Unido	Índia	Venezuela	Canadá	
	Macau	Alemanha	Austrália	Índia	
Caracterização dos Entrevistados					
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	Total
Género					
Masculinos	6	8	9	11	34
Femininos	2	0	2	2	6
Idade	Sem Informação				
até 20 anos					
21 a 30 anos					
31 a 40 anos					
41 a 50 anos					
51 a 60 anos					
Mais de 60					
Anos de Emigração					
Menos de 1 ano					
1 a 5 anos		1			1
6 a 10 anos					
11 a 15 anos	1		1		2
16 a 20 anos		1			1
21 a 30 anos					
31 a 40 anos					
Mais de 40			1	1	2
Razões para Emigrar					
Condições de vida					
Questões familiares/afetivas					
Aventura		1			1
Proposta de Trabalho			1		1
Formação Académica	Sem Informação				
Inferior ensino secundário					
Ensino secundário					
Superior					
Área de Formação	Sem Informação				
Engenharia					
Medicina					
Música					
Social					
Profissão/Cargo	Pres. de Associação Voluntária	Camionista Dirig. Associativo	Pres. da Câmara do Comércio Empresário	Pres. da Comissão de Festas Bispo	
	Relações Públicas	Adido Embaixada	Empresário	Presidente da Câmara	
	Membro da direção	Aluno surf	Empresário	Visitante	
	Músico	Aluno surf	Cozinheira	Visitante	
	Maestro	Instrutor surf	Cozinheira	Visitante	
	Moderador	Empresário	Eng. Mecânico	Cônsul	
		DJ	Treinador de futebol	Cantora	
			Jogador	Prod. Tabaco	
			Jogador	Empresário	
			Jogador	Cônsul	
				Bancária	
				Prop. Restaurante	

Anexo V - Caracterização Geral do ano de 2017

Caracterização Geral do Programa Hora dos Portugueses 2017					
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	Total
Tema	Língua Portuguesa	Desporto e Lazer	Religião	Desporto e lazer	
	Lusodescendentes	Empresas e Economia	Empresas e Economia	Artes e Letras	
	Desporto e Lazer	Artes e Letras	Artes e Letras	Religião	
País	Macau	EUA	EUA	EUA	
	EUA	Austrália	Austrália	Moçambique	
	Venezuela	Moçambique	Macau	EUA	
Caracterização dos Entrevistados					
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	
Género					
Masculinos	3	4	11	7	25
Femininos	4	1	4	0	9
Idade					
até 20 anos					
21 a 30 anos					
31 a 40 anos					
etc					
Anos de Emigração					
Menos de 1 ano					
1 a 5 anos					
6 a 10 anos					
11 a 15 anos					
16 a 20 anos					
20 a 30 anos					
30 a 40 anos					
Mais de 40		1		1	2
Razões para Emigrar	S/Info				
Condições de vida					
Questões familiares/afetivas					
Aventura					
Proposta de Trabalho					
Formação Académica	S/Info				
Inferior ensino secundário					
Ensino secundário Superior					
Área de formação	Sem/info				
Engenharia					
Medicina					
Música					
Social					
Profissão/Cargo	Dir. do Instituto Português no Oriente	Locutor	Organização	Empresário	
	Docente	Empresário	Organização	Escritor	
	Docente	Arquiteto	Cozinheiro	Organização	
	Produtora	Arquiteto	Pres. da Banda Filarmónica	Bispo	
	Empresário	Arquiteto	VP Foster Farms	Sec.Regional	
	Produtora		Visitante	Pres. Da Câmara	
	Dir. da Missão Católica Portuguesa		Visitante	Sec. Estado das Comunidades	
			Visitante		
			Visitante		
			Visitante		
			Diretor das Comunidades		
			Cônsul Honorário		
			Cozinheiro		
		Empresário			
		Músico			

Anexo - VI - Caracterização Geral do ano de 2018

Caracterização Geral do Programa Hora dos Portugueses 2018				
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	Total
Tema	Infomática	Consulados e Embaixadas	História de Vida	
	Lusodescendentes	Empresas e Economia	Hotelaria e Turismo	
	Artes e Letras	Restauração e Gastronomia	Restauração e Gastronomia	
País	Reino Unido	EUA	EUA	
	EUA	Venezuela	Venezuela	
	França	Macau	EUA	
Caracterização dos Entrevistados				
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	Total
Género				
Masculinos	4	6	5	15
Femininos	3	2	1	6
Idade				
até 20 anos				
21 a 30 anos	1			1
31 a 40 anos				
41 a 50 anos				
51 a 60 anos				
Mais de 60 anos			1	1
Anos de Emigração				
Menos de 1 ano				
1 a 5 anos	1			1
6 a 10 anos				
11 a 15 anos				
16 a 20 anos				
21 a 30 anos				
31 a 40 anos			1	1
Mais de 40			1	1
Razões para Emigrar				
Condições de vida				
Questões familiares/afetivas				
Aventura			1	1
Proposta de Trabalho				
Formação Académica				
Inferior ensino secundário		S/Info		
Ensino secundário				
Superior				
Área de Formação				
Engenharia	1			1
Medicina				
Música				
Social				
Profissão/Cargo	Consultora de Sistema Informáticos	Cônsul Honorário	Candidato a vereador	
	Especialista de Solução na Oracle	Cônsul Honorário	Empresário	
	Lutador MMA	Vice-Pres. do Banco	Arquiteto	
	Treinador	Fundador do banco	Gerente geral do Hotel	
	Escritora	Vice-Pres. da Contabilidade	S/Info	
	Editor	Diretor do banco	S/Info	
	Sec.Regional	Cozinheiro		
		Chefe Confraria Macaense		

Anexo VII- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2016

1º Trimestre de 2016			
Hora dos Portugueses			
Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)			
País	Canadá	Reino Unido	Macau
Temática	Associativismo	Artes e Letras	Língua Portuguesa
Pivô	Laço afetivo Origem Tradição	Não se regista no discurso	Comunidade portuguesa Identidade Língua Portuguesa
Repórter	Costumes Saudades Tradição	Referência a símbolos nacionais (Fado)	Diáspora Identidade Tradição
Entrevistados	Família Gastronomia Raízes Saudades Tradição União	Língua Portuguesa	Comunidade portuguesa Cultura Identidade Língua Portuguesa Origens

2º Trimestre de 2016			
Hora dos Portugueses			
Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)			
País	Reino Unido	Índia	Alemanha
Temática	Associativismo	Desporto e Lazer	Artes e Letras
Pivô	Compatriotas Amizade Portugueses Solidariedade	Não se regista no discurso	Português
Repórter	Aventura Adaptação Convívio Amizade Distância	Não se regista no discurso	Portugal
Entrevistados	Adaptação Amizade Comunidade Distância Família País Portugalidade Sacrifícios Solidão Solidariedade	Amizade Aventura Portugal	Portugal

3º Trimestre de 2016			
Hora dos Portugueses			
Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)			
País	EUA	Venezuela	Austrália
Temática	Empresas e Economia	Restauração e Gastronomia	Desporto e Lazer
Pivô	Não se regista no discurso	Emigração Típico Referência a produtos portugueses (chouriço)	Não se regista no discurso
Repórter	Não se regista no discurso	Emigração Luta Compatriotas Sacrifício Gastronomia	Família
Entrevistados	Portugal Comunidade Portuguesa	Portugueses Tragédia Sacrificio Gastronomia	Memórias Família Amigos Saudades Referência a símbolos nacionais (Ronaldo)

4º Trimestre de 2016			
Hora dos Portugueses			
Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)			
País	EUA	Canadá	Índia
Temática	Religião	Empresas e Economia	Empresas e Economia
Pivô	Não se regista no discurso	Presença portuguesa Emigração Família	Referência a produtos portugueses (azeite) Comunidade lusa Gastronomia
Repórter	Artesanato Coletividades portuguesas Comunidades Portuguesas Gastronomia Laços afetivos Lusodescendentes Origens País Portugal Tradição União	Emigração Família Memórias Portugueses Sacrificio	Referência a produtos portugueses Referência a entidades governamentais/governantes (consulado, embaixada)
Entrevistados	Cultura Família Língua Portuguesa Origens Partilha Portugal Ser Português Tradições União	Memórias Família	Colónia portuguesa Comunidade portuguesa Gastronomia Influência portuguesa Memórias Mercado da Saudade Produtos portugueses Referência a entidades governamentais/governantes Referências geográficas a cidades e lugares

Anexo VIII- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2017

1º Trimestre de 2017 Hora dos Portugueses Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)			
País	Macau	EUA	Venezuela
Temática	Língua Portuguesa	Lusodescentes	Religião
Pivô	Português	Luso- americana Restaurante português	Cónego português
Repórter	Língua Portuguesa Comunidade	Luso americana	Cónego português Portugueses
Entrevistados	Comunidade Cultura Língua Portuguesa Referência a símbolos nacionais (Ronaldo)	Não se regista no discurso	Comunidade portuguesa Portugal

2º Trimestre de 2017 Hora dos Portugueses Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)			
País	EUA	Austrália	Moçambique
Temática	Rádio	Empresas e Economia	Artes e Letras
Pivô	Comunidade	Diáspora	Não se regista no discurso
Repórter	Portugal	Dificuldades Desafios Portugal	Não se regista no discurso
Entrevistados	Amizade Portugal Referência a entidades Governamentais/Governantes (antigo Presidente da República)	Dificuldades Gastronomia	Não se regista no discurso

3º Trimestre de 2017 Hora dos Portugueses Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)			
País	EUA	Austrália	Macau
Temática	Religião	Empresas e Economia	Artes e Letras
Pivô	Tradição	Não se regista no discurso	Não se regista no discurso
Repórter	Tradição Comunidade Portuguesa Raízes	Portugal	Referência a datas comemorativas (Dia de Portugal) Comunidades Língua Portuguesa
Entrevistados	Comunidade portuguesa Gerações Povo português Referência a símbolos nacionais (bandeira) Tradição	Amigos Cultura Família Gastronomia Memórias Portugal Povo português Referência a símbolos nacionais (fado, futebol e fátima)	Língua Portuguesa Referência a símbolos nacionais (fado)

4º Trimestre de 2017 Hora dos Portugueses Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)			
País	EUA	Moçambique	EUA
Temática	Empresas e Economia	Artes e Letras	Religião
Pivô	Tradição (Objetos tradicionais portugueses)	Não se regista no discurso	Portugueses Tradicional
Repórter	Laços afetivos (Portugal no coração)	Portugal Raízes	Origem Tradições Culturas
Entrevistados	Família Referências a cidades e lugares (Lisboa)	Gastronomia	Portugal Família

Anexo IX- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2018

1º Trimestre de 2018			
Hora dos Portugueses			
Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)			
País	Reino Unido	EUA	França
Temática	Informática	Lusodescendentes	Lusodescendentes
Pivô	Portuguesas	Não se regista no discurso	Não se regista no discurso
Repórter	Não se regista no discurso	Origens Lusodescendentes Origem portuguesa	Emigrantes portugueses
Entrevistados	Não se regista no discurso	Gastronomia	Portugal Família Língua Portuguesa

2º Trimestre de 2018			
Hora dos Portugueses			
Narrativa e Discurso (referências a Portugal)			
País	EUA	Venezuela	Macau
Temática	Consulado e Embaixadas	Empresas e Economia	Restauração e Gastronomia
Pivô	Portugal Comunidade portuguesa	Não se regista no discurso	Não se regista no discurso
Repórter	Portugal Cidadania	Lusodescendentes	Não se regista no discurso
Entrevistados	Comunidades portuguesas Cidadania Referência a entidades governamentais/governantes	Não se regista no discurso	Não se regista no discurso

3º Trimestre de 2018			
Hora dos Portugueses			
Narrativa e Discurso (referências a Portugal)			
País	EUA	Venezuela	EUA
Temática	História de vida	Hotelaria	Restauração e Gastronomia
Pivô	Comunidade Portuguesa	Não se regista no discurso	Gastronomia nacional
Repórter	Emigrou	Portugueses Emigrar	Restaurante português Sabores portugueses Raízes Família Portugal Língua Portuguesa
Entrevistados	Portugal Aventura Portugueses Comunidade portuguesa referência a entidades governamentais e/ou governantes	Emigrante	Origens, Amor por Portugal, língua portuguesa Família Referências a gastronomia Recordações

Anexo X- Narrativa e Discurso Geral (todos os anos)

Hora dos Portugueses (2016,2017,2018) Narrativa e Discurso (referências a Portugal)	
Países	Canadá, Reino Unido, Macau, Índia, Alemanha, EUA, Venezuela, Austrália, Moçambique, França
Temática	Associativismo, Artes e Letras, Empresas e Economia, Informática, Consulados e Embaixadas, Desporto e Lazer, História de vida Língua Portuguesa Lusodescendentes, Religião, Gastronomia e Restauração, Hotelaria e Turismo
Pivô	Amizade Emigração Compatriotas Comunidade portuguesa e lusa Religião Diáspora Emigração Família Gastronomia Identidade Laço afetivo Língua portuguesa Lusodescendentes Tradição Origem Portugal Portugueses Presença Portuguesa Referência a produtos portugueses Solidariedade Típico
Repórter	Adaptação Amizade Aventura Cidadania Coletividades portuguesas Compatriotas Comunidades portuguesas Religião Convívio Costumes Cultura Referências a datas comemorativas Diáspora Dificuldade Distância Emigração Emigrantes Família Gastronomia Identidade Laços afetivos Língua Portuguesa Lusodescendentes Luta Memórias Origem portuguesa País Portugal Portugueses Raízes Referências a entidades Governamentais/Governantes Referência a produtos portugueses Referência a símbolos nacionais (fado) Sacrifício Saudades Tradição União
Entrevistados	Adaptação Amigos Amizade Aventura Cidadania Colónia portuguesa Comunidades portuguesas Comunidades portuguesas Cultura Dificuldades Distância Família Gastronomia Gerações Identidade Influência portuguesa Língua portuguesa Memórias Mercado da Saudade País Partilha Portugal Portugalidade Portugueses Povo português Produtos portugueses Referência a cidades e lugares Referência a entidades Governamentais\ Governantes Referência a símbolos nacionais (fado, futebol, fátima, bandeira, ronaldo) Sacrifício Saudade Ser português Solidão Solidariedade Tradição Tragédia União

Programa “Notícias do Meu País”

Anexo XI - Registo trimestral do ano de 2016 e 2017

4º Trimestre de 2016									
Notícias do Meu País									
Canal de Transmissão			Data de emissão		Duração		Periodicidade		
RTP			22/10/16		49imin13		Semanal		
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Grau de parentesco*
1ª	Histórias de Vida	Itália	1º	F	42	26	Razões Familiares	S/Info	Prop. de restaurante
			2º	F					Amiga
			3º	M					Irmão
			4º	F					Cunhada
			5º	F					Antiga colega de trabalho
			6º	F					Antiga colega de trabalho
			7º	F					Mãe
			8º	F					Irmã
			9º	F					Irmã
			10º	F					Amiga
			11º	M					Marido
2ª	Histórias de Vida	França	1º	M	S/Info	17	Desemprego	S/Info	Chefe de tráfego internacional
			2º	F	N/A	N/A	N/A	Esposa	
			3º	M	N/A			Filho	
			4º	M	N/A			Primo	
			5º	F	S/Info	5 MESES	Proposta trabalho	S/Info	Amiga (emigrante)
			6º	F	S/Info	50	Razões Familiares	S/Info	Comerciante
			7º	F	N/A	N/A	N/A	Amiga	
			8º	M	N/A			Antigo patrão	
			9º	M	N/A			Pres. de Associação	

*Neste programa optámos por substituir o "cargo" por grau de parentesco devido à temática do programa ser histórias de vida.

4º Trimestre de 2017									
Notícias do Meu País									
Canal de Transmissão			Data de emissão		Duração		Periodicidade		
RTP			03/11/17		46imin22		Semanal		
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Grau de parentesco
1ª	Histórias de Vida	Holanda	1º	F	54	35	Aventura	S/Info	Fadista
			2º	F					Amiga
			3º	F					Amiga
			4º	F					Amiga
			5º	M					Amigo
			6º	M					Amigo
			7º	M					Prop. Restaurante
			8º	M					Músico
			9º	M					Músico
			10º	M					Músico
			11º	F					Amiga
			12º	F					Cantora
2ª	Histórias de Vida	Alemanha	1º	M	S/Info	44	Razões Familiares	S/Info	Empresário
			2º	F	N/A	N/A	Tia		
			3º	M			S/Info	S/Info	Prop. Restaurante
			4º	M			N/A	N/A	Primo
			5º	M	Primo				
			6º	F	Prima				

Anexo XII- Registo trimestral do ano de 2018

1º Trimestre de 2018										
Notícias do Meu País										
Canal de Transmissão		Data de emissão		Duração		Periodicidade				
RTP		26/01/18		50min52		Semanal				
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Grau de parentesco	
1ª	Histórias de Vida	Canadá	1º	M	S/Info	25	N/A	Razões Familiares	S/Info	Empresário
			2º	F					Funcionária (Contabilidade)	
			3º	F					Funcionária (Contabilidade)	
			4º	F					Esposa	
			5º	M					Cantor	
			6º	F					Cantora	
			7º	M					Padre	
			8º	M					Imão	
			9º	M					Pai	
			10º	F					Ima	
			11º	F					Mãe	
2ª		EAU	1º	M	65	30	S/Info	S/Info	Empresário	
			2º	M			N/A		Antigo Treinador de Natação	
			3º	M		Antigo Professor				
			4º	M		Antigo Maestro da Tuna				
			5º	M		Antigo Camarada da Tropa				
			6º	M		Antigo Camarada da Tropa				
			7º	F		Filha				
			8º	F		Filha				

2º Trimestre de 2018										
Notícias do Meu País										
Canal de Transmissão		Data de emissão		Duração		Periodicidade				
RTP		06/04/18		52min58		Semanal				
Peça	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Grau de parentesco	
1ª	Histórias de Vida	EUA	1º	M	S/Info	26	Razões Familiares	S/Info	Encarregado Construção Civil	
			2º	M					Primo	
			3º	M						Primo
			4º	M						Amigo
			5º	M						Afilhado
			6º	F						Tia
			7º	M					N/A	Primo
			8º	F						Mãe
			9º	F						Filha
			10º	F						Filha
			11º	M						Antigo Motorista da Escola
			12º	M						Amigo
			13º	M						Amigo
			14º	F				1ano 6meses		Emp. Balcão
			15º	M						Amigo
			16º	F						Antiga Ensaiaadora do Rancho
			17º	M						Comandate dos Bombeiros
			18º	M						Comandate dos Bombeiros
			19º	M						Comandate dos Bombeiros
			20º	M						Vítima dos Incêndios
			21º	F					N/A	Vítima dos Incêndios
			22º	F						Vítima dos Incêndios
			23º	M						Vítima dos Incêndios
			24º	M						Vítima dos Incêndios
			25º	F						Vítima dos Incêndios
			26º	F						Vítima dos Incêndios
			27º	M						Vítima dos Incêndios
2ª		China	1º	M	58	S/nfo	Prop. Trabalho	S/Info	Caça Talentos MBA	
			2º	M					Antigo Jogador	
			3º	M						Antigo Jogador
			4º	M						Antigo Jogador
			5º	M						Antigo Jogador
			6º	M						Amigo
			7º	M						Amigo
			8º	M						Amigo
			9º	M						Primo
			10º	M						Primo
			11º	M					N/A	Primo
			12º	F						Imã
			13º	F						Filha
			14º	M						Filho
			15º	M						Filho
			16º	M						Amigo
			17º	F						Amiga
			18º	M						Antigo Professor
			19º	M						Amigo
			20º	F						Amiga
			21º	F						Amiga

(continuação)

Profissão/cargo	Proprietária de restaurante	Fadista	Empresário
	Amiga	Amiga	Funcionária (contabilidade)
	Irmão	Amiga	Funcionária (contabilidade)
	Cunhada	Amiga	Esposa
	Antiga colega de trabalho	Amigo	Cantor
	Antiga colega de trabalho	Amigo	Cantora
	Mãe	Prop. Restaurante	Padre
	Irmã	Músico	Irmão
	Irmã	Músico	Pai
	Amiga	Músico	Ima
	Marido	Amiga	Mãe
	Chefe de tráfico internacional	Cantora	Empresário
	Esposa	Empresário	Antigo Treinador de Natação
	Filho	Tia	Antigo Professor
	Primo	Prop. Restaurante	Antigo Maestro da Tuna
	Amiga (emigrante)	Primo	Antigo Camarada da Tropa
	Comerciante	Primo	Antigo Camarada da Tropa
	Amiga	Prima	Filha
	Antigo patrão		Filha
	Pres. De Associação		Encarregado Construção Civil
			Primo
			Primo
			Amigo
			Afilhado
			Tia
			Primo
			Mãe
			Filha
			Filha
			Antigo Motorista da Escola
			Amigo
			Amigo
			Emp. Balcão
			Antiga Ensaíadora do Rancho
			Comandate dos Bombeiros
			Comandate dos Bombeiros
			Comandate dos Bombeiros
			Vitima dos Incêndios
			Vitima dos Incêndios
			Vitima dos Incêndios
			Vitima dos Incêndios
			Vitima dos Incêndios
		Vitima dos Incêndios	
		Vitima dos Incêndios	
		Vitima dos Incêndios	
		Vitima dos Incêndios	
		Caça Talentos MBA	
		Antigo Jogador	
		Antigo Jogador	
		Antigo Jogador	
		Antigo Jogador	
		Amigo	
		Amigo	
		Amigo	
		Primo	
		Primo	
		Primo	
		Imã	
		Filha	
		Filho	
		Filho	
		Amigo	
		Amiga	
		Antigo Professor	
		Amigo	
		Amiga	
		Amiga	

Anexo XIII - Caracterização Geral do ano de 2016,2017,2018

Caracterização Geral do Programa Notícias do Meu País (2016,2017,2018)				
Tema	2016	2017	2018	Total
	Histórias de Vida			
Países	Itália	Holanda	Canadá	
	França	Alemanha	Emirados Árabes Unidos	
	EUA			
	China			
Caracterização dos Entrevistados				
	2016	2017	2018	Total
Gênero				
Masculinos	7	10	44	61
Femininos	13	8	23	44
Idade				
até 20 anos				
21 a 30 anos				
31 a 40 anos				
41 a 50 anos	1			1
51 a 60		1	1	2
Mais de 60			1	1
Anos de Emigração				
Menos de 1 ano	1			1
1 a 5 anos			1	1
6 a 10 anos				
11 a 15 anos				
16 a 20 anos	1			1
21 a 30 anos	1	1	3	5
31 a 40 anos		1		1
Mais de 40	1	1		2
Razões de Emigração				
Aventura		1		1
Condições de vida	1			1
Proposta de Trabalho	1		1	2
Questões familiares/afetivas	2	1	2	5
Formação Acadêmica				
Inferior ensino secundário	S/Info			
Ensino secundário	S/Info			
Superior	S/Info			
Área de Formação				
Engenharia	S/Info			
Medicina	S/Info			
Música	S/Info			
Social	S/Info			

Anexo XIV - Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2016 e 2017

4º Trimestre de 2016 Notícias do Meu País Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)		
País	Itália	França
Temática	Histórias de Vida	
Repórter	Comunidades portuguesas Emigrantes Gastronomia Associações lusas Religião Portugal Referência a produtos portugueses (bacalhau) e Gastronomia País Origens Família Dificuldades Origens Amizade Memórias Laços afetivos Portugueses Língua portuguesa Família Saudades	Comunidade portuguesa Emigração Gastronomia Partir Família País Regresso Saudades Distância Solidariedade Cidadania Língua Portuguesa Saudades Convívio Origens Família Emigrar Regresso Distância Memórias
Entrevistados	Dificuldades Portugal Família Destino Saudades Amizade Memórias Religião Amigos Sacrifício Comunidade portuguesa Tradição Solidariedade Sacrifício Comunidade portuguesa Tradição Solidariedade	Memórias Solidariedade Orgulho Esforço Esperança Interajuda Portugal Emigrar Dificuldades Família Sacrifício Saudades Regresso Casa Produtos Portugueses

* Substituímos "Pivô" e optámos "Repórter" devido ao facto de neste programa não existir pivô.

4º Trimestre de 2017 Notícias do Meu País Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)		
País	Holanda	Alemanha
Temática	História de Vida	
Repórter	Recordações Associações Portuguesas Comunidade portuguesa Herança portuguesa Saudades Referência a símbolos nacionais (fado) Referência a entidades Governamentais/ou Governantes	Terra natal Emigrantes Comunidade e associações Portuguesas Recordações País Dificuldades Tradições Emigrante Língua portuguesa, Saudades Sacrifício Gastronomia Tuga
Entrevistados	Comunidade portuguesa Sentir-se português Recordações Portugal Referência a símbolos nacionais (fado) Saudades País Gastronomia Memórias	Lembranças Tugas Família Referências geográficas a cidades ou lugares Dificuldades Povo português Comunidade portuguesa Orgulho português Família Saudade

Anexo XV- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2018

2º Trimestre de 2018 Notícias do Meu País Narrativa e Discurso (referências a Portugal)		
País	EUA	China
Temática	Histórias de Vida	
Repórter	Dificuldades Associações portuguesas Comunidade portuguesa Emigrantes portugueses Amigos Referências geográficas a lugares ou cidades Saudades Família Portugal Amigos País Memórias Solidariedade Referência a produtos portugueses (café pt)	Saudades País Amigos Família Distância Comunidade portuguesa Nova emigração Portugueses Tuga Portugal
Entrevistados	Amigos Dificuldades Referências a símbolos nacionais (Benfica) Memórias Família Saudades, Portugal, Referências geográficas a cidades e lugares Solidariedade Distância	Portugal Orgulho português Saudades Honrar Portugal Família Destino Amigos Ser português

1º Trimestre de 2018 Notícias do Meu País Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)		
País	Toronto	Emirados Árabes Unidos
Temática	Histórias de vida	
Repórter	Emigrantes portugueses Espírito português País Gastronomia Comunidade portuguesa	Portugueses emigrados Emigração Referência a produtos portugueses (café pt) Portugal Família Amigos
Entrevistados	Saudades Distância Portugal Orgulho português Recordações Comunidade portuguesa Cultura Tradições Patriotismo Família Emigrantes lembranças Referência a símbolos nacionais (bandeira)	Referência a símbolos nacionais (Cristiano Ronaldo) Trabalho árduo Saudades Família Distância

Anexo XVI- Narrativa e Discurso Geral (todos os anos)

Notícias do Meu País (2016,2017,2018) Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
Países	Itália, França, Alemanha, Holanda, Canadá, EAU, EUA
Temática	Histórias de Vida
Pivô	N/S
Repórter	Amigos Amizade Associações Lusas Associações portuguesas Cidadania Comunidade portuguesaConvívio Dificuldades Distância Emigração Emigrantes Emigrar Família Gastronomia Herança portuguesa Laços afetivos Língua Portuguesa Memórias Nova emigração Origens País Partir Portugal Portugueses Recordações Referência a a símbolos nacionais (fado) Referência a entidades governamentais e/ou governantes (Embaixada Portuguesa) Referência a produtos portugueses (Bacalhau, café) Regresso Religião Gastronomia Sacrifício Saudades Solidariedade Terra natal Tradições Tuga
Entrevistados	Amigos Amizade Casa Comunidade portuguesa Cultura Destino Dificuldades Distância Emigrantes Emigrar Esforço Esperança Família Gastronomia Honrar Portugal Interajuda Lembranças MemóriasOrgulho português País Patriotismo Pobreza Portugal Povo portuguêsProdutos portugueses Recordações Referência a a símbolos nacionais(bandeira, benfica, ronaldo, fado,) Referências geográficas de cidades ou lugares (aldeia, minha rua) Regresso Religião Sacrifício Saudades Sentir-se Português Ser português Solidariedade Trabalho árduo Tradição Tuga

Programa “Portugueses Pelo Mundo”

Anexo XVII - Registo Trimestral do ano de 2016

2º Trimestre de 2016									
Portugueses Pelo Mundo									
Canal de Transmissão		Data de emissão			Duração			Periodicidade	
RTP		28/04/16			42min06			Semanal	
Programa	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo
1	Documentário	Grécia	1º	M	52	7 anos	Relações afetivas	Ator	Cantor
			2º	F	33		Relações afetivas	Pub/marketing	Bailarina
			3º	M	45	1 ano	Prop. Trabalho		Tec. Info
			4º	M	27	1 mês	Relações afetivas		Ed. Social

3º Trimestre de 2016									
Portugueses Pelo Mundo									
Canal de Transmissão		Data de emissão			Duração			Periodicidade	
RTP		23/09/16			42min59			Semanal	
Programa	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo
1	Documentário	Letónia	1º	M	29	7	Relações afetivas		Controlo de qualidade
			2º	F	23		Erasmus	Ciências farmacêuticas	Estudante
			3º	M	38	5	Prop. Trabalho		Analista
			4º	F	25	4	Estudante	Medicina	Estudante

4º Trimestre de 2016									
Portugueses Pelo Mundo									
Canal de Transmissão		Data de emissão			Duração			Periodicidade	
RTP		07/10/16			42min29			Semanal	
Programa	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo
1	Documentário	Malta	1º	M	33	2	Proposta de trabalho		Mecânico aviões
			2º	F	34	5	Estágio Inov Contat		Responsável Recrutamento
			3º	F	27	2	Relações afetivas		Apoio ao cliente
			4º	M	29	2			Coord. Inter. de Recrutamento

Anexo XVIII - Registo Trimestral do ano de 2017

1º Trimestre de 2017									
Portugueses Pelo Mundo									
Canal de Transmissão			Data de emissão			Duração		Periodicidade	
RTP			06/01/17			43 min 03		Semanal	
Programa	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo
1	Documentário	Equador	1º	F	25	1	Estágio	Eng.Civil	Desempregada
			2º	M	61	2	Relações afetivas	Eng.Mecanico	Chefe de Produção
			3º	M	38	2			Func.Nações Unidas
			4º	F	36	2			Consultora de ambiente

2º Trimestre de 2017									
Portugueses Pelo Mundo									
Canal de Transmissão			Data de emissão			Duração		Periodicidade	
RTP			14/04/17			43 min 20		Semanal	
Programa	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo
1	Documentário	México	1º	M	33	5	Relações afetivas		Mestre de xadrez
			2º	F	33		Desemprego	Línguas	Professora
			3º	M	36	10	Relações afetivas		Empresário
			4º	M	43	20	Relações afetivas		Empresário

3º Trimestre de 2017									
Portugueses Pelo Mundo									
Canal de Transmissão			Data de emissão			Duração		Periodicidade	
RTP			14/07/17			40 min 59		Semanal	
Programa	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo
1	Especial Desporto	Colombia	1º	M	39	3	Proposta de trabalho		Treinador
		Chipre	2º	F	32	9	Proposta de trabalho		Jogador de Futebol
		Espanha	3º	M	28	3	Relações afetivas		Jogador de Padel
		China	4º	F	29	5	Estágio Inov Contat	Arquieta	Dragon Boat

4º Trimestre de 2017									
Portugueses Pelo Mundo									
Canal de Transmissão			Data de emissão			Duração		Periodicidade	
RTP			06/10/17			25min 37		Semanal	
Programa	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo
1	Documentário	Angola	1º	M	35	4	Proposta de trabalho		Filantropo

Anexo XIX - Registo Trimestral do ano de 2018

2º Trimestre de 2018									
Portugueses Pelo Mundo									
Canal de Transmissão		Data de emissão			Duração			Periodicidade	
RTP		25/05/18			43 min 34			Semanal	
Programa	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo
1	Especial Turismo	Tailândia	1º	M	48	2	Proposta de trabalho		Diretor de Hotel
		Moçambique	2º	M	31	4	Relações afetivas	Tv, Cin. Com. Multimédia	Guia de Vida Selvagem
		Perú	4º	M	35		Proposta de trabalho		Dir. de Marketing

3º Trimestre de 2018									
Portugueses Pelo Mundo									
Canal de Transmissão		Data de emissão			Duração			Periodicidade	
RTP		13/07/18			44 min 33			Semanal	
Programa	Tema	País	Entrevistados	Género	Idade	Anos de Emigração	Razões de emigração	Formação	Profissão/Cargo
1	Especial C. Social	França	1º	F	35	6	Proposta de trabalho		Jornalista
		Cabo Verde	2º	M	35	10	Proposta de trabalho		Jornalista
		Canadá	3º	M	57	7	Relações afetivas		Pivô de TV

Anexo XX - Caracterização Geral do ano de 2016

Caracterização Geral do Portugueses Pelo Mundo 2016				
	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	Total
Tema	Documentário			
País	Grécia	Letónia	Malta	
Caracterização dos entrevistados				
	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	Total
Género				
Masculinos	3	2	2	7
Femininos	1	2	2	5
Idade				
até 20 anos				
21 a 30 anos	1	3	2	6
31 a 40 anos	1	1	2	4
41 a 50 anos	1			1
51 a 60 anos	1			1
Mais de 60				
Anos de Emigração				
Menos de 1 ano	1			1
1 a 5 anos	1	2	4	7
6 a 10 anos	1	1		2
11 a 15 anos				
16 a 20 anos				
20 a 30 anos				
30 a 40 anos				
Mais de 40				
Razões para Emigrar				
Aventura				
Condições de vida				
Estudante/Estágio		2	1	3
Proposta de Trabalho	1	1	1	3
Questões familiares/afetivas	3	1	1	5
Formação académica				
Inferior ensino secundário				
Ensino secundário				
Superior		2		2
Área de formação				
Engenharia				
Saúde		2		2
Artes e Espetáculo	1			1
Comunicação e Marketing	1			1
Profissão/cargo	Cantor	Controlo de qualidade	Mecânico aviões	
	Bailarina	Estudante	Responsável Recrutamento	
	Tec.Info	Analista	Apoio ao cliente	
	Ed.Social	Estudante	Coord. de recrutamento	

Anexo XXI - Caracterização geral do ano de 2017

Caracterização Geral do Portugueses Pelo Mundo 2017					
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	Total
Tema	Documentário		Especial Desporto	Documentário	
Pais	Equador	México	Colombia Chipre Espanha China	Angola	
Caracterização dos entrevistados					
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	Total
Género					
Masculinos	2	3	2	1	8
Femininos	2	1	2	0	5
Idade					
até 20 anos					
21 a 30 anos	1		2		3
31 a 40 anos	2	3	2	1	8
41 a 50		1			1
51 a 60					
Mais de 60 anos	1				1
Anos de Emigração					
Menos de 1 ano	1				1
1 a 5 anos	3	1	3	1	8
6 a 10 anos		1	1		2
11 a 15 anos					
16 a 20 anos		1			1
20 a 30 anos					
30 a 40 anos					
Mais de 40					
Razões para emigrar					
Aventura					
Condições de vida		1			1
Estágio/Estudante	1		1		2
Proposta de Trabalho			2	1	3
Questões familiares/afetivas	1	3	1		5
Formação académica	S/info				
Inferior ensino secundário					
Ensino secundário					
Superior					
Área de formação					
Engenharia	2				2
Saúde					
Artes e Espetáculo					
Línguas		1			1
Arquitetura			1		1
Comunicação e Marketing					
Profissão/cargo	Desempregada	Mestre de xadrez	Treinador	Filantropo	
	Chefe de Produção	Professora	Jogador de Futebol		
	Func.Nações Unidas	Empresário	Jogador de Padel		
	Consultora de ambiente	Empresário	Dragon Boat		

Anexo XXII Tabela – Caracterização Geral do ano de 2018

Caracterização Geral do Portugueses Pelo Mundo 2018			
	2º Trimestre	3º Trimestre	Total
Tema	Especial Turismo	Especial Comunicação Social	
País	Tailândia Moçambique Perú	França Canadá Cabo Verde	
Caracterização dos entrevistados			
	2º Trimestre	3º Trimestre	Total
Género			
Masculinos	3	2	5
Femininos	0	1	1
Idade			
até 20 anos			
21 a 30 anos			
31 a 40 anos	2	2	4
41 a 50	1		1
51 a 60		1	1
Mais de 60 anos			
Anos de Emigração			
Menos de 1 ano			
1 a 5 anos	2		2
6 a 10 anos		3	3
11 a 15 anos			
16 a 20 anos			
20 a 30 anos			
30 a 40 anos			
Mais de 40			
Razões para emigrar			
Aventura			
Condições de vida			
Estudante/Estágio			
Proposta de Trabalho	2	2	4
Questões familiares/afetiva	1	1	1
Formação académica	S/info		
Inferior ensino secundário			
Ensino secundário			
Superior	S/info		
Área de formação			
Engenharia			
Saúde			
Artes e Espetáculo			
Línguas			
Arquitetura	S/info		
Comunicação e Marketing			
Profissão/cargo	Diretor de Hotel	Jornalista	
	Guia de Vida Selvagem	Jornalista	
	Diretor de Marketing e líder de expedição	Pivô tv	

Anexo XXIII- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2016

2º Trimestre de 2016	
Portugueses Pelo Mundo	
Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
País	Grécia
Temática	Documentário
Pivô	N/A
Repórter	
Entrevistados	Adaptação Referência a símbolos nacionais "fado" Cultura Língua portuguesa Gastronomia Portugal Família Amigos Crise Referência geográfica a lugares e cidades (Lisboa).

3º Trimestre de 2016	
Portugueses Pelo Mundo	
Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
País	Letónia
Temática	Documentário
Pivô	N/A
Repórter	
Entrevistados	Boa Integração Portugal Gastronomia Família Luta e sacrifício Pátria Distância Saudades Terra natal

4º Trimestre de 2016 Portugueses Pelo Mundo Narrativa e Discurso (referências a Portugal)	
País	Malta
Temática	Documentário
Pivô	N/A
Repórter	
Entrevistados	Tradição Costumes Adaptação Portugal Família Casa Regresso Saudades Gastronomia Amigos Referência geográfica a lugares e cidades

Anexo XXIV- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2017

1º Trimestre de 2017 Portugueses Pelo Mundo Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
País	Equador
Temática	Documentário
Pivô	N/A
Repórter	N/A
Entrevistados	Saudades Portugal Adaptação Regresso Referência a símbolos nacionais "fado" Dificuldades

2º Trimestre de 2017 Portugueses Pelo Mundo Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
País	México
Temática	Documentário
Pivô	N/A
Repórter	N/A
Entrevistados	Adaptação Gastronomia e produtos portugueses Referências a símbolos nacionais (bandeira e futebol) Regresso Portugal Língua Portuguesa Saudades

3º Trimestre de 2017 Portugueses Pelo Mundo Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
País	Colômbia, Chipre, Espanha, China
Temática	Documentário - Especial Desporto
Pivô	N/A
Repórter	
Entrevistados	Saudades Adaptação Povo português Regresso

4º Trimestre de 2017 Portugueses Pelo Mundo Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
País	Angola
Temática	Documentário
Pivô	N/A
Repórter	
Entrevistados	Portugal Raízes Regresso

Anexo XXV- Narrativa e Discurso trimestral do ano de 2018

2ºTrimestre de 2018 Portugueses Pelo Mundo Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
País	Angola, Tailândia, Perú e Moçambique
Temática	Especial Turismo
Pivô	N/A
Repórter	
Entrevistados	Dificuldades Adaptação Saudades Regresso

3ºTrimestre de 2018 Portugueses Pelo Mundo Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
País	França, Cabo Verde, Canadá
Temática	Especial Comunicação Social
Pivô	N/A
Repórter	
Entrevistados	Dificuldades Adaptação Saudades Regresso Gastronomia Comunidade portuguesa Distância Família

Anexo XXVI- Narrativa e Discurso geral (todos os anos)

Portugueses Pelo Mundo (2016,2017,2018) Narrativa e Discurso (Referências a Portugal)	
Países	Grécia, Letónia, Malta, Equador, México, Colômbia, Chipre, Espanha, China, Angola, Tailândia, Perú, Moçambique; França, Cabo Verde, Canadá
Tema	Documentário
Pivô	N/A
Repórter	N/A
Entrevistados	Adaptação Amigos Casa Costumes Crise Cultura Distância Família Gastronomia e Produtos Portugueses Língua Portuguesa Luta Portugal Povo Português Referência a símbolos nacionais (fado, benfica, bandeira) Referências geográficas a lugares e cidades Regresso Saudades Sacrifício Terra Natal Tradição

Dados gerais

Anexo XXVII - Caracterização Geral dos Programas

Caracterização Geral dos Programas				
Temas	Hora dos Portugueses	Portugueses P/ Mundo	Notícias do Meu País	Total
Associativismo	2	N/A	N/A	2
Artes e Letras	6			6
Empresas e Economia	6			6
Informática	1			1
Consulados e Embaixadas	1			1
Desporto e Lazer	5			5
Documentário	N/A	9*	4	9
História de Vida	1	5		
Língua Portuguesa	2	N/A	N/A	2
Lusodescendentes	2			2
Religião	3			3
Restauração e Gastronomia	3			3
Hotelaria e Turismo	1			1
*Três dos programas tiveram emissões especiais (Especial Desporto, Especial turismo, Especial Comunicação Social)				
Países				
Alemanha	1	0	1	2
Angola	0	1	0	1
Austrália	3	0	0	3
Cabo Verde	0	1	0	1
Canadá	2	1	1	4
China	0	1	1	2
Chipre	0	1	0	1
Colômbia	0	1	0	1
Emirados Árabes Unidos	0	0	1	1
Equador	0	1	0	1
Espanha	0	1	0	1
EUA	11	0	1	12
França	1	1	1	3
Grécia	0	1	0	1
Holanda	0	0	1	1
Índia	2	0	0	2
Itália	0	0	1	1
Letónia	0	1	0	1
Macau	4	0	0	4
Malta	0	1	0	1
México	0	1	0	1
Moçambique	2	1	0	3
Perú	0	1	0	1
Reino Unido	3	0	0	3
Tailândia	0	1	0	1
Venezuela	4	0	0	4

Anexo XXVIII- Caracterização Geral dos Entrevistados

Caraterização dos Entrevistados				
	Hora dos Portugueses	Portugueses P/ Mundo	Noticias do Meu País	Total
Género				
Masculinos	74	20	61	155
Femininos	21	11	44	76
Idade				
até 20 anos				
21 a 30 anos	1	9		10
31 a 40 anos		16		16
41 a 50 anos		3	1	4
51 a 60		2	2	4
Mais de 60	1	1	1	3
Anos de Emigração				
Menos de 1 ano		2	1	3
1 a 5 anos	2	17	1	20
6 a 10 anos		7		7
11 a 15 anos	2			2
16 a 20 anos	1	1	1	3
21 a 30 anos			5	5
31 a 40 anos	1		1	2
Mais de 40	5		2	7
Razões para Emigrar				
Aventura	2		1	3
Condições de vida		1	1	2
Estudantes/Estágios		5		5
Proposta de Trabalho	1	10	2	13
Questões Familiares/Afetivas		12	6	18
Formação Académica				
Inferior ensino secundário	Sem Informação			
Ensino secundário				
Superior				
Área de Formação				
Arquitetura		1		1
Artes e Espetáculo		1		1
Comunicação, Multimédia e Marketing		2		2
Engenharia	1	2		3
Línguas		1		1
Saúde		2		2
Profissão/Cargo				
Arquitetos	4			4
Comunicação, Multimédia e Marketing	4	4	1	9
Construção Civil e operários fabris	1	1	1	3
Consulados, Embaixadas, Comunidades e Governo	12			12
Consultores		1		1
Cozinheiros e chefes	6			6
Desempregado		1		1
Desportistas	9	5		14
Economia, Contabilidade e Banca	5		2	7
Empresários, Proprietários e Comércio	11	2	8	21
Escritores e editores	3			3
Estudantes /Estagiários		2		2
Hotelaria e Turismo	1	2		3
Informática	2	3		5
Mecânica	1	1		2
Membros da Igreja	3		1	4
Membros de Associações	9		1	10
Motoristas	1		1	2
Músicos, Cantores e Balarinos	5	2	7	14
Outros*	12		82	94
Professores e Cargos relacionados com a Língua PT	3	1		4
Recrutamento e Apoio ao Cliente		3		3
Trab. Sociais, Voluntários e ONG		3		3

*Entrevistados sem profissão ou inativos (ex. antigo professor) ou grau de parentesco



Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Dissertação de Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura 2017/2018

A representação dos emigrantes portugueses nos programas sobre emigração na televisão portuguesa

Mestrando

Mara Lúcia Contreiras Alves

Orientador

Professor Doutor Luís Joaquim Rodrigues Luís Bonixe

Outubro 2018

